

— ✚ —
RELATOS
— DE UM —
PEREGRINO
RUSSO
— ✚ —



RELATOS DE UM PEREGRINO RUSSO

ANÓNIMO

Título original: *Récits d'un pèlerin russe à son père spirituel*
Éditions de La Baconnière, Neuchâtel, Suíça, 1963

Versão em PT-PT por IA (ChatGPT)
do ortodoxia.pt

PRIMEIRA PARTE

PREFÁCIO

«Quando um peregrino nos vem visitar, prostremo-nos diante dele. Não diante do homem, mas diante de Deus.» Se assim é — e quem o disse fala com autoridade —, diria que isso se aplica de modo especial ao protagonista e narrador da obra que temos diante de nós.

Pela porta que abrimos para acolher este peregrino solitário, entrará, de algum modo, a presença de Deus: uma presença viva que iluminará a nossa alma conforme as nossas necessidades e os nossos anseios.

Exortação magnífica e poderosa à vida espiritual, guia, estímulo e consolo, este «pequeno clássico» da espiritualidade — pequeno pela sua simplicidade e humildade, e clássico pela extraordinária difusão e acolhimento que conheceu — é, sem dúvida, obra de um experiente guia de almas. Ele soube dispor numa sequência gradual, segundo uma ordem especificamente espiritual, e não lógica ou teológica, uma série de relatos que, à primeira vista, podem parecer desligados uns dos outros e sem uma intenção definida.

O caminho que percorremos com o peregrino é, ao mesmo tempo, um itinerário espiritual vivido em acontecimentos concretos e, sobretudo, um ensinamento presente em cada um deles. Esse ensinamento conduz-nos progressivamente ao conhecimento da via espiritual tal como é entendida, em particular, pela tradição hesicasta.

Os relatos descrevem todas as etapas do Caminho: desde a inquietação inicial da alma, que desperta ao chamamento do alto, até à *hesychia*, o «santo silêncio», passando pelas fases prévias de purificação e iluminação.

Este «testamento» do hesicasmo, como gostaria de chamar a esta obra, constitui um testemunho inestimável: «o ramo mais direto e mais intacto da iniciação crística... que, desde os Padres do deserto até ao peregrino russo, representa indiscutivelmente o património mais inalterado da

espiritualidade cristã primitiva, isto é, propriamente crística, e a sua expressão mais pura e profunda». Não seria certamente correto supor que essa espiritualidade esteja já praticamente extinta, pelo menos no que respeita às suas manifestações visíveis.

Os dois pilares desta via, a doutrina e o método, são repetidamente expostos e comentados sob diversos ângulos. A primeira encontra-se reunida na *Filocalia*, «tesouro da sabedoria espiritual», como lhe chama o seu editor, Nicodemo, o Hagiorita. O segundo resume-se na «oração de Jesus», invocação do Nome divino e expressão por excelência da «lembrança» de Deus. Cumpre-se assim o mandamento que engloba todos os outros, como afirma, entre outros, Gregório, o Sinaíta, figura central na história do hesicasmo: «Acima dos mandamentos está aquele que os contém a todos: a lembrança de Deus. Lembra-te do Senhor teu Deus em todo o momento (Dt 8, 18). Foi por causa dele que os outros foram violados, e é por meio dele que os restantes são guardados. O esquecimento, no princípio, destruiu a lembrança de Deus, obscureceu os mandamentos e revelou ao homem a sua nudez.»

A obra não decepcionará, portanto, quem estiver disposto a chegar ao fundo, à raiz da nossa atual condição de esquecimento de Deus, e a procurar remediá-la na medida das suas possibilidades e dos desígnios da Providência. Há que ter presente o alcance total de uma via que, como a hesicasta, tem por meta a união da alma com Deus, até à identificação plena com a sua essência. Mas a obra também pode ser lida numa perspetiva menos radical: oferece igualmente — diria mesmo que necessariamente — ensinamentos de ordem moral, um conjunto de virtudes exemplares capazes de levar a alma piedosa a imitá-las e de despertar o fervor na alma tibia.

Do mesmo modo, num plano diferente, a obra oferece-nos um retrato histórico da vida espiritual da Santa Rússia nos anos imediatamente anteriores ao avanço implacável da Besta, que a transformaria na Rússia sinistra.

Não prolongaremos estas considerações gerais. A obra é suficientemente clara para dispensar apresentações. Quanto ao enquadramento erudito, a introdução e as notas da primeira parte fornecem

material suficiente; quanto ao seu valor espiritual, o prólogo da segunda parte falará melhor do que estas linhas.

Para esta edição, completa por incluir na segunda parte três relatos publicados posteriormente, mas inseparáveis dos primeiros, tomou-se como base, para a primeira parte, a tradução francesa de Jean Gauvain (pseudónimo de Jean Laloy), a mais difundida das versões ocidentais. Mantiveram-se a introdução e as notas, com algumas pequenas alterações consideradas oportunas. Para a segunda parte, tomou-se como base a tradução inglesa de R. M. French, em geral mais rigorosa e exata do que a tradução francesa da Abadia de Bellefontaine, que, ainda assim, também foi consultada. Nesta segunda parte, contamos com a colaboração de M. Charles Krafft, profundo conhecedor do assunto, que teve a gentileza de escrever um prólogo especialmente para a edição espanhola, aqui reproduzido.

INTRODUÇÃO

A Pierre Pascal

Foi na Biblioteca das Línguas Orientais, em Paris, que descobri este livro, graças a uma breve nota de Nicolas Berdiaev. Apesar da pressa imposta pela época de exames, não o larguei até à noite. De facto, mais do que muitos romances, estudos e ensaios, ele revela o mistério do povo russo naquilo que tem de mais íntimo: as suas crenças e a sua fé.

Não surpreende que os *Relatos de um Peregrino* tenham permanecido pouco conhecidos, se pensarmos nas condições em que foram publicados. Surgiram pela primeira vez em Kazan, por volta de 1865, numa forma ainda rudimentar e com muitos erros. Só em 1884 se publicou uma edição correta e acessível. Em pleno desenvolvimento das correntes socialista e naturalista, essa edição dificilmente poderia ter grande repercussão.

Foi apenas depois de 1920, quando alguns emigrados russos sentiram a nostalgia da pátria, que surgiu a necessidade de uma nova edição. O livro foi reimpresso por iniciativa do professor Vycheslavtsev. A presente tradução foi feita a partir desse texto.

Os *Relatos* foram publicados sem indicação do autor. Segundo o prefácio da edição de 1884, o padre Paísius, abade do mosteiro de São Miguel Arcanjo, em Kazan, teria copiado o texto de um monge russo do Monte Atos, cujo nome desconhecemos. Vários indícios levam-nos a crer que os relatos foram redigidos por um religioso depois de conversar com o peregrino. Esta hipótese, porém, não diminui a autenticidade do livro. O peregrino, um simples camponês de trinta e três anos, só estava familiarizado com a expressão oral. Escrever as suas aventuras ter-lhe-ia exigido um esforço imenso; expressões convencionais teriam substituído a linguagem antiga e simples que dá encanto aos seus relatos.

Por outro lado, um interlocutor atento poderia ter reproduzido fielmente o tom do peregrino e transmitido ao leitor as suas palavras. Muitos místicos só comunicaram a sua experiência espiritual com a ajuda de um cronista, cuja maior arte consiste em apagar-se perante os mistérios que revela. Essa pessoa talvez tenha sido o eremita do Monte Atos, ou talvez o padre

Ambrósio, o grande solitário de Optina — mestre de Ivan Kireevski e amigo de Dostoievski, Tolstói e Leontiev —, em cujos manuscritos foram encontrados três outros relatos, de tom mais didático, publicados em 1911.

Os *Relatos* estariam, assim, ligados ao movimento literário russo do século XIX naquilo que ele tem de mais sereno e puro. No meio da agitação dos escritos poéticos, romanescos e revolucionários, em que as tendências mais radicais do caráter russo se confrontam com violência, faltava esta nota inocente e cristalina, que é, sem dúvida, a sua tonalidade mais íntima.

O peregrino introduz o leitor no coração da vida russa, pouco depois da Guerra da Crimeia e antes da abolição da servidão, ou seja, entre 1856 e 1861. Cruzam-se com ele todas as personagens do romance russo: o príncipe que procura expiar uma vida dissipada, o chefe dos correios, bebedor e conflituoso, e o escrivão da província, incrédulo e liberal. Os condenados seguem em penosas etapas para a Sibéria; os correios imperiais esgotam os cavalos na planície imensa; os desertores vagueiam pelas florestas distantes. Nobres, camponeses, funcionários, membros de seitas, professores e padres: toda essa antiga Rússia rural reaparece, com os seus defeitos — entre os quais a embriaguez está longe de ser o menor — e as suas qualidades, sendo a mais bela a caridade, o amor espiritual ao próximo iluminado pelo amor de Deus.

Em redor estende-se a terra russa: uma planície imensa a perder de vista, florestas desertas, estalagens à beira dos caminhos, igrejas acabadas de pintar, com sinos reluzentes. O camponês, porém, nunca se detém a descrever o que os sentidos percebem. Cristão ortodoxo, procura a perfeição; a sua única preocupação é o absoluto.

Para o orientar na sua busca, o peregrino dispõe apenas de dois livros: a Bíblia e uma coletânea de textos dos Padres da Igreja, a *Filocalia*. Este último título permite-nos identificar a tradição a que pertence. Russo do século XIX, ele é um hesicasta — palavra derivada de *hesychia*, que significa calma, silêncio, contemplação.

O hesicasmo remonta aos primeiros séculos do cristianismo e tem as suas origens no Monte Sinai e no deserto do Egito. Na Igreja Oriental, apresenta-se como uma corrente mística distinta da tradição exclusivamente

ascética, oriunda de São Basílio, que predominou durante muito tempo após a condenação da doutrina de Orígenes, nos séculos V e VI.

A mística oriental, inspirada em Orígenes e em Gregório de Nissa, considera que o fim da alma humana é a deificação. A natureza humana é boa, embora tenha sido desfigurada pelo pecado. O caminho da salvação consiste em restituir-lhe a virtude original, restabelecendo no homem — imagem de Deus — a semelhança divina, por obra da graça. Sob a ação da graça, o espírito, libertado das paixões pela ascese, eleva-se à contemplação das razões das coisas criadas e chega, por vezes, à chamada «nuvem luminosa»: a contemplação obscura da Santíssima Trindade.

É a esse fim que se dedicam os eremitas e os grandes místicos dos primeiros dez séculos do cristianismo. Para fixarem o espírito nas realidades invisíveis, alguns adotaram práticas como a repetição frequente de uma breve oração: *Kyrie eleison*. Quem está habituado à recitação do terço não encontrará nisso motivo de admiração. A ideia de que o corpo participa na vida espiritual, ligada ao dogma da ressurreição futura, é, em si mesma, profundamente ortodoxa. Foi assim que, pouco a pouco e no meio de intensas controvérsias, se desenvolveu a doutrina que viria a ser conhecida como hesicasmo.

A partir do século XI, esta doutrina tende a desvirtuar-se. Sob a influência indireta de São Simeão, o Novo Teólogo, passa a atribuir-se um valor excessivo às visões e revelações sensíveis. Ninguém poderia ser considerado cristão se não tivesse conhecido e experimentado concretamente a graça. É uma teologia inquietante, à qual se contrapõem as palavras de Joana d'Arc aos doutores que lhe perguntaram se estava em estado de graça: «Se não estou, que Deus nele me coloque; se estou, que Deus nele me conserve.» Além disso, o cristão não pode seguir esse caminho sem correr perigo. A ação de Deus na alma é essencialmente misteriosa, «transpsicológica», para usar a expressão de Stolz.

Com efeito, a procura de iluminações leva a desprezar a prática ascética e a buscar meios considerados mais eficazes para alcançar visões. É o perigo do «caminho curto» e do quietismo, no qual a alma corre o risco de ser fulminada. Paralelamente, dá-se excessiva atenção aos processos corporais, à postura e ao papel do coração na oração. O hesicasta do século

XIV, que espera alcançar a salvação «sem esforço e sem dor», esquece-se de que, na vida espiritual, tudo é graça e de que ninguém pode dizer «Jesus é Senhor» senão pelo Espírito Santo (1 Cor 12, 3).

É esta doutrina que, apesar das controvérsias do século XIV, chega à Rússia por intermédio do *starets*, ou monge, Nil Sorski (1433–1508), uma das figuras mais puras do monaquismo russo, que pretendia proibir os mosteiros de possuir bens materiais. Depois de cair no esquecimento, foi recuperada por outro monge, Paísius Velitchkovski, no final do século XVIII. Os textos hesicastas que este reuniu e publicou em 1794 orientariam os eremitas e os místicos russos do século XIX.

Inserido na longa sucessão das gerações, o peregrino recebe a doutrina do hesicismo tal como os séculos a transformaram. A sua espiritualidade, porém, é pura. Se, por momentos, parece acreditar que a prática da oração basta para o levar a descobrir «como o Senhor é bom», o seu amor a Deus é demasiado grande para não ter uma origem sobrenatural. Também a austeridade quase espontânea da sua vida o protege. Sempre a caminhar de um lugar para outro, sem sequer ter uma pedra onde repousar a cabeça, encontra na oração perpétua, antes de mais, um meio de fixar a atenção no mistério da fé e de levar a alma a voltar-se para o seu interior. O seu espírito permanece sempre ativo, e a sua fé é iluminada por uma busca ardente e sincera.

A fé do peregrino não é uma emoção respeitosa perante mistérios poéticos: alimenta-se de ensinamentos teológicos. Àqueles que o procuram, oferece orientações concretas e explicações da doutrina, em vez de exortações generosas mas vagas. Conhecendo o homem à luz de Deus, conhece também o seu lugar e o seu papel no universo.

A moral do peregrino não é um conjunto de regras que aprendeu um dia, nem apenas uma forma de disciplina interior. Todas as suas ações são orientadas pelo desejo de perfeição espiritual. A ascese é condição da contemplação; não constitui um fim em si mesma. Deste modo, a vida espiritual recupera a sua unidade. Da fé nascem as obras, mas, sem obras, não há fé. Vindo de um mundo marcado pela queda, pela ignorância e pela fraqueza, o peregrino caminha para a nova Jerusalém, na qual entrará por inteiro, de corpo e alma, no fim dos tempos. Ao reunir todas as forças do

espírito para contemplar o Ser Absoluto, recebe por vezes de Cristo, o novo Adão, alguns dos privilégios do primeiro Adão.

Chega a esquecer o frio, a fome e a dor; até a própria natureza lhe parece transfigurada:

«Árvores, ervas, aves, terra, ar, luz: tudo me dizia que tudo existe para o homem, que tudo testemunha o amor de Deus pelo homem, que tudo reza e tudo canta a glória de Deus.»

Este otimismo libertador não é um privilégio exclusivo deste cristão. É uma tendência profunda do cristianismo. Santo Agostinho e, depois dele, os grandes doutores medievais não duvidam, tal como São Gregório de Nissa, de que a criação é boa e de que, após a queda, deve ser inteiramente abrangida pelo caminho da salvação. Se a Idade Média ocidental deu especial atenção ao mistério do pecado e da Cruz, foi porque as admiráveis consequências da Encarnação já tinham sido reveladas à consciência cristã pelos Padres da Igreja. Só as crises e ruturas do mundo moderno vieram obscurecer esta compreensão «cósmica» da teologia patrística, sem a qual não se pode entender o pensamento dos grandes doutores do Ocidente.

O peregrino pode conduzir a estas perspectivas tão amplas aqueles que o escutam com sinceridade. Será isso retirar-lhe o seu carácter russo? De modo nenhum; pelo contrário. Ele é uma expressão exemplar da piedade russa. Esta não formou uma escola de pensamento nem uma doutrina própria. Tal como um ícone de Novgorod, cujas cores vivas e fortes renovam os modelos recebidos de Bizâncio, a piedade russa deu às doutrinas do Oriente cristão um tom original e novo.

O sentido inato do mistério do homem, a compaixão, a piedade perante a dor e o pecado, a simplicidade de coração que purifica espontaneamente as doutrinas da Idade Média bizantina, a imitação direta, quase uma representação viva, da vida de Cristo e das verdades evangélicas: são estes os traços fundamentais da piedade russa.

Existe, assim, na Rússia, um imenso potencial religioso, uma poderosa força popular que não chegou a exprimir-se numa doutrina própria. Até ao século XIX, não há uma teologia russa: tudo é traduzido ou adaptado do

grego e, secundariamente, do latim. Com a possível exceção da Idade Média russa, a fusão entre o pensamento religioso e a piedade popular só aconteceu em casos individuais, de que o peregrino é exemplo. Na vida da Igreja, esta falta de unidade confere à ideia religiosa russa o seu caráter trágico e está na origem de crises violentas. Abandonada a si mesma, a Igreja russa depressa conheceu a ingerência do Estado. Sem apoio, enfraqueceu; o cisma dilacerou-a e, pouco a pouco, foi perdendo a sua coesão. Nas florestas onde Nil Sorski se entregara à meditação solitária, acenderam-se, no século XVII, as trágicas fogueiras dos Velhos Crentes. A força espiritual refugiou-se nos eremitérios e nos mosteiros, junto dos monges; por vezes irradiou até ao povo, mas a unidade orgânica estava desfeita. Os enormes esforços dos leigos para criar, no século XVIII, uma doutrina religiosa russa apoiaram-se apenas numa realidade difusa: faltou-lhes solidez e permaneceram isolados. É certo que a alma russa continua, acima de tudo, religiosa. Mas à fé sucede uma religiosidade em que surgem manifestações terríveis de fanatismo obscuro, de niilismo total e de ateísmo militante: o poder das trevas!

Voltado para o absoluto por uma misteriosa vocação, o povo russo — como todos os povos da Europa — falhou a sua missão histórica: construir uma civilização progressivamente impregnada pela Verdade, num equilíbrio vivo entre os abismos do pecado e a infinita graça divina. A visão de uma Rússia que reconciliaria o Oriente e o Ocidente, por um instante vislumbrada por Soloviev, parece ter desaparecido para sempre. Mas de um mal radical pode nascer um bem infinito. É entre temor e tremor que se prepara a ressurreição.

«Chora, chora, povo miserável», canta o Inocente de Mussorgski, esse irmão do peregrino. «Chora, povo faminto: Deus terá piedade de ti.»

Genebra, Festa da Ressurreição do Senhor, 25 de abril de 1943
Jean Gouvain

PRIMEIRO RELATO: APRENDIZAGEM DA ORAÇÃO

Pela graça de Deus, sou homem e cristão; pelas minhas obras, um grande pecador; pela minha condição, um peregrino sem abrigo, dos mais humildes, sempre a vaguear de terra em terra. Tudo o que possuo é uma sacola de pão seco às costas e a santa Bíblia junto ao peito. E é tudo.

No vigésimo quarto domingo depois da Trindade, entrei numa igreja para rezar durante a celebração. Lia-se a Primeira Epístola do Apóstolo aos Tessalonicenses, na passagem que diz: «Orai sem cessar.» Estas palavras gravaram-se profundamente no meu espírito. Perguntei a mim mesmo como seria possível rezar sem cessar, quando cada um tem tantos trabalhos a fazer para assegurar o seu sustento. Procurei na Bíblia e li com os meus próprios olhos o que tinha ouvido: «Orai sem cessar» (1 Ts 5, 17); «orai em todo o tempo, no Espírito» (Ef 6, 18); e «erguei em todo o lugar mãos santas» (1 Tm 2, 8). Por mais que refletisse, não sabia o que pensar.

«Que hei de fazer?», pensava. «Onde encontrarei alguém que me explique estas palavras? Irei às igrejas onde pregam homens conhecidos; talvez aí encontre o que procuro.»

E pus-me a caminho. Ouvi belos sermões sobre a oração. Todos, porém, falavam dela em termos gerais: o que é a oração, porque é necessário rezar e quais são os seus frutos. Mas nada diziam sobre a maneira de aprender a rezar verdadeiramente. Ouvi um sermão sobre a oração em espírito e a oração perpétua, mas também aí não explicaram como alcançá-las. Assim, os sermões não me deram a resposta que procurava. Deixei de os frequentar e decidi partir, com a ajuda de Deus, à procura de um homem sábio e experiente que me explicasse aquele mistério, pois era isso que atraía irresistivelmente o meu espírito.

Caminhei durante muito tempo. Lia a Bíblia e perguntava às pessoas se não haveria, em algum lugar, um mestre espiritual ou um guia sábio e experiente. Um dia, disseram-me que numa aldeia vivia, havia já muitos anos, um senhor inteiramente dedicado à sua salvação: tinha uma capela em casa, nunca saía, rezava continuamente a Deus e lia livros espirituais. Ao

ouvir isto, desatei a correr em direção à aldeia. Quando lá cheguei, fui a casa desse senhor.

— Que desejas de mim? — perguntou ele.

— Soube que sois um homem piedoso e sábio. Por isso vos peço, em nome de Deus, que me expliqueis o significado destas palavras do Apóstolo: «Orai sem cessar.» Como é possível rezar assim? É isso que desejo compreender, mas não consigo.

O senhor ficou em silêncio, olhou-me atentamente e disse:

— A oração interior perpétua é o esforço constante do espírito humano para se elevar até Deus. Para progredires nesta prática benéfica, convém pedires muitas vezes ao Senhor que te ensine a rezar sem cessar. Reza mais e com maior fervor; a própria oração te fará compreender como pode tornar-se perpétua. Mas isso leva muito tempo.

Depois de dizer estas palavras, mandou que me dessem de comer, ofereceu-me alguma coisa para a viagem e despediu-se de mim. Mas nada me tinha explicado.

Retomei o caminho. Pensava, lia e refletia, tanto quanto podia, sobre o que aquele senhor me dissera, mas continuava sem compreender. Era tão grande o meu desejo de perceber que nem de noite conseguia dormir. Depois de percorrer duzentas versts, cheguei a uma sede administrativa da província. Vi que ali havia um mosteiro. Na hospedaria disseram-me que o superior era um homem piedoso, hospitaleiro e caridoso. Fui procurá-lo. Recebeu-me com bondade, fez-me sentar e ofereceu-me comida.

— Meu santo padre — disse-lhe —, não preciso de uma refeição. Gostaria, isso sim, que me désseis um ensinamento espiritual: como posso alcançar a salvação?

— Como alcançar a salvação? Pois bem: vive segundo os mandamentos, reza a Deus e serás salvo!

— Aprendi que é preciso rezar sem cessar, mas não sei como fazê-lo nem consigo compreender o que significa a oração perpétua. Peço-vos, meu padre, que mo expliqueis.

— Meu irmão, não sei explicar-te melhor. Espera! Tenho um pequeno livro que fala disso.

E deu-me a *Instrução espiritual do homem interior*, de São Dimitri.

— Toma, lê esta página.

Comecei a ler: «Estas palavras do Apóstolo, “É preciso rezar sem cessar”, aplicam-se à oração feita pela inteligência; com efeito, a inteligência pode permanecer sempre voltada para Deus e rezar sem cessar.»

— Explicai-me de que maneira a inteligência pode permanecer sempre voltada para Deus, sem se distrair, e rezar continuamente.

— Isso é muito difícil, se Deus não conceder esse dom — respondeu o superior.

Mas também ele nada me tinha explicado. Passei a noite no mosteiro e, na manhã seguinte, depois de lhe agradecer a cordial hospitalidade, retomei o caminho, sem saber bem para onde ir. Sentia-me triste por não conseguir compreender e, para me consolar, lia a santa Bíblia. Caminhei assim durante cinco dias. Finalmente, uma tarde, encontrei um velhinho que parecia ser religioso.

À minha pergunta, respondeu que era monge e que o mosteiro onde vivia com alguns irmãos ficava a dez quilómetros da estrada. Convidou-me a parar lá.

— Recebemos os peregrinos — disse-me —, cuidamos deles e damos-lhes de comer na hospedaria.

Não me apetecia nada ir e respondi:

— O descanso que procuro não depende de um lugar onde dormir, mas de um ensinamento espiritual. Não ando à procura de comida; tenho bastante pão seco na sacola.

— Mas que ensinamento procuras? O que desejas compreender melhor? Vem connosco, meu irmão! Temos monges experientes que poderão orientar-te espiritualmente e guiar-te pelo verdadeiro caminho, à luz da Palavra de Deus e dos ensinamentos dos Padres.

— Vede, meu padre: há cerca de um ano, durante uma celebração, ouvi este mandamento do Apóstolo: «Orai sem cessar.» Como não sabia interpretar estas palavras, pus-me a ler a Bíblia. Encontrei nelas, em muitas passagens, o mandamento de Deus: é preciso rezar continuamente, em todo o lugar e em qualquer ocasião, durante os trabalhos de cada dia e até durante o sono: «Eu durmo, mas o meu coração vigia» (Ct 5, 2). Isto espantou-me muito. Não consigo compreender como se pode fazer tal coisa nem que meios permitem alcançá-la. Despertou em mim um desejo tão intenso de o saber que, de dia e de noite, estas palavras não me saem da cabeça. Comecei, então, a frequentar as igrejas e a ouvir sermões sobre a oração. Mas, por mais sermões que ouvisse, nunca aprendi a rezar sem cessar. Falavam sempre da preparação para a oração e dos seus frutos, sem ensinar como rezar continuamente nem o que significa essa oração. Li muitas vezes a Bíblia e nela encontrei aquilo que tinha ouvido; contudo, continuo sem compreender o que desejo saber. Desde então, sinto-me inseguro e inquieto.

O monge fez o sinal da cruz e começou a falar:

— Dá graças a Deus, querido irmão, por Ele ter despertado em ti uma atração irresistível pela oração interior perpétua. Reconhece nisso o chamamento de Deus e tranquiliza-te: já se tornou evidente que a tua vontade deseja corresponder à palavra divina. Foi-te dado compreender que não são a sabedoria do mundo nem uma vã curiosidade que conduzem a essa luz celeste, a oração interior perpétua, mas a pobreza de espírito e a prática vivida com simplicidade de coração.

— Por isso, não admira que não tenhas ouvido uma explicação mais profunda sobre o ato de rezar nem aprendido como alcançar a oração

contínua. É verdade que se prega muito sobre a oração e que existem muitos escritos recentes acerca dela. Contudo, os seus autores baseiam-se sobretudo em raciocínios e conceitos da razão natural, em vez de se apoiarem na experiência adquirida pela prática. Falam mais do que acompanha a oração do que da sua essência. Um explica muito bem porque é necessário rezar; outro fala da força e dos efeitos benéficos da oração; um terceiro enumera as condições para rezar bem: o fervor, a atenção, o calor do coração, a pureza de espírito, a humildade e o arrependimento. Mas raramente os pregadores do nosso tempo respondem às perguntas essenciais: o que é a oração e como se aprende a rezar? São perguntas mais difíceis do que todas aquelas explicações e exigem um conhecimento místico, não apenas um conhecimento adquirido pelo estudo.

— Mais triste ainda: essa sabedoria superficial leva a medir Deus pela medida humana. Muitos cometem o grave erro de pensar que a preparação e as boas obras produzem a oração, quando, na realidade, é a oração que dá origem às boas obras e às virtudes. Confundem os frutos da oração com os meios de a alcançar e, desse modo, diminuem a sua força. É uma maneira de pensar contrária à Escritura, pois o apóstolo Paulo diz a respeito da oração: «Recomendo, antes de tudo, que se façam orações» (1 Tm 2, 1).

— Assim, o Apóstolo coloca a oração em primeiro lugar. Ao cristão são pedidas muitas boas obras, mas a oração está acima de todas elas, porque, sem oração, nenhum bem pode ser feito. Sem rezar frequentemente, não se pode encontrar o caminho que conduz ao Senhor, conhecer a Verdade, crucificar a carne com as suas paixões e desejos, receber no coração a luz de Cristo e unir-se a Ele para alcançar a salvação.

— Digo «frequentemente» porque a perfeição e a correção da nossa oração não dependem de nós, como afirma também o apóstolo Paulo: «Não sabemos pedir como convém» (Rm 8, 26). Só a frequência da oração foi deixada ao nosso alcance como meio de chegar à oração pura, que é a mãe de todos os bens espirituais. «Adquire a mãe e terás descendência», diz Santo Isaac, o Sírio, ensinando que é preciso, antes de mais, adquirir a oração para conseguir praticar todas as virtudes. Mas aqueles que não conhecem a prática nem os ensinamentos dos Padres da Igreja compreendem mal estas questões e pouco falam delas.

Enquanto conversávamos, chegámos ao mosteiro sem dar por isso. Para não me separar daquele sábio ancião e obter mais depressa a resposta que desejava, apressei-me a dizer-lhe:

— Peço-vos, venerável padre, que me expliqueis o que é a oração interior perpétua e como se pode aprendê-la. Vejo que a conheceis por experiência profunda e segura.

O monge acolheu o meu pedido com bondade e convidou-me a entrar:

— Vem à minha cela. Dar-te-ei um livro dos Padres que te permitirá compreender claramente o que é a oração e aprender a praticá-la, com a ajuda de Deus.

Entrámos na cela e o monge disse-me:

— A oração interior e perpétua de Jesus consiste na invocação contínua e ininterrupta do seu nome, com os lábios, o coração e a inteligência, conscientes da sua presença em todo o tempo e lugar, mesmo durante o sono. Exprime-se por estas palavras: «Senhor Jesus Cristo, tende piedade de mim!» Quem se habitua a esta invocação sente grande consolação e necessidade de a repetir sempre. Passado algum tempo, já não consegue viver sem ela, e a oração brota espontaneamente dentro de si. Compreendes agora o que é a oração perpétua?

— Compreendo perfeitamente, meu padre! Em nome de Deus, ensinaime agora como alcançá-la! — exclamei, cheio de alegria.

— Veremos neste livro como se aprende a rezar assim. Chama-se *Filocalia*. Reúne ensinamentos completos e pormenorizados sobre a oração interior perpétua, expostos por vinte e cinco Padres. É tão útil e tão valioso que se considera um guia essencial para a vida contemplativa e, como diz o bem-aventurado Nicéforo, «conduz à salvação sem cansaço nem dor».

— Será então mais importante do que a santa Bíblia? — perguntei.

— Não. Não é mais importante nem mais santa do que a Bíblia. Mas contém explicações esclarecedoras sobre aquilo que ainda nos parece

misterioso na Escritura, devido à fraqueza do nosso espírito, incapaz de alcançar, por si só, tais alturas. Vou dar-te uma comparação: o sol é um astro majestoso e resplandecente, mas não podemos fitá-lo a olho nu. Para o contemplar e suportar os seus raios ardentes, precisamos de uma lente, infinitamente menor e mais frágil do que ele. Pois bem: a Escritura é esse sol resplandecente, e a *Filocalia* é a lente.

— Escuta agora. Vou ler-te como se pratica a oração interior perpétua.

O monge abriu a *Filocalia*, escolheu uma passagem de São Simeão, o Novo Teólogo, e começou a ler:

«Senta-te em silêncio e solidão, inclina a cabeça e fecha os olhos. Respira mais devagar; dirige a imaginação para o interior do coração e faz descer a inteligência, isto é, o pensamento, da cabeça ao coração. Diz, ao ritmo da respiração: “Senhor Jesus Cristo, tende piedade de mim”, em voz baixa ou apenas no teu espírito. Esforça-te por afastar todos os pensamentos, tem paciência e repete muitas vezes este exercício.»

Em seguida, o monge explicou-me tudo isto com exemplos. Lemos ainda na *Filocalia* os ensinamentos de São Gregório, o Sinaíta, e dos bem-aventurados Calisto e Inácio. O monge explicava-me por palavras suas tudo o que líamos. Eu escutava com atenção e encanto, procurando guardar cada palavra na memória com a maior exatidão possível. Assim passámos a noite inteira e fomos às Matinas sem ter dormido.

Ao despedir-se de mim, o monge abençoou-me e disse-me que voltasse a falar com ele enquanto aprendia a oração, para lhe abrir o coração com franqueza e simplicidade. Lançar-se à vida espiritual sem um guia, explicou, seria inútil.

Na igreja, senti um fervor ardente que me levava a dedicar-me cuidadosamente à oração interior perpétua, e pedi a Deus que me ajudasse. Depois pensei que seria difícil visitar o monge para lhe abrir o coração ou pedir conselho: na hospedaria não me deixariam ficar mais de três dias e, perto do mosteiro, não havia onde me alojar. Felizmente, soube que existia uma aldeia a quatro quilómetros dali. Fui procurar um lugar e, para minha felicidade, Deus favoreceu-me. Um camponês aceitou que eu tomasse conta

da sua propriedade, com a condição de passar o verão sozinho numa cabana ao fundo da horta. Graças a Deus, tinha encontrado um lugar sossegado. Comecei então a viver ali e a praticar a oração interior da forma que me fora ensinada, indo muitas vezes consultar o monge.

Durante uma semana, pratiquei a oração interior na solidão daquele lugar, seguindo rigorosamente os conselhos do monge. Ao princípio, tudo parecia correr bem. Depois senti um grande peso, preguiça, aborrecimento e um sono irresistível; os pensamentos caíam sobre mim como nuvens. Fui ter com o monge, muito triste, e contei-lhe o que se passava. Recebeu-me com bondade e disse:

— Meu querido irmão, é a luta que o mundo das trevas trava contra ti, pois nada teme tanto como a oração do coração. Procura perturbar-te e fazer-te perder o gosto pela oração. Mas o inimigo só pode agir com a permissão de Deus e na medida em que isso nos é necessário. Sem dúvida, a tua humildade precisa de ser posta à prova. Ainda é cedo para procurares chegar ao fundo do coração com tamanho ardor; arriscar-te-ias a cair na avidez espiritual. Vou ler-te o que a *Filocalia* diz a este respeito.

O meu mestre procurou os ensinamentos do monge Nicéforo e leu:

«Meu irmão, se, apesar dos teus esforços, não consegues entrar no fundo do coração, como te recomendei, faz o que te digo e, com a ajuda de Deus, encontrarás o que procuras. Sabes que a razão do homem se encontra no seu peito... Afasta, pois, dela todos os pensamentos — podes fazê-lo, se quiseses — e dá-lhe esta oração: “Senhor Jesus Cristo, tende piedade de mim.” Esforça-te por substituir por esta invocação interior qualquer outro pensamento. Com o tempo, isso abrir-te-á certamente o fundo do coração: a experiência comprova-o.»

— Vês o que os Padres ensinam neste caso? — disse-me o monge. — Por isso, aceita com confiança este conselho e recita a oração de Jesus tantas vezes quantas puderes. Aqui tens um rosário com o qual poderás, ao princípio, rezá-la três mil vezes por dia. De pé, sentado, deitado ou a caminhar, diz continuamente, com suavidade e sem pressa: «Senhor Jesus Cristo, tende piedade de mim!» Recita-a exatamente três mil vezes por dia,

sem acrescentar nem retirar nenhuma. Assim chegarás à atividade contínua do coração.

Ouvi estas palavras com alegria e voltei para casa. Comecei a cumprir fiel e rigorosamente o que ele me ensinara. Durante dois dias senti alguma dificuldade; depois, a oração tornou-se tão fácil que, quando parava, sentia necessidade de recomeçar. Ela surgia então com facilidade e suavidade, sem o esforço inicial. Conteí-o ao monge, que me mandou rezá-la seis mil vezes por dia e me disse:

— Mantém-te tranquilo e esforça-te apenas por cumprir fielmente o número de orações que te foi indicado. Deus terá misericórdia de ti.

Durante toda a semana, permaneci sozinho na cabana, recitando diariamente as minhas seis mil orações. Não me preocupava com mais nada, nem precisava de lutar contra os pensamentos; procurava apenas cumprir exatamente as instruções do monge. Que aconteceu? Habituei-me tão bem à oração que, se parava por um instante, sentia um vazio, como se tivesse perdido alguma coisa. Assim que recomeçava, voltava a sentir-me leve e feliz. Se encontrava alguém, já não me apetecia conversar; desejava apenas ficar sozinho e recitar a oração. Ao fim de uma semana, estava tão habituado a ela que não queria fazer outra coisa.

O monge, que não me via havia dez dias, veio pessoalmente saber de mim. Expliquei-lhe o que se passava. Depois de me ouvir, disse:

— Já te habituaste à oração. Agora é preciso conservar e fortalecer esse hábito. Não percas tempo e, com a ajuda de Deus, toma a decisão de recitar doze mil orações por dia. Permanece em solidão, levanta-te um pouco mais cedo, deita-te um pouco mais tarde e vem visitar-me duas vezes por mês.

Obedeci às suas instruções. No primeiro dia, quase não consegui completar as doze mil orações; só terminei muito tarde, à noite. No dia seguinte, foi mais fácil e rezei com gosto. Ao princípio, senti cansaço e alguma rigidez na língua e no maxilar, mas nada de desagradável. Depois, doeu-me um pouco o céu da boca e também o polegar da mão esquerda, com o qual passava as contas do rosário. O braço aquecia até ao cotovelo, causando-me uma sensação agradável que me estimulava a rezar ainda

melhor. Durante cinco dias, cumpri fielmente as doze mil orações e, ao mesmo tempo que adquiria o hábito, cresciam em mim a atração e o gosto pela oração.

Uma manhã, acordei muito cedo — ou melhor, foi a oração que me despertou. Comecei a recitar as orações da manhã, mas a língua parecia não me obedecer e eu só desejava rezar a oração de Jesus. Mal comecei a fazê-lo, senti-me feliz; os lábios moviam-se espontaneamente, sem esforço. Passei o dia inteiro muito alegre. Sentia-me como que afastado de tudo, noutra mundo. Acabei as doze mil orações antes do anoitecer, sem dificuldade alguma. Desejava muito continuar, mas não me atrevia a ultrapassar o número indicado pelo monge. Nos dias seguintes, continuei a invocar o nome de Jesus Cristo com facilidade e sem nunca me cansar.

Fui visitar o monge e contei-lhe tudo em pormenor.

Quando acabei, disse-me:

— Deus deu-te o desejo de rezar e a possibilidade de o fazer sem dificuldade. É um efeito natural do exercício e da prática constante. Acontece como a uma máquina: depois de se pôr em movimento, continua a girar; mas, para que não pare, é preciso lubrificá-la e dar-lhe novo impulso. Vês agora as admiráveis capacidades que Deus, amigo dos homens, concedeu à natureza humana, sensível por si mesma. Conheceste as sensações extraordinárias que podem surgir até numa alma pecadora, numa natureza impura que a graça ainda não iluminou. Mas que perfeição, alegria e felicidade poderá o homem alcançar quando Deus lhe revelar a oração espiritual espontânea e purificar a sua alma das paixões! É um estado impossível de descrever; a revelação deste mistério é uma antecipação das alegrias do céu. É um dom concedido àqueles que procuram o Senhor com um coração simples e cheio de amor. A partir de agora, podes rezar quantas vezes quiseres. Procura passar em oração todo o tempo em que estiveres acordado e invoca o nome de Jesus sem contares as vezes, entregando-te humildemente à vontade de Deus e confiando na sua ajuda. Ele não te abandonará e guiará o teu caminho.

Seguindo esta orientação, passei todo o verão a rezar continuamente a oração de Jesus e senti-me inteiramente tranquilo. Até durante o sono

sonhava que a rezava. De dia, quando encontrava alguém, todas as pessoas me pareciam tão próximas como se fossem da minha família. Os pensamentos tinham-se aquietado, e eu vivia entregue à oração. Dispunha o espírito a escutá-la e, por vezes, sentia no coração uma espécie de calor e uma grande alegria. Quando entrava na igreja, as longas celebrações do mosteiro pareciam-me breves e já não me cansavam. A minha cabana solitária parecia-me um magnífico palácio. Não sabia como agradecer a Deus por me ter enviado, a mim, pobre pecador, um monge cujos ensinamentos me faziam tanto bem.

Mas não pude beneficiar por muito tempo da orientação daquele querido e sábio monge: morreu no fim do verão. Despedi-me dele em lágrimas e, depois de lhe agradecer os ensinamentos paternais, pedi que me deixassem, como bênção, o rosário com que costumava rezar. Fiquei assim sozinho. O verão terminou e todos os frutos da horta foram colhidos. Deixei de ter onde morar. O camponês deu-me dois rublos de prata pelo meu trabalho, encheu-me a sacola de pão para a viagem e retomei a vida de peregrino. Mas já não me sentia tão desamparado como antes: a invocação do nome de Jesus Cristo alegrava-me ao longo do caminho e todos me tratavam com bondade. Parecia-me que toda a gente gostava de mim.

Um dia, perguntei a mim mesmo o que faria com os rublos que o camponês me dera. Para que me serviriam? Já não tinha o monge nem outra pessoa que me orientasse. Decidi comprar uma *Filocalia* e aprender nela a oração interior. Cheguei a uma vila e comecei a procurar o livro nas lojas. Acabei por encontrar um exemplar, mas o vendedor pedia três rublos e eu só tinha dois. Regateei quanto pude, sem conseguir que baixasse o preço. Por fim, disse-me:

— Vai à igreja e pergunta ao sacristão. Tem um livro velho como este; talvez te dê por ele os teus dois rublos.

Fui à igreja e consegui, de facto, comprar por dois rublos uma *Filocalia* muito velha e bastante danificada. Fiquei tão feliz! Reparei o livro como pude, com um pedaço de pano, e guardei-o na sacola, junto da Bíblia.

É assim que caminho agora, rezando sem cessar a oração de Jesus, que me é mais doce e querida do que tudo no mundo. Por vezes, percorro mais

de setenta quilómetros num dia e quase não dou por estar a andar: só sinto que rezo. Se apanho muito frio, rezo com mais atenção e depressa aqueço. Se a fome aperta, invoco mais vezes o nome de Jesus Cristo e esqueço-me dela. Se adoço ou me doem as costas ou as pernas, concentro-me na oração e deixo de sentir a dor. Se alguém me ofende, penso apenas na oração de Jesus, tão benéfica, e logo desaparecem a raiva e o sofrimento; esqueço-me de tudo. O meu espírito tornou-se muito simples. Não me preocupo com nada nem me prendo às coisas exteriores; gostaria de estar sempre sozinho. Por força do hábito, só sinto agora uma necessidade: rezar continuamente. Quando o faço, sinto-me alegre. Deus sabe o que se passa comigo. Naturalmente, talvez tudo isto não passe de sensações ou, como dizia o monge, de efeitos da natureza e de um hábito adquirido. Ainda não me atrevo a começar a praticar a oração espiritual no íntimo do coração: sou demasiado indigno e ignorante. Espero a hora de Deus e confio na proteção do monge que foi meu mestre. Ainda não alcancei, portanto, a oração espiritual do coração, espontânea e perpétua. Mas, graças a Deus, compreendo agora muito bem aquelas palavras do Apóstolo que ouvi há tanto tempo:

«Orai sem cessar.»

SEGUNDO RELATO: ATRAVÉS DA SIBÉRIA

A oração de Jesus

Durante muito tempo, percorri as mais diversas regiões, sempre acompanhado pela oração de Jesus, que me fortalecia e consolava ao longo dos caminhos, em todas as circunstâncias e encontros. Por fim, pareceu-me que seria bom parar em algum lugar, onde encontrasse maior solidão para estudar a *Filocalia*. Até então, só podia lê-la à noite, quando interrompia a viagem, ou durante o descanso do meio-dia. Desejava profundamente dedicar-me a essa leitura e nela encontrar, com fé, o verdadeiro ensinamento sobre a salvação da alma pela oração do coração. Infelizmente, não conseguia arranjar trabalho manual para poder estabelecer-me num lugar, pois, desde a infância, não podia servir-me do braço esquerdo. Sem possibilidade de me fixar, dirigi-me à Sibéria, em direção ao santuário de Santo Inocêncio de Irkutsk. Pensava que nas florestas e estepes dessa região encontraria mais silêncio e poderia dedicar-me com maior facilidade à leitura e à oração. Assim parti, recitando sempre a oração.

Passado algum tempo, senti que a oração entrava por si mesma no meu coração. Era como se o coração, ao bater regularmente, recitasse as palavras sagradas ao ritmo das pulsações: numa batida, «Senhor»; noutra, «Jesus»; na seguinte, «Cristo», e assim por diante. Deixei de murmurar com os lábios e passei a escutar atentamente o que dizia o coração, lembrando-me de que o monge me falara da alegria que isso trazia. Depois senti uma ligeira dor no coração e um amor tão grande por Jesus Cristo que me parecia que, se O visse, me lançaria aos seus pés, abraçando-os e lavando-os com as minhas lágrimas. Agradecer-Lhe-ia o consolo que, na sua bondade e no seu amor pela criatura indigna e culpada, nos dá através do seu nome.

Em breve comecei a sentir no coração um calor reconfortante, que se estendeu por todo o peito. Isto levou-me a ler a *Filocalia* com redobrada atenção, para verificar aquelas sensações e estudar o desenvolvimento da oração interior do coração. Sem esse cuidado, receava enganar-me, tomar por efeitos da graça aquilo que era apenas natural e envaidecer-me por ter aprendido tão depressa a rezar, como o monge me prevenira. Por isso,

passsei a caminhar apenas de noite e a dedicar o dia à leitura da *Filocalia*, sentado na floresta, debaixo das árvores. Ah, quantas coisas novas, profundas e até então desconhecidas descobri nessas páginas! Sentia, assim ocupado, uma felicidade maior do que alguma vez imaginara. É certo que algumas passagens continuavam além da compreensão do meu espírito limitado; mas a oração do coração ajudava-me a esclarecer aquilo que não entendia. Por vezes, via em sonhos o meu amigo monge, que me explicava as dificuldades e encaminhava a minha alma, tão lenta a compreender, para uma humildade cada vez maior. Passei dois longos meses de verão nessa felicidade. Viajava sobretudo pelos bosques e caminhos rurais. Quando chegava a uma aldeia, pedia alguns pães e um punhado de sal, enchia a cabaça de água e partia para percorrer mais cem quilómetros.

O peregrino é atacado por ladrões

Certamente por causa dos meus pecados, ou para me fazer progredir na vida espiritual, surgiram provações quando o verão já terminava. Foi assim: uma noite, ao chegar a uma estrada principal, encontrei dois homens que traziam capacetes de soldado. Pediram-me dinheiro. Quando lhes disse que não tinha um tostão, não acreditaram e gritaram com brutalidade:

— Mentos! Os peregrinos arranjam muito dinheiro!

Um deles acrescentou:

— Não vale a pena perder tempo a falar com ele!

E deu-me uma pancada na cabeça com um cajado grosso. Caí sem sentidos.

Não sei quanto tempo ali fiquei. Quando voltei a mim, percebi que estava na floresta, perto da estrada. Tinha a roupa rasgada e a sacola desaparecera; restavam apenas pedaços das cordas com que a prendia. Graças a Deus, não tinham levado o meu documento de identificação, que guardava dentro do gorro para o poder mostrar rapidamente quando fosse necessário. Levantei-me e chorei amargamente, não tanto por causa das pancadas, mas pelos livros — a Bíblia e a minha *Filocalia* — que estavam

na sacola roubada. Chorei e lamentei-me durante todo o dia e toda a noite. Onde estaria a Bíblia que lia desde pequeno e trazia sempre comigo? Onde estaria a *Filocalia*, de onde tirava ensinamento e consolo? Pobre de mim! Perdera o único tesouro da minha vida sem ter podido aproveitar tudo o que ele me oferecia. Mais valia morrer do que viver sem alimento espiritual. Nunca recuperaria os meus livros!

Durante dois dias, fiquei tão abatido que mal conseguia andar. Ao terceiro, exausto, caí junto de um arbusto e adormeci. Sonhei que estava no mosteiro, na cela do meu amigo monge, e lhe contava entre lágrimas a minha tristeza. Depois de me consolar, disse-me:

— Que isto te ensine a desapegar-te das coisas terrenas, para caminhares mais livremente para o céu. Esta provação foi-te enviada para que não caias na busca do prazer espiritual. Deus quer que o cristão renuncie à sua própria vontade e a todos os seus apegos, entregando-se inteiramente à vontade divina. Tudo o que Ele faz visa o bem e a salvação do homem. «Ele quer que todos sejam salvos» (1 Tm 2, 4). Tem coragem e acredita que, com a tentação, Deus te dará também os meios de sair dela e a força para a suportar (1 Cor 10, 13). Em breve receberás um consolo maior do que a tua dor.

Acordei ao ouvir estas palavras. Senti novas forças no corpo e, na alma, como que uma aurora de tranquilidade.

— Faça-se a vontade de Deus! — disse.

Levantei-me, fiz o sinal da cruz e parti. A oração agia no meu coração como antes e, durante três dias, caminhei serenamente.

De repente, encontrei na estrada um grupo de condenados a trabalhos forçados, conduzidos sob escolta. Ao aproximar-me, reconheci os dois homens que me tinham roubado. Como seguiam à frente, lancei-me aos seus pés e supliquei-lhes que me dissessem onde estavam os meus livros. Primeiro, fingiram não me reconhecer. Depois, um deles respondeu:

— Se nos deres alguma coisa, dir-te-emos onde estão os livros. Tens de nos dar um rublo de prata.

Prometi que lhes daria o dinheiro de qualquer maneira, nem que tivesse de mendigar para o conseguir.

— Se quiserdes, ficai com o meu documento de identificação como garantia.

Disseram-me então que os livros estavam nos carros, juntamente com os outros objetos que tinham roubado.

— Como posso recuperá-los?

— Pede-os ao capitão da escolta.

Corri até ao capitão e contei-lhe tudo em pormenor. Durante a conversa, perguntou-me se sabia ler a Bíblia.

— Sei ler e também escrever — respondi. — Vereis na capa da Bíblia uma inscrição que mostra que me pertence. Aqui está o meu documento de identificação, com o meu nome e apelido.

O capitão disse-me:

— Esses ladrões são desertores. Viviam numa cabana e roubavam os viajantes. Ontem, um cocheiro esperto conseguiu detê-los quando tentaram roubar-lhe um grande trenó. Terei muito gosto em devolver-te os livros, se estiverem entre os objetos apreendidos. Mas terás de acompanhar-nos até à próxima paragem: fica apenas a quatro quilómetros e não posso deter todo o grupo por tua causa.

Segui, feliz, ao lado do cavalo do capitão e fui conversando com ele. Pareceu-me um homem honesto e bom, já de alguma idade. Perguntou-me quem eu era, de onde vinha e para onde ia. Respondi-lhe com toda a franqueza. Assim chegámos à casa de pouso. Procurou os meus livros e devolveu-mos, dizendo:

— Para onde queres ir agora? Já é noite. É melhor ficares aqui comigo.

Fiquei. Estava tão feliz por ter recuperado os livros que não sabia como agradecer a Deus. Apertava-os contra o peito até me doerem os braços.

Chorava de alegria, com o coração a bater depressa.

Ao ver-me, o capitão disse:

— Vejo que gostas de ler a Bíblia!

De tão feliz, nem conseguia falar; só chorava. Ele continuou:

— Também eu, meu irmão, leio o Evangelho todos os dias.

Abriu então a farda e tirou de dentro dela um pequeno Evangelho impresso em Kiev, com uma capa de prata.

— Senta-te aqui e contar-te-ei como adquiri esse hábito. Tragam-nos o jantar!

História do capitão

Sentámo-nos à mesa, e o capitão começou a contar:

— Desde a juventude, servi sempre no exército e nunca numa guarnição. Conhecia bem o serviço, e os meus superiores consideravam-me um oficial exemplar. Mas eu era jovem, tal como os meus amigos. Para minha desgraça, aprendi a beber, e bebia tanto que adoeci. Quando não bebia, era um excelente oficial; mas bastava-me um copo para passar seis semanas de cama. Suportaram-me durante muito tempo. Um dia, porém, embriagado, insultei o meu superior: fui despromovido e condenado a servir três anos numa guarnição. Se não deixasse a bebida, receberia um castigo ainda mais severo. Naquela situação miserável, fiz tudo para me dominar e tratar, mas não consegui libertar-me do vício. Decidiram, então, enviar-me para um batalhão disciplinar. Quando me comunicaram a decisão, fiquei sem saber o que seria de mim.

— Um dia, estava sentado no quartel a pensar em tudo isto, quando apareceu um monge a pedir esmola para a igreja. Cada um deu o que podia. Ao aproximar-se de mim, perguntou:

— Porque estás tão triste?

— Conversei um pouco com ele e contei-lhe a minha desgraça. Compadecido, disse-me:

— Aconteceu o mesmo ao meu irmão. Escuta como ele se libertou: o seu guia espiritual deu-lhe um Evangelho e mandou-lhe ler um capítulo sempre que sentisse vontade de beber. Se a vontade voltasse, devia ler o capítulo seguinte. O meu irmão seguiu o conselho e, em pouco tempo, perdeu o vício. Já passaram quinze anos e nunca mais tomou bebidas fortes. Faz o mesmo e verás como te ajuda. Tenho um Evangelho; se quiseres, vou buscá-lo para ti.

— Que hei de fazer com o teu Evangelho, se nem os meus esforços nem os remédios conseguiram curar-me? — respondi. Falava assim porque nunca tinha lido o Evangelho.

— Não digas isso — respondeu o monge. — Garanto-te que te fará bem.

— No dia seguinte, trouxe-me este Evangelho. Abri-o, olhei para as páginas, li algumas frases e disse-lhe:

— Não quero isto. Não percebo nada. Não estou habituado a ler estes caracteres usados nos livros da Igreja.

— O monge continuou a aconselhar-me. Dizia que as palavras do Evangelho tinham uma força benéfica, pois o próprio Deus pronunciara as palavras ali impressas.

— Não faz mal que não compreendas. Lê apenas com atenção. Um santo disse: «Se não compreendes a palavra de Deus, os demónios compreendem o que lêes e tremem» (cf. Tg 2, 19). E o desejo de beber é certamente obra dos demónios. Digo-te ainda isto: João Crisóstomo escreveu que até a casa onde se guarda o Evangelho causa temor aos espíritos das trevas e impede as suas intrigas.

— Não me lembro bem do que fiz — parece-me que dei alguma coisa ao monge. Fiquei com o Evangelho, guardei-o no baú entre os meus pertences e esqueci-o por completo. Passado algum tempo, veio-me uma

forte vontade de beber. Abri o baú para tirar dinheiro e correr à taberna. Os meus olhos pousaram no Evangelho e lembrei-me de tudo o que o monge me dissera. Abri-o e comecei a ler o primeiro capítulo de Mateus. Li-o até ao fim sem compreender nada, mas recordei as palavras do monge: «Não faz mal que não compreendas. Lê com atenção.» Pensei: «Pois bem, vou experimentar mais um capítulo.» A leitura já me pareceu mais clara. «Vejam os o terceiro», disse comigo. Ainda mal tinha começado quando soou o toque de recolher. Já não podia sair do quartel e, assim, fiquei sem beber.

— No dia seguinte, quando me preparava para ir buscar aguardente, pensei: «E se lesse um capítulo do Evangelho? Vamos ver.» Li-o e não saí. Noutra ocasião, senti vontade de beber, mas comecei a ler e senti-me aliviado. Isto deu-me ânimo. A partir daí, sempre que me vinha a vontade de beber, punha-me a ler um capítulo do Evangelho. E, quanto mais tempo passava, melhor resultava. Quando terminei os quatro Evangelhos, o vício desaparecera por completo: já não sentia qualquer atração pela bebida. E vê bem: há exatamente vinte anos que nunca mais tomei bebidas fortes.

— Todos se admiraram com a minha mudança. Ao fim de três anos, fui readmitido no corpo de oficiais; mais tarde, fui promovido e cheguei a capitão. Casei-me com uma excelente mulher. Conseguimos juntar alguns bens e agora, graças a Deus, vivemos bem. Ajudamos os pobres na medida das nossas possibilidades e acolhemos os peregrinos. Tenho um filho que já é oficial e é um ótimo rapaz.

— Pois bem, deves saber que, depois de me ter libertado completamente da bebida, prometi a mim mesmo ler todos os dias, durante toda a vida, um dos quatro Evangelhos por inteiro, sem aceitar que nada me impedisse. É o que faço. Quando tenho demasiado trabalho e estou muito cansado, deito-me e peço à minha mulher ou ao meu filho que o leiam para mim; assim cumpro a promessa. Em sinal de gratidão e para glória de Deus, mandei revestir de prata este Evangelho e trago-o sempre junto ao coração.

Ouvi com prazer a história do capitão e disse-lhe:

— Conheci um caso semelhante. Na fábrica da nossa aldeia havia um excelente operário, muito competente no seu ofício, mas que, infelizmente,

andava quase sempre embriagado. Um homem piedoso aconselhou-o a rezar trinta e três vezes a oração de Jesus sempre que sentisse vontade de beber aguardente, em honra da Santíssima Trindade e dos anos da vida terrena de Jesus Cristo. Foi o que fez e, em pouco tempo, deixou de beber. E não foi só isso: três anos depois, entrou num mosteiro.

— E qual das duas coisas vale mais — perguntou o capitão —, a oração de Jesus ou o Evangelho?

— São a mesma coisa — respondi. — O Evangelho é como a oração de Jesus, pois o nome divino de Jesus Cristo contém todas as verdades evangélicas. Os Padres dizem que a oração de Jesus resume todo o Evangelho.

Depois, rezámos os dois. O capitão começou a ler o Evangelho de São Marcos desde o princípio, enquanto eu o escutava e fazia a oração do coração. Terminou a leitura às duas da manhã e fomos dormir.

Como de costume, levantei-me cedo. Ainda todos dormiam quando, mal rompeu o dia, mergulhei na leitura da minha querida *Filocalia*. Com que alegria a abri! Era como reencontrar o meu pai depois de uma longa ausência, ou um amigo que tivesse regressado dos mortos. Abracei o livro e agradei a Deus por mo ter restituído. Comecei a ler Teolepto de Filadélfia, na segunda parte da *Filocalia*. Espantou-me que recomendasse fazer três coisas ao mesmo tempo: «Quando estiveres sentado à mesa, dá alimento ao corpo, leitura à inteligência e oração ao coração.» Contudo, a lembrança daquela noite tão proveitosa ajudava-me a compreender, pela experiência, o que ele queria dizer. Foi então que descobri a diferença entre o coração e a inteligência.

Quando o capitão se levantou, fui agradecer-lhe a bondade e despedir-me. Serviu-me chá, deu-me um rublo de prata e separámo-nos. Retomei o caminho cheio de alegria.

Ao fim da primeira versta, lembrei-me de que prometera um rublo aos soldados — e agora possuía-o. Deveria entregar-lhes a moeda? Por um lado, pensava, tinham-me espancado e roubado; como estavam presos, já nada podiam fazer-me. Mas, por outro, lembrava-me do que diz a Bíblia:

«Se o teu inimigo tiver fome, dá-lhe de comer» (Rm 12, 20). E o próprio Jesus Cristo diz: «Amai os vossos inimigos» (Mt 5, 44) e ainda: «Se alguém quiser ficar com a tua túnica, deixa-lhe também o manto» (Mt 5, 40). Convencido por estas palavras, voltei atrás. Cheguei à casa de pouso quando o grupo se preparava para partir, corri até aos dois malfeitores e entreguei-lhes o rublo, dizendo:

— Rezai e arrependei-vos. Jesus Cristo ama os homens; não vos abandonará!

Depois afastei-me e segui caminho noutra direção.

Solidão e oração

Depois de percorrer cinquenta verstras pela estrada principal, tomei caminhos rurais, mais solitários e mais favoráveis à leitura. Caminhava muito tempo pelos bosques e, de vez em quando, encontrava uma pequena aldeia. Muitas vezes, passava o dia inteiro parado na floresta, a ler a *Filocalia*. Encontrava nela ensinamentos extraordinários e profundos. O meu coração inflamava-se com o desejo de se unir a Deus pela oração interior, que procurava conhecer e aprender com aquele livro. Ao mesmo tempo, entristecia-me não encontrar um abrigo onde pudesse ler em paz e sem interrupções.

Nessa altura, também lia a Bíblia e sentia que começava a compreendê-la melhor: já encontrava poucas passagens obscuras. Os Padres têm razão quando dizem que a *Filocalia* é a chave que abre os mistérios escondidos na Escritura. Orientado por ela, começava a compreender o sentido profundo da Palavra de Deus: o «homem interior», escondido no coração (1 Pd 3, 4); a verdadeira oração e a adoração em espírito (Jo 4, 23); o Reino de Deus dentro de nós (Lc 17, 21); a intercessão do Espírito Santo (Rm 8, 26). Compreendia também expressões como «permanecei em mim» (Jo 15, 4), «dá-me o teu coração» (Pr 23, 26), «revestir-se de Cristo» (Rm 13, 14), o chamamento do Espírito e da esposa (Ap 22, 17) e a invocação «Abbá! Pai!» (Rm 8, 15–16), entre muitas outras.

Quando, ao mesmo tempo, rezava no íntimo do coração, tudo à minha volta me parecia encantador: as árvores, as plantas, as aves, a terra, o ar e a luz. Tudo parecia dizer-me que existia para o homem e testemunhava o amor de Deus por ele. Tudo rezava, tudo cantava louvores a Deus! Compreendia então aquilo a que a *Filocalia* chama «conhecimento da linguagem da criação» e percebia como era possível conversar com as criaturas de Deus.

História de um guarda florestal

Continuei a viajar durante muito tempo. Por fim, cheguei a uma região tão isolada que passei três dias sem ver uma aldeia. O pão acabara-se e, aflito, perguntava a mim mesmo como evitaria morrer de fome. Mal comecei a rezar no coração, a aflição desapareceu: entreguei-me à vontade de Deus e fiquei contente e tranquilo. Seguia por uma estrada que atravessava uma imensa floresta quando vi sair de entre as árvores um cão de guarda. Chamei-o e ele aproximou-se docilmente, deixando que lhe fizesse festas. Alegrei-me e pensei: «Eis a bondade de Deus! Há de haver um rebanho nesta floresta e este será o cão do pastor; ou talvez pertença a algum caçador. Seja como for, poderei pedir pão, pois já não como há dois dias. Também poderei perguntar se existe alguma aldeia por perto.» O cão andou à minha volta, mas, ao ver que não tinha comida, voltou à floresta pelo mesmo carreiro de onde saíra. Segui-o. Uns duzentos metros adiante, vi-o entre as árvores, instalado numa toca, com a cabeça de fora a ladrar.

Apareceu então, por entre as árvores, um camponês de meia-idade, magro e pálido. Perguntou-me como tinha chegado ali; perguntei-lhe, por minha vez, o que fazia num lugar tão afastado. Conversámos amigavelmente. Convidou-me a entrar na cabana e explicou-me que era guarda florestal e tomava conta daquela mata, que mais tarde seria cortada. Ofereceu-me pão e sal, e continuámos a conversar.

— Invejo-te esta vida solitária — disse-lhe eu. — Não és como eu, que ando sempre de um lado para o outro e encontro toda a espécie de pessoas.

— Se quiseses — respondeu —, também podes viver aqui. Mais adiante há uma cabana velha onde morava o guarda anterior. Está um pouco

arruinada, mas serve para passar o verão. Tens um documento de identificação. Há pão suficiente para nós dois: trazem-mo da aldeia uma vez por semana. E há aqui um ribeiro que nunca seca. Quanto a mim, irmão, há dez anos que só como pão e bebo água. Mas no outono, quando acabarem os trabalhos do campo, virão duzentos homens cortar a floresta. Deixarei então de ter trabalho e eles também não te deixarão ficar na cabana.

Ao ouvi-lo, senti tamanha alegria que quase me lancei aos seus pés. Não sabia como agradecer a Deus a bondade que mostrava para comigo.

Foi assim que obtive, de repente, tudo aquilo que tanto desejava e me preocupava. Faltavam ainda quatro meses para meados do outono; durante esse tempo, poderia aproveitar o silêncio e a paz para estudar, com a ajuda da *Filocalia*, a oração perpétua no íntimo do coração. Instalei-me na cabana que me indicara. Continuámos a conversar, e aquele irmão falou-me da sua vida e das suas ideias.

— Na minha aldeia — disse —, eu tinha um ofício de que me orgulhava: tingia tecidos de vermelho e de azul. Levava uma vida livre, mas estava longe de viver sem pecado. Enganava muitas vezes os fregueses e jurava a torto e a direito. Era grosseiro, bebia e metia-me em discussões.

— Havia na aldeia um velho cantor que possuía um livro muito antigo sobre o Juízo Final. Ia muitas vezes a casa dos fiéis ortodoxos lê-lo em voz alta, e davam-lhe algum dinheiro. Também vinha a minha casa. Habitualmente recebia umas moedas e lia até ao cantar do galo. Certa vez, enquanto trabalhava, ouvi-o ler uma passagem sobre os tormentos do inferno e a ressurreição dos mortos: como Deus virá julgar os homens, como os anjos tocarão as trombetas, como haverá fogo e piche e como os vermes devorarão os pecadores.

— De repente, apoderou-se de mim um medo terrível. Pensei: «Não escaparei a estes tormentos! Tenho de tratar de salvar a alma; talvez ainda consiga reparar os meus pecados.» Refleti muito e decidi abandonar o ofício. Vendi a casa e, como vivia sozinho, tornei-me guarda florestal. Em troca, pedi apenas pão, roupa e velas para acender durante as orações.

— Há mais de dez anos que vivo aqui. Como só uma vez por dia, e apenas pão e água. À noite, levanto-me ao cantar do galo e, até ao amanhecer, faço genuflexões e inclino-me até ao chão. Quando rezo, acendo sete velas diante dos ícones. Durante o dia, enquanto percorro a floresta, trago ao corpo correntes muito pesadas. Não praguejo, não bebo cerveja nem bebidas fortes e não discuto com ninguém. Nunca tive relações com mulheres ou raparigas.

— Ao princípio, até estava contente com esta vida, mas há pensamentos que me assaltam e não consigo afastar. Deus sabe se estou a expiar os meus pecados, mas esta vida é muito dura. Além disso, será verdade tudo o que o livro descrevia? Como poderá o homem ressuscitar? Daqueles que morreram há cem anos ou mais, até o pó desapareceu. E quem sabe se o inferno existe? Afinal, nunca ninguém voltou do outro mundo. Quando o homem morre, o corpo desfaz-se e nada parece restar dele. Talvez o livro tenha sido escrito por clérigos ou funcionários para nos meter medo a nós, pobres ingênuos, e nos tornar mais obedientes. Assim levamos uma vida penosa e sem consolo neste mundo e, no outro, talvez não haja nada. Para quê, então, viver assim? Não será melhor aproveitar já a vida? Estas ideias perseguem-me — concluiu — e tenho medo de acabar por voltar ao antigo ofício.

Tive pena dele e pensei: «Costuma dizer-se que são apenas os instruídos que se tornam livres-pensadores e deixam de acreditar. Mas também os nossos irmãos camponeses, tão simples, podem perder a fé! O mundo das trevas aproxima-se de todos e talvez ataque ainda mais facilmente as pessoas simples. É preciso refletir quanto possível e fortalecer-se contra o inimigo pela Palavra de Deus.»

Para ajudar aquele irmão e fortalecer-lhe a fé, tirei a *Filocalia* da sacola e abri-a no capítulo 109 do bem-aventurado Hesíquio. Li-o e expliquei-lhe que o medo do castigo, por si só, não impede o pecado: a alma só se liberta dos pensamentos pecaminosos pela vigilância do espírito e pela pureza do coração. Ambas se adquirem pela oração interior. Acrescentei que, segundo os Padres, quem segue uma vida austera pelo desejo da recompensa do Reino dos Céus age como um trabalhador contratado; quem o faz apenas por medo dos tormentos segue o caminho dos escravos. Deus, porém, quer

que nos aproximemos d'Ele como filhos. Quer que o amor e o fervor nos levem a viver dignamente e a desfrutar da união perfeita com Ele na alma e no coração.

— De nada te servirá cansares-te, privar-te de tudo e impor ao corpo os castigos mais duros se não guardares sempre Deus no pensamento e a oração de Jesus no coração. Nunca ficarás livre dos maus pensamentos e, à primeira oportunidade, estarás disposto a pecar. Começa, portanto, meu irmão, a rezar incessantemente a oração de Jesus. Neste lugar isolado, ser-te-á fácil. Em breve sentirás os seus benefícios. As dúvidas acerca da fé desaparecerão, e conhecerás o amor por Jesus Cristo e a verdadeira fé. Compreenderás como os mortos podem ressuscitar e verás o Juízo Final à sua verdadeira luz. Sentirás o coração tão leve e contente que ficarás admirado; a tua vida de penitência deixará de te cansar e perturbar!

Depois expliquei-lhe, tão bem quanto pude, como rezar a oração de Jesus segundo o mandamento divino e os ensinamentos dos Padres da Igreja. Parecia não desejar outra coisa, e a inquietação diminuiu. Despedi-me dele e entrei na velha cabana que me tinha mostrado.

Trabalhos espirituais

Meu Deus! Que alegria, que consolação, que arrebatamento senti ao entrar naquela cabana — ou, melhor dizendo, naquele túmulo! Pareceu-me um belo palácio, cheio de alegrias. Disse comigo: «Agora, nesta calma e neste silêncio, é preciso dedicar-me seriamente à oração e pedir ao Senhor que ilumine o meu espírito.» Comecei a ler a *Filocalia* do princípio ao fim, com muita atenção. Acabei-a em pouco tempo e compreendi quanta sabedoria, profundidade e santidade continha. Mas o livro tratava de tantos assuntos que eu não conseguia compreender tudo nem concentrar-me apenas nos ensinamentos sobre a oração interior, para chegar à oração espontânea e perpétua do coração. Contudo, desejava-a intensamente, conforme as palavras transmitidas pelo Apóstolo: «Aspirai aos dons mais elevados» (1 Cor 12, 31) e «Não apagueis o Espírito» (1 Ts 5, 19). Por mais que refletisse, não sabia o que fazer. «Não tenho inteligência nem compreensão suficientes, e não há ninguém que me ajude. Vou insistir junto do Senhor, rezando sem cessar; talvez Ele queira esclarecer-me.» Passei

então um dia inteiro em oração, sem interromper por um instante. Os pensamentos acalmaram-se e adormeci. Sonhei que estava na cela do meu amigo monge e que ele me explicava a *Filocalia*:

— Este livro santo está cheio de sabedoria. É um tesouro misterioso de ensinamentos sobre os desígnios secretos de Deus. Nem todas as suas passagens são acessíveis a todas as pessoas. Há nele lições à medida de cada um: profundas para quem as pode compreender em profundidade, simples para os espíritos simples. Por isso, as pessoas sem instrução, como tu, não devem ler os escritos dos Padres pela ordem em que aqui aparecem, pois estão dispostos segundo uma ordem teológica. Quem não tem instrução e deseja aprender a oração interior na *Filocalia* deve lê-la pela seguinte ordem: primeiro, o livro do monge Nicéforo, na segunda parte; depois, todo o livro de Gregório, o Sinaíta, exceto os capítulos breves; em terceiro lugar, *As três formas de oração*, de Simeão, o Novo Teólogo, e o seu tratado *Da Fé*; por fim, o livro de Calisto e Inácio. Nestes textos encontrarás um ensinamento completo sobre a oração interior do coração, ao alcance de todos. Se quiseres um texto ainda mais fácil de compreender, procura a breve exposição da oração feita por Calisto, patriarca de Constantinopla, na quarta parte.

No sonho, tinha a *Filocalia* quase nas mãos e procurava a passagem indicada sem a conseguir encontrar. O monge folheou algumas páginas e disse:

— Olha, está aqui! Vou assinalá-la para ti.

Apanhou do chão um pedaço de carvão e traçou uma marca na margem da página para indicar a passagem. Escutei-o com atenção e procurei guardar firmemente na memória todas as suas palavras e os seus pormenores.

Acordei. Como ainda não tinha amanhecido, fiquei deitado a recordar o sonho e a repetir o que o monge me dissera. Depois pensei: «Deus sabe se é a alma do meu falecido monge que me aparece ou se são as minhas próprias ideias a tomar esta forma, pois penso tanto nele e na *Filocalia*!» Levantei-me com esta dúvida, enquanto o dia clareava. De repente, vi a *Filocalia* aberta sobre a pedra que me servia de mesa, na página indicada pelo monge

e marcada com um traço de carvão, exatamente como no sonho. O carvão ainda estava ao lado do livro. Fiquei espantado: lembrava-me bem de que, na véspera, o livro não estava ali. Antes de adormecer, tinha-o deixado fechado junto de mim e sabia que aquela página não estava marcada. Isto levou-me a acreditar na realidade da aparição e tranquilizou-me quanto à santa memória do monge. Voltei, pois, a ler a *Filocalia* pela ordem indicada. Li uma vez e depois outra; a leitura aumentou o meu fervor e o desejo de pôr em prática tudo o que aprendera. Compreendi claramente o que é a oração interior, como se chega a ela e quais são os seus efeitos. Percebi como alegre a alma e o coração e como distinguir se essa felicidade vem de Deus, da natureza ou de uma ilusão.

Antes de mais, procurei encontrar o lugar do coração, segundo os ensinamentos de São Simeão, o Novo Teólogo. Fechava os olhos e dirigia a atenção para o coração, procurando imaginá-lo no lado esquerdo do peito e escutando atentamente as suas pulsações. Ao princípio, praticava este exercício durante meia hora, várias vezes por dia. Nas primeiras vezes, só percebia escuridão; em breve, porém, comecei a sentir o coração e o seu movimento mais profundo. Depois consegui associar-lhe a oração de Jesus ao ritmo da respiração, como ensinam São Gregório, o Sinaíta, Calisto e Inácio. Ao inspirar, dizia: «Senhor Jesus Cristo»; ao expirar: «tende piedade de mim». Primeiro exercitava-me durante uma ou duas horas; depois fui dedicando cada vez mais tempo a este exercício, até passar assim quase todo o dia. Quando me sentia entorpecido, cansado ou inquieto, lia logo na *Filocalia* as passagens sobre a oração do coração, e renasciam em mim o desejo e o fervor. Ao fim de três semanas, senti uma dor no coração e, depois, uma sensação agradável, de paz e consolação. Isto deu-me forças para perseverar na oração, à qual se ligavam todos os meus pensamentos, e comecei a sentir uma grande alegria.

Desde então, experimentei por vezes sensações novas no coração e no espírito. Às vezes, sentia um ardor e uma leveza, uma liberdade e uma alegria tão grandes que me parecia estar transformado e em êxtase. Outras vezes, sentia um amor ardente por Jesus Cristo e por toda a criação divina. Também me corriam lágrimas de gratidão pelo Senhor se ter compadecido de mim, pecador obstinado. Por vezes, o meu espírito limitado iluminava-se de tal modo que compreendia claramente aquilo que antes nem conseguia

imaginar. Outras vezes, o suave calor do coração espalhava-se por todo o meu ser, e sentia a presença inefável do Senhor. Havia ainda uma alegria intensa e profunda ao invocar o nome de Jesus Cristo. Compreendia então o sentido das palavras: «O Reino de Deus está dentro de vós» (Lc 17, 21).

Entre estas consolações, reparei que os efeitos da oração do coração se manifestavam de três maneiras: no espírito, nos sentidos e na inteligência. No espírito, por exemplo, pela doçura do amor de Deus, a calma interior, o arrebatamento, a pureza dos pensamentos e a clareza da ideia de Deus. Nos sentidos, pelo calor agradável no coração, uma sensação de doçura em todo o corpo, a alegria intensa, a leveza, o vigor e uma menor percepção da doença e da dor. Na inteligência, pela clareza do raciocínio, a compreensão da Sagrada Escritura, o conhecimento da linguagem da criação, o desapego das preocupações vãs, o gosto pela vida interior e a certeza da proximidade e do amor de Deus.

Depois de cinco meses de solidão, dedicados a estes trabalhos e vividos nesta felicidade, habituei-me tanto à oração do coração que a praticava sem cessar. Por fim, sentia que ela se fazia por si mesma, sem esforço da minha parte. Brotava no espírito e no coração não só enquanto estava acordado, mas até durante o sono, sem se interromper um único minuto. A minha alma dava graças ao Senhor, e o meu coração exultava numa alegria incessante.

Chegou a altura de cortar a floresta. Os lenhadores reuniram-se e tive de deixar a minha morada silenciosa. Agradei ao guarda florestal, rezei e beijei aquele pedaço de terra onde Deus me quisera manifestar a sua bondade. Pus a sacola aos ombros e parti. Caminhei durante muito tempo e atravessei muitas regiões antes de chegar a Irkutsk. A oração espontânea do coração consolava-me pelo caminho: continuava a alegrar-me, embora com intensidade variável. Nada conseguia interrompê-la. Quando trabalhava, ela prosseguia por si mesma no meu coração e o trabalho rendia mais. Quando escutava ou lia alguma coisa com atenção, também não parava: tinha a impressão de viver duas coisas ao mesmo tempo, como se me tivesse desdobrado ou houvesse duas almas no meu corpo. Meu Deus, como o homem é misterioso!

Ataque do lobo

«Ó Senhor, como são numerosas as vossas obras! Fizestes todas elas com sabedoria!» (Sl 104, 24).

Ao longo do caminho, aconteceram-me coisas espantosas. Se fosse contar todas, não acabaria tão cedo. Por exemplo, numa noite de inverno, atravessava sozinho uma floresta. Pretendia dormir numa aldeia que avistara a cerca de dois quilómetros. De repente, um enorme lobo lançou-se sobre mim. Tinha na mão o rosário de lã do monge, meu mestre, que trazia sempre comigo, e usei-o para afastar o animal. Acreditais no que aconteceu? O rosário escapou-me da mão e enrolou-se no pescoço do lobo. O animal recuou de um salto e atravessou uma moita de espinheiros. As patas traseiras ficaram presas nos espinhos, enquanto o rosário se enredava num ramo seco. O lobo debatia-se com todas as forças, mas não conseguia libertar-se, porque o rosário lhe apertava a garganta. Fiz o sinal da cruz com fé e aproximei-me para o soltar. Receava, sobretudo, que rompesse o rosário e fugisse com aquele objeto tão precioso para mim. Assim que me aproximei e agarrei o rosário, o lobo rompeu-o e fugiu imediatamente. Dei graças ao Senhor, recordei com veneração o meu bem-aventurado mestre e cheguei à aldeia sem mais contratempos.

Fui à hospedaria e pedi alojamento para a noite. Ao entrar, vi dois viajantes sentados a uma mesa, num canto, a tomar chá: um já idoso e outro de meia-idade e corpulento. Perguntei ao camponês que tratava dos cavalos quem eram. Disse-me que o mais velho era professor e o outro escrivão de um juiz de paz. Ambos eram de origem nobre.

— Vou levá-los à feira, a vinte quilómetros daqui — acrescentou.

Depois de descansar um pouco, pedi à hospedeira uma agulha e linha. Aproximei-me da vela e comecei a reparar o rosário. O escrivão olhou para mim e disse:

— Deves ter feito muitas reverências para rasgares assim o rosário!

— Não fui eu que o estraguei. Foi um lobo...

— Ora essa! Os lobos também rezam? — respondeu o escrivão, a rir.

Contei-lhe detalhadamente o que acontecera e expliquei-lhe quanto aquele rosário significava para mim. O escrivão voltou a rir e disse:

— Para os crédulos, tudo é um milagre! Que há de misterioso nisso? Atiraste qualquer coisa ao lobo, ele assustou-se e fugiu. Os cães e os lobos têm medo de objetos que lhes atirem. E é fácil ficar preso nos ramos de uma floresta. Não se pode pensar que tudo o que acontece no mundo é um milagre.

Então o professor começou a discutir com ele:

— Não fale assim, meu caro senhor. Não conhece bem o assunto. Quanto a mim, vejo na história deste camponês um duplo mistério: um que diz respeito aos sentidos e outro à vida espiritual.

— Como assim? — perguntou o escrivão.

— Veja: mesmo sem ter estudos avançados, o senhor deve ter aprendido história sagrada num daqueles livros de perguntas e respostas usados nas escolas. Há de se lembrar de que, quando o primeiro homem, Adão, vivia em estado de inocência, todos os animais lhe obedeciam. Aproximavam-se dele com respeito, e ele dava-lhes nomes. O monge a quem pertencia este rosário era um homem santo. E que é a santidade? É a recuperação, no homem pecador, do estado de inocência do primeiro homem, pela graça e pela prática das virtudes. A alma santifica o corpo. O rosário esteve sempre nas mãos de um santo e, pelo contacto constante com ele, recebeu uma força santa, ligada àquela inocência original. Eis o mistério espiritual! Os animais são sensíveis a essa força, sobretudo pelo olfato, que é um dos seus principais sentidos. Eis o mistério sensível.

— Para os senhores, os sábios, só há forças e histórias dessas. Nós vemos as coisas de maneira mais simples: encher um copo e beber um gole, isso é que dá forças! — disse o escrivão, dirigindo-se ao armário.

— Isso é consigo — respondeu o professor. — Mas, neste caso, deixemos ficar com os nossos conhecimentos.

As palavras do professor agradaram-me. Aproximei-me dele e disse:

— Permiti que vos conte ainda outra coisa a respeito do meu mestre.

Expliquei-lhe então como o monge me aparecera num sonho e, depois de me ensinar, deixara uma marca na minha *Filocalia*. O professor ouviu com atenção. O escrivão, porém, recostado num banco, resmungou:

— É verdade que uma pessoa acaba por perder o juízo de tanto procurar coisas na Bíblia. Olhem para este homem! Quem iria sujar-lhe os livros durante a noite? Deixaste cair o livro enquanto dormias, e ele foi parar às cinzas. É esse o teu milagre! Conheço bem estes vagabundos, meu velho, esses da tua espécie!

Depois de resmungar, virou-se para a parede e adormeceu.

Inclinei-me para o professor e disse:

— Se quiserdes, mostro-vos o livro. Vereis que tem uma marca, e não manchas de cinza.

Tirei a *Filocalia* da sacola e mostrei-lha, acrescentando:

— Espanta-me muito que uma alma sem corpo possa pegar num pedaço de carvão e escrever...

O professor examinou atentamente a marca e respondeu:

— Esse é o mistério dos espíritos. Vou explicar-te como o entendo. Quando os espíritos aparecem a um homem com forma corporal, o corpo que vemos é feito de luz e ar, com os elementos de que fora constituído o seu corpo mortal. E, como o ar é flexível, a alma assim revestida pode agir, escrever ou pegar em objetos. Mas que livro é esse? Deixa-me ver.

Abriu-o precisamente na página que continha os ensinamentos de Simeão, o Novo Teólogo.

— Ah! É certamente um livro de teologia. Não o conheço.

— Este livro, meu senhor, reúne sobretudo ensinamentos sobre a oração interior do coração em nome de Jesus Cristo. Vinte e cinco Padres da Igreja explicam-na aqui pormenorizadamente.

— Ah, a oração interior! Sei o que é — disse o professor.

Inclinei-me para ele e pedi-lhe que me falasse dela.

— Pois bem. O Novo Testamento diz que toda a criação espera ansiosamente a revelação dos filhos de Deus. Foi sujeita à fragilidade contra a sua vontade, na esperança de ser também libertada da escravidão da corrupção e de participar na liberdade gloriosa dos filhos de Deus (Rm 8, 19–21). Esse movimento misterioso da criação, esse desejo inato das almas, é a oração interior. Não se pode aprendê-la, porque existe em todos e em tudo!

— Mas como encontrar essa oração interior e senti-la no coração? Como tomar consciência dela e acolhê-la voluntariamente, para que atue em nós, alegrando, iluminando e salvando a alma? — perguntei.

— Não sei se os tratados de teologia falam disso — respondeu o professor.

— Mas aqui está tudo escrito! — exclamei.

O professor pegou num lápis, anotou o título da *Filocalia* e disse:

— Vou encomendar este livro em Tobolsk e estudar o assunto.

Despedimo-nos. Parti dando graças a Deus por aquela conversa e pedi-lhe que concedesse ao escrivão a oportunidade de ler um dia a *Filocalia* e compreender os seus ensinamentos, para bem da sua alma.

A rapariga da aldeia

Noutra ocasião, na primavera, cheguei a uma povoação e fiquei em casa do pároco. Era um homem excelente que vivia sozinho. Passei três dias com ele. Depois de me observar durante esse tempo, disse-me:

— Fica comigo; pagar-te-ei pelo trabalho. Preciso de um homem de confiança. Reparaste que estão a construir uma igreja nova, de pedra, perto da antiga, que é de madeira. Não encontro ninguém consciencioso que vigie os trabalhadores e permaneça na capela para receber os donativos destinados à construção. Vejo que és capaz de o fazer e que esta vida te conviria. Ficarias sozinho na capela, a rezar a Deus. Há lá um quarto separado onde poderias instalar-te. Fica, peço-te, pelo menos até a igreja estar concluída.

Recusei durante muito tempo, mas acabei por ceder à insistência do pároco. Fiquei desde o verão até ao outono e instalei-me na capela. Ao princípio, tive muito sossego e pude dedicar-me à oração. Mas, sobretudo nos dias de festa, aparecia muita gente: uns vinham rezar, outros dormir e outros ainda tentavam tirar as moedas deixadas no prato dos donativos. Como, por vezes, eu estava a ler a Bíblia ou a *Filocalia*, alguns visitantes metiam conversa comigo e outros pediam-me que lhes lesse alguma coisa.

Passado algum tempo, reparei numa rapariga da povoação que vinha frequentemente à capela e permanecia muito tempo em oração. Prestei atenção ao que murmurava e percebi que dizia orações estranhas, algumas muito mal aprendidas. Perguntei-lhe:

— Quem te ensinou a rezar assim?

Respondeu-me que fora a mãe, que era ortodoxa, enquanto o pai pertencia a uma comunidade cismática, a seita dos «sem sacerdotes». Entristeceu-me aquela situação e aconselhei-a a dizer as orações corretamente, segundo a tradição da santa Igreja. Ensinei-lhe o Pai-Nosso e a Ave-Maria. Depois acrescentei:

— Reza sobretudo a oração de Jesus. Ela aproxima-nos de Deus mais do que todas as outras orações e, com ela, poderás alcançar a salvação da tua alma.

A rapariga escutou-me com atenção e fez simplesmente o que eu lhe aconselhara. E acreditais no que aconteceu? Algum tempo depois, contou-me que se habituara à oração de Jesus e que, se pudesse, gostaria de a repetir sem cessar. Ao rezar, sentia primeiro um bem-estar e depois alegria,

juntamente com o desejo de rezar ainda mais. Alegrei-me e aconselhei-a a continuar, invocando cada vez mais o nome de Jesus Cristo.

O verão aproximava-se do fim. Muitos visitantes da capela vinham procurar-me, não só para pedir conselho ou que lhes lesse alguma coisa, mas também para contar problemas familiares e até para perguntar onde poderiam encontrar objetos perdidos. Era evidente que alguns me julgavam capaz de adivinhar essas coisas. Um dia, a rapariga veio ter comigo, muito aflita, e perguntou-me o que devia fazer. O pai queria obrigá-la a casar com um homem da mesma comunidade cismática a que ele pertencia; além disso, a cerimónia seria conduzida por um simples camponês.

— Será isso um casamento legítimo? — exclamava ela. — É uma farsa! Quero fugir para qualquer lugar!

Respondi-lhe:

— Para onde fugirias? Encontrar-te-iam depressa. Hoje em dia, sem documentos, não conseguirias esconder-te em parte alguma. É melhor rezares fervorosamente a Deus para que, pelos caminhos que só Ele conhece, impeça essa decisão do teu pai e preserve a tua alma do pecado e da heresia. Isso será melhor do que fugir.

O tempo passava, e o barulho e as distrações tornavam-se cada vez mais penosos para mim. Por fim, o verão terminou. Decidi deixar a capela e retomar o caminho como antes. Fui falar com o pároco:

— Padre, conheceis a minha maneira de viver. Preciso de sossego para me dedicar à oração, e aqui encontro apenas perturbações e distrações. Fiz o que me pedistes e fiquei durante todo este longo verão. Agora, peço-vos que me deixeis partir e abençoeis o meu caminho solitário.

O pároco não queria deixar-me ir e procurou convencer-me:

— Que pode impedir-te de rezar aqui? Não tens outra obrigação senão permanecer na capela, e tens sempre pão para comer. Se quiseres, podes rezar dia e noite. Vive com Deus! És competente e útil, não te perdes em conversas sem sentido com os visitantes, és honesto e fiel e ajudas a

recolher os donativos para a igreja de Deus. Isto vale mais aos olhos de Deus do que a tua oração solitária. Porque queres estar sempre sozinho? Com outras pessoas, até é mais alegre rezar. Deus não criou o homem para que pense apenas em si, mas para que cada um ajude o próximo e todos se auxiliem no caminho da salvação, conforme as suas possibilidades. Olha para os santos e para os grandes doutores da Igreja: andavam de um lado para o outro, dia e noite, ocupados com as necessidades da Igreja. Pregavam por toda a parte; não viviam retirados, longe dos seus irmãos.

— Cada um recebe de Deus o dom que lhe convém, padre. Muitos pregaram às multidões; muitos outros viveram na solidão. Cada qual seguiu a inclinação que recebera, acreditando ser esse o caminho de salvação indicado por Deus. Mas como explicaís que tantos santos tenham renunciado a todas as dignidades e honras da Igreja e se tenham retirado para o deserto, a fim de evitar as tentações do mundo? Santo Isaac, o Sírio, deixou os fiéis de que cuidava, e o bem-aventurado Atanásio, o Atonita, afastou-se do seu mosteiro. Consideravam esses lugares demasiado propícios à tentação e acreditavam nas palavras de Jesus Cristo: «Que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro, se perder a sua vida?» (Mt 16, 26).

— Mas eles eram grandes santos! — respondeu o pároco.

— Se os santos tomavam tantos cuidados para evitar as tentações do convívio humano — respondi —, que deverá fazer um pobre pecador como eu?

Por fim, despedi-me do bom pároco, e separámo-nos afetuosamente.

Depois de percorrer cerca de dez quilómetros, parei numa aldeia para passar a noite. Havia ali um camponês às portas da morte. Aconselhei a família a providenciar para que recebesse os Santos Mistérios de Cristo. Na manhã seguinte, mandaram chamar o sacerdote da vila. Fiquei para venerar as Sagradas Espécies e rezar durante aquele grande sacramento. Estava sentado num banco diante da casa, à espera do sacerdote, quando vi aproximar-se a jovem que costumava rezar na capela.

— Como chegaste aqui? — perguntei-lhe.

— Lá em casa, estava tudo preparado para o meu casamento com aquele cismático. Por isso fugi.

Lançou-se aos meus pés e suplicou:

— Por piedade, leva-me contigo para um convento! Não quero casar; quero viver num convento e rezar a oração de Jesus. Hão de ouvir-te e aceitar-me.

— Para onde queres que te leve? — respondi. — Não conheço nenhum convento nesta região. E como poderia acompanhar-te se não tens documento de identificação? Não poderias ficar em lado nenhum. Depressa te encontrariam, levar-te-iam de volta a casa e castigar-te-iam por andares sem rumo. O melhor é voltares para casa e rezares a Deus. Se não queres casar, finge que tens algum impedimento. Seria uma forma de te protegeres; foi assim que agiram a santa mãe de Clemente, a bem-aventurada Marina, que encontrou refúgio num mosteiro de homens, e muitos outros.

Enquanto conversávamos, vimos quatro camponeses numa carroça que vinha a toda a velocidade na nossa direção. Agarraram a rapariga, puseram-na na carroça e mandaram-na embora acompanhada por um deles. Os outros três amarraram-me as mãos e levaram-me à aldeia onde eu passara o verão. Sempre que tentava explicar o sucedido, respondiam aos gritos:

— Está bem, santinho! Vamos ensinar-te a seduzir raparigas!

Ao fim da tarde, levaram-me para a prisão, prenderam-me correntes aos pés e fecharam-me numa cela, para ser julgado no dia seguinte. Quando soube que eu estava preso, o pároco veio visitar-me. Trouxe-me o jantar, consolou-me e disse que me defenderia. Como me conhecia pessoalmente, afirmaria que eu não tinha as intenções que me atribuíam. Ficou algum tempo comigo e depois foi-se embora.

Ao cair da noite, o juiz da província passou pela aldeia. Contaram-lhe o sucedido. Mandou reunir as autoridades locais e levar-me a julgamento. Entrámos e ficámos de pé, à espera. O juiz chegou, aparentemente bem-disposto; sentou-se à mesa sem tirar o chapéu e gritou:

— Então, Epifânio, a tua filha levou alguma coisa de casa?

— Nada, meu senhor!

— Fez alguma coisa de indecente com este sujeito?

— Não, meu senhor!

— Então está decidido. Com a tua filha, faz o que quiseres. Quanto a este homem, amanhã mandá-lo-emos embora, depois de lhe darmos um castigo exemplar para que nunca mais volte aqui. Caso encerrado!

Sem acrescentar uma palavra, o juiz levantou-se e retirou-se. A mim, levaram-me de volta para a prisão. Na manhã seguinte, dois agentes da polícia rural vieram açoitá-lo-me, e depois soltaram-me. Parti a dar graças ao Senhor por ter permitido que eu sofresse por causa do seu nome. Isto consolava-me e animava-me ainda mais a rezar.

Apesar de tudo, aqueles acontecimentos não me deixaram amargurado. Era como se se passassem com outra pessoa e eu os observasse de fora. Mesmo durante o castigo, consegui suportar a dor: a oração alegrava-me o coração e não me deixava prestar atenção a mais nada.

Uns quatro quilómetros adiante, encontrei a mãe da jovem, que regressava do mercado. Parou e disse-me:

— O noivo desistiu do casamento. Zangou-se com a Akulka por ela ter fugido de casa.

Deu-me um pão e um bolo, e retomei o caminho.

O tempo estava seco e não queria dormir numa aldeia. Avistando dois montes de feno na floresta, instalei-me ali para passar a noite. Adormeci e sonhei que caminhava pela estrada a ler, na *Filocalia*, os capítulos de Santo Antão, o Grande. De repente, apareceu o meu mestre, o monge, e disse-me:

— Não é essa a passagem que deves ler!

Indicou-me o capítulo 35 de João de Cárpato, onde se diz que, por vezes, quem ajuda espiritualmente os outros é desonrado e sofre provações por causa deles. Mostrou-me ainda o capítulo 41, segundo o qual todos os que se dedicam com fervor à oração estão sujeitos a tentações terríveis e devastadoras.

Depois acrescentou:

— Coragem! Não desanimem! Lembra-te das palavras do Apóstolo: «Aquele que está em vós é maior do que aquele que está no mundo» (1 Jo 4, 4). Agora aprendeste por experiência que nenhuma tentação excede as forças do homem. Com a tentação, Deus dar-vos-á também a força e os meios para a suportar e dela sair (1 Cor 10, 13). Foi a esperança na ajuda do Senhor que sustentou os santos. Não se limitaram a passar a vida a rezar: por amor, procuraram também ensinar e esclarecer os outros. Escuta o que diz a este respeito São Gregório de Tessalónica: «Não basta rezarmos sem cessar, segundo o mandamento divino; devemos também transmitir este ensinamento a todos: monges e leigos, instruídos e simples, homens, mulheres e crianças, para neles despertarmos o fervor pela oração interior.» O bem-aventurado Calisto Telicudas diz igualmente que a atividade espiritual — isto é, a oração interior —, o conhecimento contemplativo e os meios de elevar a alma não devem ser guardados só para nós. Devemos comunicá-los por escrito ou por palavras, para bem de todos e por amor. A Palavra de Deus declara que um irmão apoiado por outro é como uma cidade fortificada (Pr 18, 19). É preciso apenas evitar a vaidade a todo o custo e cuidar de que o bom ensinamento divino não seja levado pelo vento.

Ao acordar, senti uma grande alegria no coração e novas forças na alma. E continuei o meu caminho.

Curas maravilhosas

Muito tempo depois, aconteceu-me outra coisa. Se quiserdes, vou contá-la.

Certo dia — era 24 de março —, senti um desejo irresistível de comungar dos Santos Mistérios de Cristo no dia dedicado à Mãe de Deus,

em memória da Anunciação. Perguntei se havia uma igreja por perto. Disseram-me que encontraria uma a trinta quilómetros.

Caminhei o resto do dia e a noite inteira para chegar a tempo das Matinas. O tempo estava péssimo: ora nevava, ora chovia, com vento forte e frio. A estrada atravessava um ribeiro. Mal dei alguns passos sobre o gelo, este partiu-se sob os meus pés e caí à água até à cintura. Cheguei encharcado às Matinas e participei também na celebração durante a qual Deus me permitiu comungar.

Para passar aquele dia em paz, sem nada que perturbasse a minha alegria espiritual, pedi ao guarda que me deixasse ficar na guarita até ao dia seguinte. Passei o dia inteiro com uma alegria indescritível e o coração em paz. Estava estendido num banco, num lugar sem aquecimento, como se repousasse no seio de Abraão. A oração agia em mim com força. O amor por Jesus Cristo e pela Mãe de Deus inundava-me o coração em ondas reconfortantes e mergulhava a alma num êxtase consolador. Ao anoitecer, senti de repente uma dor violenta nas pernas e lembrei-me de que estavam molhadas. Afastei, porém, esse pensamento, voltei à oração e deixei de sentir a dor. De manhã, quando quis levantar-me, não conseguia mover as pernas: estavam sem força, moles como tiras de um chicote. O guarda arrastou-me para debaixo do banco e ali fiquei dois dias, sem me mexer. Ao terceiro dia, expulsou-me:

— Se morreres aqui, ainda terei o trabalho de tratar de tudo.

Arrastei-me com as mãos até aos degraus da igreja, onde fiquei deitado. Passei ali mais uns dois dias. Quem passava não prestava a menor atenção a mim nem aos meus pedidos.

Por fim, um camponês aproximou-se e meteu conversa comigo. Passado algum tempo, disse:

— Que me darás se te curar? Já tive exatamente o mesmo problema e conheço um remédio.

— Não tenho nada para te dar — respondi.

— E que tens nessa sacola?

— Apenas pão seco e livros.

— Então, se te curar, trabalharás para mim durante o verão.

— Também não posso trabalhar; como vês, só tenho um braço de que me posso servir.

— Que sabes fazer, então?

— Apenas ler e escrever.

— Ah, sabes escrever! Nesse caso, ensinarás o meu filho. Já sabe ler um pouco, e eu gostaria que aprendesse a escrever. Mas os professores levam caro: pedem vinte rublos para ensinar tudo.

Chegámos a acordo. Com a ajuda do guarda, levaram-me para casa do camponês e instalaram-me numa velha casa de banhos ao fundo do quintal.

O camponês começou então a tratar-me. Recolheu nos campos, nos quintais e nos locais onde se deitava o lixo uma grande quantidade de ossos velhos de animais e aves de toda a espécie. Lavou-os, esmagou-os com uma pedra e meteu-os numa panela grande. Tapou-a com uma tampa furada e colocou-a de boca para baixo sobre um recipiente que enterrara no chão. Cobriu cuidadosamente a parte inferior da panela com uma camada espessa de barro, pôs lenha à sua volta e deixou-a arder durante mais de vinte e quatro horas. Enquanto arrumava a lenha, dizia:

— Isto vai produzir um óleo feito dos ossos.

No dia seguinte, desenterrou o recipiente. Pelo orifício da tampa escorrera quase um litro de um líquido avermelhado e oleoso, com cheiro a carne fresca. Os ossos que tinham ficado na panela, antes escuros e deteriorados, estavam agora brancos e translúcidos como nácar ou pérolas. Friccionava as pernas cinco vezes por dia com aquele líquido. E acreditais? No dia seguinte, já conseguia mexer os dedos dos pés. Ao terceiro dia, podia dobrar as pernas e, ao quinto, levantava-me e caminhava pelo quintal,

apoiado num bordão. Passada uma semana, as pernas tinham voltado ao normal. Dava graças a Deus e pensava: «A sabedoria de Deus manifesta-se nas criaturas! Ossos sem carne e deteriorados, quase reduzidos a terra, conservam ainda uma força, uma cor e um cheiro. E podem atuar sobre um corpo vivo, ajudando-o a recuperar! É como uma promessa da ressurreição futura.»

Como gostaria de contar isto ao guarda florestal em cuja cabana vivera e que duvidava da ressurreição dos corpos!

Uma vez restabelecido, comecei a ensinar o rapaz. Escrevi a oração de Jesus para lhe servir de modelo e pus-o a copiá-la, mostrando-lhe como formar bem as letras. A tarefa era tranquila para mim: durante o dia, ele trabalhava em casa do intendente e só vinha ter comigo quando este ainda dormia, muito cedo pela manhã. Era um rapaz esperto e depressa começou a escrever quase corretamente.

Quando o intendente o viu escrever, perguntou-lhe:

— Quem te está a ensinar?

O rapaz respondeu que era um peregrino coxo, alojado na velha casa de banhos. O intendente, um polaco, ficou curioso e veio ver-me. Encontrou-me a ler a *Filocalia*. Depois de conversarmos um pouco, perguntou:

— Que estás a ler?

Mostrei-lhe o livro.

— Ah, a *Filocalia*! Vi esse livro em casa de um pároco quando morava em Vilna. Mas ouvi dizer que contém práticas estranhas e formas de rezar inventadas pelos monges gregos, à semelhança dos fanáticos da Índia e de Bucara. Enchem os pulmões de ar e, quando sentem um ligeiro formigueiro no coração, julgam, ingenuamente, que Deus lhes concedeu a oração. É preciso rezar com simplicidade, para cumprir o dever que temos para com Deus. Ao levantar, deve dizer-se o Pai-Nosso, como Jesus Cristo ensinou. Isso basta para todo o dia. Repetir a mesma coisa continuamente pode fazer uma pessoa perder a razão e perturbar-lhe o coração.

— Não faleis assim deste livro santo, meu senhor. Não foi escrito por quaisquer monges gregos, mas por santos antigos que a vossa Igreja também venera: Antão, o Grande, Macário, o Grande, Marcos, o Asceta, João Crisóstomo e outros. Os monges da Índia e de Bucara tomaram deles a prática da oração do coração, mas alteraram-na e desvirtuaram-na, como me explicou o meu amigo monge. Na *Filocalia*, todos os ensinamentos sobre a oração interior se fundamentam na Palavra de Deus, na Bíblia. Jesus Cristo ensinou-nos o Pai-Nosso, mas também nos chamou a rezar continuamente: «Amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração e com todo o teu espírito» (Mt 22, 37); «vigiai e orai» (Mc 13, 33); «permanecei em mim e Eu permanecerei em vós» (Jo 15, 4). E os santos Padres citam as palavras de David nos salmos: «Provai e vede como o Senhor é bom» (Sl 34, 9). Explicam que o cristão deve procurar conhecer a doçura da oração e encontrar nela consolo incessantemente, em vez de se contentar em dizer o Pai-Nosso uma vez por dia. Vou ler-vos o que os Padres dizem de quem nem sequer procura conhecer a benéfica oração do coração. Afirmam que comete um triplo erro: primeiro, contradiz as Sagradas Escrituras; segundo, não admite que a alma possa alcançar um estado mais elevado e perfeito e, satisfeita com as virtudes exteriores, ignora a fome e a sede de justiça e priva-se da felicidade em Deus; terceiro, ao contemplar as suas virtudes exteriores, cai na satisfação consigo mesma e na vaidade.

— O que lêis é muito elevado — disse o intendente. — Mas como poderíamos nós, que vivemos no mundo, seguir esse caminho?

— Vou ler-vos como pessoas de bem, apesar de viverem no mundo, aprenderam a oração incessante.

Procurei na *Filocalia* o tratado de Simeão, o Novo Teólogo, sobre o jovem Jorge e comecei a ler.

A leitura agradou ao intendente, que me disse:

— Deixa-me esse livro para o ler nas horas vagas.

— Se quiserdes, posso emprestar-vo-lo por um dia, mas não por mais tempo, pois leio-o constantemente e não consigo passar sem ele.

— Podes, pelo menos, copiar-me essa passagem. Pagar-te-ei por isso.

— Não preciso do vosso dinheiro. Copiá-la-ei de boa vontade, na esperança de que Deus vos conceda o gosto pela oração.

Copiei logo a passagem que tinha lido. O intendente mostrou-a à mulher e ambos a acharam muito bela. A partir desse dia, mandavam chamar-me de vez em quando. Eu levava a *Filocalia* e lia enquanto eles tomavam chá. Um dia, insistiram para que ficasse a jantar. A mulher do intendente, uma senhora de idade muito amável, estava à mesa connosco e comia peixe frito. De repente, engoliu uma espinha. Apesar de todos os nossos esforços, não conseguimos tirá-la. Sentia muita dor na garganta e, passadas duas horas, foi deitar-se. Mandaram chamar um médico que vivia a trinta quilómetros dali, e voltei para casa muito preocupado.

Durante a noite, enquanto dormia levemente, ouvi de repente a voz do meu mestre, embora não visse ninguém. Dizia-me:

— O teu patrão curou-te e nada podes fazer pela mulher do intendente? Deus manda-nos partilhar o sofrimento do próximo.

— Ajudá-la-ei de boa vontade, mas como? Não conheço nenhum remédio.

— Faz o seguinte: ela sempre sentiu aversão ao óleo de rícino. Basta o cheiro para lhe causar náuseas. Se lhe deres uma colher, vomitará e a espinha sairá. O óleo aliviar-lhe-á também a ferida na garganta, e ela ficará boa.

— Mas como conseguirei que o tome, se o detesta?

— Pede ao intendente que lhe segure a cabeça e deita-lhe o líquido na garganta, mesmo que ela resista.

Acordei e corri a casa do intendente, a quem contei tudo em pormenor. Respondeu-me:

— Para que servirá esse óleo? Ela está com febre e delira; tem a garganta inchada. Mas podemos tentar. Se o óleo não ajudar, também não há de prejudicar.

Deitou o óleo de rícino num pequeno frasco e, entre ambos, conseguimos que ela o engolisse. Vomitou imediatamente e expeliu a espinha, acompanhada de um pouco de sangue. Sentiu-se melhor e adormeceu profundamente.

Na manhã seguinte, fui saber como estava. Já tomava chá com o marido. Ambos estavam muito admirados com a melhoria e por eu ter sabido, através do sonho, da sua aversão ao óleo de rícino, pois nunca tinham falado disso a ninguém. Entretanto, chegou o médico. O intendente contou-lhe como a mulher tinha melhorado e eu expliquei-lhe também de que modo o camponês me tratara as pernas. O médico declarou:

— Nenhum dos casos me surpreende: foi uma força da natureza que atuou em ambos. Vou, contudo, anotá-los para não os esquecer.

Tirou um lápis do bolso e escreveu algumas notas numa caderneta.

Depressa se espalhou o boato de que eu era adivinho, curandeiro e feiticeiro. Vinham pessoas de todos os lados consultar-me, traziam-me presentes e começavam a venerar-me como se fosse santo. Ao fim de uma semana, pus-me a pensar em tudo aquilo e receei deixar-me levar pela vaidade e afastar-me da oração. Na noite seguinte, saí secretamente da aldeia.

Chegada a Irkutsk

Retomei a estrada solitária e senti-me tão leve como se tivesse tirado uma montanha dos ombros. A oração trazia-me cada vez mais consolo. Por vezes, o coração ardia-me de um amor imenso por Jesus Cristo, e aquele ardor maravilhoso espalhava-se em ondas reconfortantes por todo o meu ser. A imagem de Jesus Cristo estava tão viva no meu espírito que, ao meditar nos acontecimentos do Evangelho, me parecia vê-los com os meus próprios olhos. Comovia-me e chorava de alegria; por vezes, sentia no

coração uma felicidade que nem sei descrever. Outras vezes, passava três dias longe de qualquer povoação e sentia-me, com alegria, sozinho sobre a terra: eu, pobre pecador, diante de Deus misericordioso e amigo dos homens. A solidão fazia-me feliz e tornava-me ainda mais sensível à doçura da oração do que o convívio com outras pessoas.

Por fim, cheguei a Irkutsk. Depois de rezar diante das relíquias de Santo Inocêncio, perguntei a mim mesmo para onde iria. Não desejava ficar muito tempo na cidade, pois tinha gente a mais para o meu gosto. Caminhava pelas ruas a pensar quando um mercador da cidade me fez parar:

— És um peregrino? Porque não vens a minha casa?

Fomos a sua casa, uma mansão rica. Perguntou-me quem eu era, e contei-lhe a minha viagem. Depois de me ouvir, disse:

— Deverias ir à antiga Jerusalém. É um lugar de santidade incomparável!

— Iria com muita alegria — respondi —, mas não tenho dinheiro para a viagem por mar.

— Se quiseres, posso indicar-te uma maneira de lá chegar. No ano passado, ajudei um velho amigo nosso a fazer a mesma viagem.

Caí de joelhos diante dele, e o mercador continuou:

— Dar-te-ei uma carta para o meu filho, que está em Odessa e faz negócios com Constantinopla. Possui navios e poderá levar-te até lá. Depois, a firma dele pagará a tua passagem para Jerusalém. Essa parte da viagem já não custa tanto.

Fiquei radiante ao ouvir estas palavras. Agradei muito ao meu benfeitor e, sobretudo, a Deus, que mostrava tanto amor paternal por mim, pecador obstinado, que nada fazia de bom por Ele nem pelos outros e até comia, sem o merecer, o pão alheio.

Passei três dias em casa daquele mercador generoso. Deu-me uma carta para o filho. Vou agora para Odessa, na esperança de chegar à cidade santa de Jerusalém. Não sei, porém, se o Senhor me concederá a graça de me prostrar diante do seu Santo Sepulcro vivificante.

TERCEIRO RELATO: APRESENTAÇÃO DO PEREGRINO

Antes de deixar Irkutsk, voltei a encontrar-me com o monge com quem costumava conversar e disse-lhe:

— Partirei em breve para Jerusalém. Vim despedir-me e agradecer-vos a caridade que tivestes para comigo, pobre peregrino.

Ele respondeu:

— Que Deus abençoe o teu caminho! Mas nunca me contaste a tua história. Quem és e de onde vens? Ouvi-te contar muitas coisas das tuas viagens; agora gostaria de conhecer a tua origem e saber como viveste antes de te tornares peregrino.

— Contar-vos-ei tudo com prazer — disse-lhe. — Não é uma longa história.

Nasci numa aldeia da província de Orel. Quando os nossos pais morreram, ficámos apenas o meu irmão mais velho e eu. Ele tinha dez anos; eu tinha três. O nosso avô acolheu-nos em sua casa. Era um homem honrado e com alguns bens: possuía uma hospedaria à beira da estrada e, como era bondoso, muitos viajantes passavam ali a noite.

Fomos, pois, viver com ele. O meu irmão era muito irrequieto e andava pela aldeia inteira; eu, pelo contrário, ficava mais em casa, junto do nosso avô.

Nos dias de festa, o avô levava-nos à igreja e, em casa, lia-nos sempre a Bíblia — a mesma que ainda trago comigo. O meu irmão cresceu e começou a beber. Eu tinha apenas sete anos quando, uma noite, dormíamos os dois perto do fogão. Empurrou-me e fez-me cair. Magoei o braço esquerdo e, desde então, não consigo servir-me dele: ficou atrofiado.

O meu avô, vendo que eu nunca poderia trabalhar no campo, decidiu ensinar-me a ler. Como não tínhamos um livro para aprender as letras, serviu-se desta mesma Bíblia: mostrava-me cada letra, fazia-me soletrar as palavras e depois copiá-las. Assim, de tanto repetir o que ele dizia, acabei

por aprender a ler. Mais tarde, quando começou a perder a vista, pedia-me que lhe lesse a Bíblia em voz alta e corrigia-me.

Um escrivão passava muitas vezes a noite na nossa hospedaria. Tinha uma letra muito bonita e eu gostava de o ver escrever. Comecei, por iniciativa própria, a formar palavras à maneira dele. Quando reparou, mostrou-me como fazê-lo, deu-me papel e tinta e preparou-me as penas. Foi assim que também aprendi a escrever. O meu avô ficou muito contente e dizia-me:

— Deus concedeu-te a capacidade de ler e escrever. Hás de tornar-te um homem instruído. Agradece ao Senhor e reza muitas vezes.

Íamos à igreja participar em todas as celebrações e, em casa, rezávamos também com frequência. Faziam-me repetir «Tende piedade de mim, Senhor», enquanto o meu avô e a minha avó se inclinavam até ao chão ou ficavam de joelhos.

Cheguei assim aos dezassete anos. A minha avó morreu, e o avô disse-me:

— Ficámos sem uma mulher que cuide da casa. Que vamos fazer? O teu irmão mais velho não serve para isto. Vou arranjar-te casamento.

Recusei por causa do problema que tinha no braço, mas o meu avô insistiu e casei com uma rapariga muito boa e séria. Tinha vinte anos. Passado um ano, o avô adoeceu gravemente. Chamou-me, despediu-se de mim e disse:

— Deixo-te a casa e tudo o que possuo. Vive como deves, não enganes ninguém e, acima de tudo, reza a Deus. Tudo vem d’Ele. Põe a tua esperança apenas em Deus, vai à igreja, lê a Bíblia e lembra-te de nós nas tuas orações. Toma estes mil rublos; guarda-os bem e não os gastes sem necessidade. Mas não sejas avarento: dá aos pobres e às igrejas de Deus.

Morreu, e tratei do seu funeral.

O meu irmão teve ciúmes por eu ter herdado a hospedaria. Criou-me muitos problemas e o inimigo tanto o instigou que decidiu matar-me. Uma noite, quando dormíamos e não havia hóspedes, entrou no armazém, tirou do cofre todo o dinheiro e ateou fogo ao edifício. Acordámos quando a casa já estava envolta em chamas e só tivemos tempo de saltar pela janela com a roupa que trazíamos vestida.

Guardávamos a Bíblia debaixo da almofada e conseguimos levá-la connosco. Olhávamos para a casa a arder e dizíamos: «Louvado seja Deus! Ao menos salvámos a Bíblia e poderemos encontrar nela consolo para esta desgraça.» Tudo o que possuíamos ardeu, e o meu irmão desapareceu da região. Mais tarde soubemos o que acontecera: certa vez, depois de beber, vangloriou-se de ter roubado o nosso dinheiro e incendiado a casa.

Ficámos sem nada, apenas com a roupa do corpo: verdadeiros mendigos. Como pudemos, e pedindo materiais emprestados, construímos uma pequena cabana e passámos a viver na pobreza. A minha mulher não tinha igual a tecer, fiar e coser. Aceitava encomendas e trabalhava dia e noite para me sustentar. Por causa do braço, eu nem sequer conseguia entrelaçar tiras de casca de árvore para fazer calçado. Na maior parte do tempo, ela fiava ou tecia, e eu, sentado ao seu lado, lia a Bíblia. Escutava-me e, por vezes, começava a chorar. Eu perguntava-lhe:

— Porque choras? Graças a Deus, lá vamos conseguindo viver.

Respondia-me:

— Estou comovida porque está tudo tão bem escrito na Bíblia!

Também nos lembrávamos dos conselhos do meu avô. Jejuávamos muitas vezes, líamos todas as manhãs um hino em honra da Virgem Maria e, à noite, cada um fazia mil inclinações diante dos ícones para não cair em tentação. Vivemos assim, tranquilamente, durante dois anos.

Há, porém, uma coisa surpreendente: nada sabíamos da oração interior feita no íntimo do coração; nunca sequer tínhamos ouvido falar dela. Rezávamos apenas com os lábios e fazíamos as nossas inclinações, talvez sem compreender bem o seu alcance. Contudo, o desejo de rezar estava

presente. Aquela longa oração exterior não nos parecia difícil; fazíamos-la com gosto. Sem dúvida, tinha razão o professor que me disse uma vez que há no interior do homem uma oração misteriosa, cuja origem ele próprio desconhece, mas que o impele a rezar como pode e sabe.

Passados dois anos, a minha mulher apanhou uma febre muito forte e, ao nono dia, depois de comungar, morreu. Fiquei sozinho, completamente sozinho, e sem poder trabalhar. Restava-me apenas pedir esmola, mas tinha vergonha de o fazer. Além disso, a lembrança da minha mulher deixava-me tão infeliz que não sabia para onde me virar. Quando entrava na cabana e via uma peça de roupa sua ou o lenço que usava na cabeça, começava a soluçar e chegava a desmaiar. Já não suportava viver ali com tamanha tristeza. Por isso, vendi a cabana por vinte rublos e distribuí aos pobres as minhas roupas e as dela. Por causa da incapacidade do braço, deram-me um documento de identificação permanente. Peguei na Bíblia e parti, caminhando sem destino certo.

Quando cheguei à estrada, perguntei a mim mesmo: «Para onde irei agora? Primeiro, irei a Kiev, venerarei os santos de Deus e pedir-lhes-ei ajuda nesta infelicidade.» Logo que tomei esta decisão, senti-me melhor e cheguei a Kiev mais tranquilo.

Há treze anos que caminho sem parar. Visitei muitas igrejas e mosteiros, mas atualmente viajo sobretudo pelos campos e pelas estepes. Não sei se o Senhor me permitirá chegar à cidade santa de Jerusalém. Se for essa a sua vontade, talvez esteja próximo o momento de deixar lá os meus ossos de pecador.

— E quantos anos tens? — perguntou o monge.

— Trinta e três. A idade de Cristo!

QUARTO RELATO: A CAMINHO DE JERUSALÉM

«Para mim, a felicidade está em estar unido a Deus; no Senhor ponho a minha esperança» (Sl 73, 28).

O provérbio russo

«O homem põe e Deus dispõe.» Pensei que este provérbio russo tinha razão quando voltava a casa do meu guia espiritual. Estava certo de partir naquele mesmo dia para a cidade santa de Jerusalém, mas as coisas passaram-se de outro modo: um acontecimento inteiramente inesperado obriga-me a ficar aqui mais dois ou três dias. Não podia deixar de vir contar-vos o que aconteceu e pedir-vos conselho.

Já me tinha despedido de todos e, com a ajuda de Deus, retomara o caminho. Estava prestes a passar a última barreira da cidade quando, à porta de uma casa, vi um velho peregrino que não encontrava havia mais de três anos. Cumprimentámo-nos e ele perguntou-me para onde ia. Respondi:

— Se Deus quiser, até à antiga cidade de Jerusalém.

— Ora aí está! — exclamou. — Tenho um excelente companheiro para ti.

— Obrigado, mas não sabes que viajo sempre sozinho e nunca levo um companheiro?

— Sei, sim, mas escuta: este companheiro convir-te-ia perfeitamente, e tu serias o companheiro ideal para ele. O pai do dono desta casa, onde trabalho, fez voto de ir a Jerusalém. Não te incomodará: é completamente surdo. Por mais alto que alguém fale, não ouve nada! Para lhe perguntar seja o que for, é preciso escrever num papel. Está sempre calado e não te perturbará durante o caminho. Mas a tua ajuda ser-lhe-á indispensável. O filho vai emprestar-lhe um cavalo e uma carruagem, que ele venderá depois em Odessa. O velho quer ir a pé, mas a bagagem seguirá na carruagem, juntamente com algumas ofertas para o Sepulcro do Senhor. Também lá poderás pôr a tua sacola. Pensa bem: podemos deixar um homem idoso e

completamente surdo fazer sozinho semelhante viagem? Procurámos um guia por toda a parte, mas pedem muito dinheiro. Além disso, seria perigoso deixá-lo viajar com um desconhecido: leva dinheiro e objetos preciosos. Eu responsabilizar-me-ei por ti perante a família. Ficarão encantados; são boas pessoas e estimam-me muito. Trabalho para eles há dois anos.

Depois de me explicar tudo isto à porta, fez-me entrar para falar com o patrão. Vi que era uma família honrada e aceitei a proposta. Combinámos partir dois dias depois do Natal, se Deus quiser, após participarmos na santa liturgia.

Eis como os acontecimentos inesperados surgem nos caminhos da vida! Mas é sempre Deus, na sua Providência, que atua através das nossas ações e intenções, como está escrito: «É Deus quem realiza em vós, segundo a sua vontade, tanto o querer como o agir» (Fl 2, 13).

O meu guia espiritual disse-me:

— Alegra-me muito, querido irmão, que Deus tenha permitido que te visse mais uma vez. Como ainda não partiste, gostaria que ficasses um pouco comigo e me contasses alguns dos encontros que tiveste nas tuas viagens. Ouvi com muito gosto os relatos anteriores.

— Contar-vos-ei de boa vontade o que aconteceu — respondi. E comecei:

— Houve coisas boas e más; seria impossível contar tudo. Muita coisa já esqueci, pois procurei guardar sobretudo as situações que levavam a minha alma preguiçosa à oração. No resto, raramente penso. Ou, melhor, procurei esquecer o passado, segundo o ensinamento do apóstolo Paulo: «Esquecendo o que fica para trás e lançando-me para o que está à frente, corro em direção à meta» (Fl 3, 13). O meu amigo monge dizia-me que os obstáculos à oração podem vir da direita ou da esquerda. Se o inimigo não consegue afastar a alma da oração com pensamentos vãos ou imagens pecaminosas, desperta-lhe recordações edificantes ou belas ideias, procurando distrair o espírito da conversa com Deus, que ele não suporta. Chama-se a isto um desvio «pela direita»: a alma deixa de falar com Deus e entrega-se a uma agradável conversa consigo mesma ou com as criaturas. O

monge ensinava-me também que, durante a oração, nem sequer devemos acolher no espírito o pensamento mais elevado e belo. Se, no fim do dia, verificarmos que passámos mais tempo em meditações e conversas edificantes do que na oração pura, devemos reconhecer nisso uma falta de prudência ou uma espécie de avidez espiritual centrada em nós mesmos. Isto é especialmente verdade para os principiantes, que devem dedicar mais tempo à oração do que às restantes práticas piedosas.

— Mas não se pode esquecer tudo. Algumas recordações ficam tão profundamente gravadas na memória que permanecem vivas, mesmo sem as evocarmos. É o caso daquela santa família em cuja casa Deus me permitiu passar alguns dias.

Uma família ortodoxa

Quando atravessava a região de Tobolsk, passei um dia por uma pequena cidade. Estava quase sem pão, por isso entrei numa casa para pedir algum. O dono disse-me:

— Chegas na hora certa: a minha mulher acaba de tirar pão do forno. Toma este pão ainda quente e reza a Deus por nós.

Agradei-lhe e comecei a guardar o pão na sacola. Ao vê-la, a dona da casa disse:

— Que sacola tão gasta tens aí, toda rasgada! Vou dar-te outra.

Ofereceu-me uma sacola forte e em bom estado. Agradei-lhes do fundo do coração e segui caminho. À saída da cidade, pedi um pouco de sal numa mercearia, e o comerciante deu-me um saco inteiro. Fiquei muito contente e agradei a Deus por me ter feito encontrar pessoas tão boas.

«Agora tenho o necessário para toda a semana», dizia comigo. «Poderei dormir sem preocupações. Bendiz o Senhor, ó minha alma!» (Sl 103 e 104, 1).

Já tinha percorrido cerca de cinco quilómetros desde a cidade quando avistei uma pequena aldeia com uma modesta igreja de madeira. Estava,

porém, bem pintada por fora e decorada com gosto. Como a estrada passava perto, apeteceu-me parar e rezar diante da casa de Deus. Subi os degraus e fiz uma oração. Na relva, ao lado da igreja, brincavam duas crianças de uns cinco ou seis anos. Estavam tão bem vestidas que pensei serem filhos do sacerdote. Quando acabei de rezar, segui caminho. Não tinha dado dez passos quando ouvi atrás de mim:

— Mendigo! Mendigo! Espera!

Eram as duas crianças, um rapazinho e uma menina, que corriam na minha direção. Parei, e eles agarraram-me pelas mãos.

— Vem a casa da nossa mãe. Ela gosta dos mendigos.

— Não sou mendigo; sou um peregrino.

— Então para que serves-te dessa sacola?

— Levo nela o pão para comer durante a viagem.

— Não faz mal. Vem connosco. A mãe dá-te dinheiro para o caminho.

— E onde está a vossa mãe? — perguntei.

— Ali adiante, atrás da igreja, para lá das árvores.

Conduziram-me a um belo jardim, no centro do qual se erguia uma grande casa senhorial. Entrámos no vestíbulo. Estava tudo limpo e arrumado. Nesse momento, apareceu a dona da casa e acolheu-nos:

— Que alegria! Deus mandou-te até nós! Senta-te, senta-te, meu amigo.

Pegou ela própria na minha sacola, pousou-a sobre uma mesa e fez-me sentar numa cadeira muito confortável.

— Queres comer? Tomar chá? Precisas de alguma coisa?

— Agradeço-vos humildemente — respondi —, mas tenho comida na sacola. Posso tomar chá, embora seja camponês e não esteja habituado. A

vossa amabilidade vale para mim mais do que uma refeição! Pedirei a Deus que vos abençoe por esta hospitalidade digna do Evangelho.

Enquanto falava, sentia grande vontade de me recolher em silêncio. A oração brotava no meu coração, e precisava de calma para deixar aquela chama elevar-se livremente e para esconder um pouco os sinais exteriores da oração: lágrimas, suspiros, expressões do rosto e movimentos dos lábios.

Por isso, levantei-me e disse:

— Peço-vos desculpa, mas tenho de continuar a viagem. Que o Senhor Jesus Cristo esteja convosco e com os vossos encantadores filhos.

— Ah, não! Deus te livre de ir embora; não te deixarei partir. O meu marido regressa ao fim da tarde. É juiz no tribunal do distrito e ficará feliz por te conhecer. Considera cada peregrino um enviado de Deus. Além disso, amanhã é domingo: rezarás connosco durante a celebração e partilharás a nossa mesa. Nos dias de festa, recebemos nesta casa pelo menos trinta pobres, nossos irmãos em Cristo. Ainda não me contaste quem és, de onde vens e para onde vais! Conta-me: gosto tanto de conversar com pessoas que veneram o Senhor. Meus filhos, levem a sacola do peregrino para o quarto junto ao oratório. É lá que ele passará a noite.

Fiquei tão espantado que me perguntei: «Será uma pessoa como as outras ou uma aparição?»

Resolvi esperar pelo marido. Contei-lhe brevemente a minha viagem e disse que me dirigia a Irkutsk.

— Que bom! — exclamou ela. — Hás de passar por Tobolsk, onde a minha mãe vive num convento de clausura. Dar-te-emos uma carta, e ela receber-te-á. Muitas pessoas vão pedir-lhe conselho espiritual. Podes levar-lhe também um livro de João Clímaco que encomendámos em Moscovo. Assim tudo se conjuga bem!

Chegou a hora do almoço e sentámo-nos à mesa. Almoçavam connosco mais quatro mulheres. Depois do primeiro prato, uma delas levantou-se, inclinou-se diante do ícone e depois diante de nós, e foi buscar os pratos

seguintes. Para o terceiro prato, outra levantou-se e fez o mesmo. Perguntei à dona da casa:

— Posso perguntar-vos se estas senhoras são da vossa família?

— Sim, são minhas irmãs: a cozinheira, a mulher do cocheiro, a costureira e a mulher que cuida da casa. São todas casadas; não há aqui nenhuma rapariga solteira.

Tudo o que vira e ouvira me deixara ainda mais admirado. Dei graças a Deus por me ter conduzido à casa de pessoas tão piedosas. Sentia a oração brotar com força no fundo do coração. Como desejava estar sozinho, levantei-me e disse à senhora:

— Deveis ter o costume de descansar depois do almoço. Quanto a mim, estou tão habituado a caminhar que gostaria de dar uma volta pelo jardim.

— Não vou descansar — respondeu. — Acompanho-te e contas-me alguma coisa que me faça bem ouvir. Se fores sozinho, as crianças não te darão sossego: não se afastarão de ti, pois gostam muito dos pobres, nossos irmãos em Cristo, e dos peregrinos.

Não havia maneira de evitar a companhia, e fomos juntos para o jardim. Para conseguir ficar calado por uns momentos, inclinei-me diante dela e perguntei:

— Dizei-me, em nome de Deus: há muito tempo que viveis de maneira tão dedicada aos outros? Como chegastes a esta bondade?

— A história é simples — respondeu. — A minha mãe é bisneta de São Josafá, cujas relíquias são veneradas em Belgorod. Tínhamos ali uma casa grande, e uma das alas estava arrendada a um homem de poucos recursos. Ele morreu e, quando a mulher deu à luz um menino, também morreu. A minha mãe acolheu o recém-nascido órfão. Nasci no ano seguinte. Crescemos juntos, tivemos os mesmos professores e éramos como irmão e irmã. Depois da morte do meu pai, a minha mãe deixou a cidade e veio instalar-se nesta aldeia.

— Quando chegámos à idade adulta, a minha mãe casou-me com aquele companheiro de infância, seu afilhado, e deixou-nos esta propriedade. Decidiu então entrar para o convento. Depois de nos dar a bênção, recomendou-nos que vivêssemos como cristãos: rezando a Deus de todo o coração e cumprindo, acima de tudo, o maior dos mandamentos, o amor ao próximo. Pediu-nos que ajudássemos os pobres, nossos irmãos em Cristo, e tratássemos os criados como irmãos. Há dez anos que vivemos neste lugar retirado e procuramos seguir os seus conselhos. Temos uma casa de acolhimento para pobres; neste momento, vivem lá mais de dez pessoas doentes ou com incapacidades. Se quiseses, amanhã iremos visitá-las.

Quando terminou, perguntei:

— Onde está o livro de João Clímaco que quereis enviar à vossa mãe?

— Vamos entrar, e mostrar-to-ei.

Mal começávamos a ler, chegou o dono da casa. Abraçámo-nos como irmãos em Cristo. Levou-me ao seu escritório e disse:

— Vem comigo, meu irmão, e abençoa este quarto. Receio que a minha mulher te tenha cansado. Quando encontra um peregrino ou um doente, fica tão contente que não o deixa em paz nem de dia nem de noite! É um antigo costume da família dela.

Entrámos no escritório. Quantos livros! Havia também belos ícones e uma grande cruz, quase da altura de uma pessoa, diante da qual estava um Evangelho. Fiz o sinal da cruz e disse:

— Meu amigo, tendes aqui o paraíso de Deus! Aqui estão o Senhor Jesus Cristo, a sua Santa Mãe e os seus santos servidores. Aqui estão as suas palavras e os seus ensinamentos vivos e imortais. Decerto gostais de vir muitas vezes conversar com eles.

— Gosto, sim. Gosto muito de ler.

— Que livros tendes aqui?

— Tenho muitos livros espirituais. Vê: o *Menológico*, as obras de João Crisóstomo e de Basílio, o Grande, vários estudos de filosofia e teologia e muitos sermões de pregadores dos nossos dias. Gastei cinco mil rublos nesta biblioteca.

— Tendes algum livro sobre a oração? — perguntei.

— Gosto muito de ler sobre a oração. Tenho aqui um pequeno livro escrito por um sacerdote de Petersburgo.

Tirou da estante um comentário ao Pai-Nosso e começámos a lê-lo. Entretanto, entrou a mulher com o chá, seguida das crianças, que traziam uma cesta de prata cheia de pastéis e bolos como eu nunca provara.

O dono da casa entregou o livro à mulher e disse:

— Ela lê-nos em voz alta. Lê muito bem! Entretanto, tomemos alguma coisa.

A senhora começou a ler. Enquanto a escutava, sentia a oração intensificar-se no coração. Quanto mais ela lia, mais forte se tornava a oração, enchendo-me de alegria.

De repente, vi passar rapidamente diante de mim uma figura que me pareceu a do meu falecido mestre. Fiz um movimento brusco e, para o disfarçar, disse:

— Desculpai-me. Devo ter cabeceado por um instante.

Naquele momento, pareceu-me que o espírito do monge me esclarecia: tudo se tornou mais claro para mim acerca da oração. Fiz o sinal da cruz e procurei afastar estes pensamentos.

A dona da casa acabou de ler, e o marido perguntou-me se tinha apreciado o texto. Começámos então uma longa conversa.

— Gostei muito — respondi. — O Pai-Nosso é, aliás, a mais preciosa das orações que conhecemos, pois foi o próprio Senhor Jesus Cristo quem a ensinou. O comentário que acabámos de ouvir é bom, mas ocupa-se

sobretudo da vida ativa do cristão. Nos Padres da Igreja, li uma explicação mais voltada para a contemplação e para a vida interior.

— Em que Padres encontraste essa explicação?

— Por exemplo, em Máximo, o Confessor, e nos escritos de Pedro Damasceno reunidos na *Filocalia*.

— Ainda te lembras dela? Podes contar-nos?

— Com certeza. A oração começa: «Pai-Nosso, que estais no Céu.» Segundo o comentário que ouvimos, estas palavras recordam-nos que devemos amar o próximo como irmão, pois somos todos filhos do mesmo Pai. Está certo. Mas os Padres acrescentam uma interpretação espiritual: ao pronunciá-las, devemos elevar o espírito ao Pai celeste e lembrar-nos de viver sempre na presença de Deus.

— Neste livro, as palavras «Santificado seja o vosso Nome» são explicadas como uma advertência para não invocarmos o nome do Senhor em vão. Os autores espirituais, porém, veem também nelas um pedido pela oração interior do coração: para que o nome de Deus seja santificado, deve ficar gravado no coração e, pela oração perpétua, iluminar e santificar os sentimentos e todas as forças da alma.

— Os Padres explicam «Venha a nós o vosso Reino» como um pedido para que cheguem ao nosso coração a paz interior, o descanso e a alegria espiritual.

— Quanto a «O pão nosso de cada dia nos dai hoje», o livro refere estas palavras às necessidades do corpo e a tudo aquilo de que precisamos para ajudar o próximo. Máximo, o Confessor, entende por «pão de cada dia» também o pão celeste que alimenta a alma: a Palavra de Deus e a união da alma com Ele pela contemplação e pela oração perpétua do coração.

— Ah! — exclamou o dono da casa. — A oração interior é uma tarefa difícil, quase impossível para quem vive no mundo. Já precisamos de toda a ajuda de Deus para não descuidar as orações habituais.

— Não digais isso, meu senhor. Se a oração interior ultrapassasse as forças humanas, Deus não a teria pedido a todos. «A sua força manifesta-se na fraqueza» (2 Cor 12, 9). E os Padres da Igreja ensinam maneiras de facilitar o caminho para ela.

— Nunca li nada de concreto sobre isso.

— Se quiserdes, posso ler-vos algumas passagens da *Filocalia*.

Abri o livro e procurei uma passagem de Pedro Damasceno, na terceira parte. Li-lhe:

«Devemos exercitar-nos a invocar o nome do Senhor ainda mais frequentemente do que respiramos, em todo o tempo, lugar e circunstância. O Apóstolo diz: “Orai sem cessar.” Ensina-nos, assim, a recordar Deus em todo o tempo, em todo o lugar e em todas as coisas.

Se estiveres a fazer alguma coisa, pensa no Criador de tudo o que existe. Se vires a luz do dia, lembra-te d’Aquele que a criou para ti. Se olhares para o céu, a terra, o mar e tudo o que contêm, admira e glorifica Aquele que tudo criou. Se vestires uma peça de roupa, pensa d’Aquele de quem a recebeste e dá-Lhe graças por cuidar da tua vida. Em resumo, que cada movimento seja para ti uma ocasião de louvar o Senhor. Assim rezarás sem cessar e a tua alma estará sempre alegre.»

— Vedes — disse eu — como este caminho é simples, fácil e acessível a qualquer pessoa com alguma sensibilidade?

A passagem agradou-lhes muito. O dono da casa abraçou-me com entusiasmo, agradeceu-me e, olhando para a minha *Filocalia*, disse:

— Tenho de comprar este livro. Vou encomendá-lo em Petersburgo. Mas, para não esquecer o que acabámos de ouvir, quero já copiar essa passagem. Dita-ma.

Escreveu-a imediatamente, depressa e com uma letra bonita. Depois exclamou:

— Meu Deus! Tenho precisamente um ícone de São Damasceno.

Abriu a moldura e colocou debaixo do ícone o papel que acabara de escrever:

— As palavras vivas de um servidor de Deus, colocadas junto da sua imagem, hão de lembrar-me muitas vezes de seguir este conselho tão bom.

Pouco depois, fomos jantar. Estavam todos à mesa connosco, homens e mulheres. Que silêncio respeitoso e que tranquilidade durante a refeição! No fim, rezámos juntos, incluindo as crianças, e pediram-me que lesse o

Hino ao Dulcíssimo Jesus

.

Os criados foram descansar e ficámos os três na sala. A senhora trouxe-me então uma camisa branca e meias. Inclinei-me profundamente e disse:

— Minha querida senhora, não posso usar essas meias. Nunca usei meias; costume enrolar faixas de pano nos pés.

Ela saiu e voltou pouco depois com uma antiga blusa amarela, de seda fina, que cortou em tiras. O marido, ao reparar que os meus sapatos estavam gastos, trouxe-me um par novo dos que usava dentro das botas.

— Entra neste quarto — disse-me —, está vazio. Podes trocar de roupa à vontade.

Fui mudar-me e voltei para junto deles. Fizeram-me sentar numa cadeira e começaram a calçar-me: ele enrolava as tiras de tecido à volta dos meus pés, e ela punha-me os sapatos. Ao princípio, não queria consentir, mas insistiram:

— Senta-te e fica quieto. Cristo lavou os pés aos seus discípulos.

Não consegui conter as lágrimas. Comecei a chorar, e eles também choraram.

A senhora foi passar a noite com as crianças. Eu e o marido saímos para conversar numa pequena construção no jardim. Ficámos acordados durante muito tempo, deitados no chão a falar. De repente, ele aproximou-se e perguntou-me:

— Responde-me com sinceridade e em consciência: quem és tu? Deves vir de uma família nobre e finges ser uma pessoa simples. Pensas e falas com tanta clareza que certamente não foste educado como um camponês.

— Falei-vos de coração aberto, a vós e à vossa mulher. Nunca pensei mentir-vos ou enganar-vos. E para que o faria? O que digo aprendi-o com o meu sábio e querido mestre, o monge que já morreu, ou com os Padres da Igreja, cujos escritos li. Quanto à oração interior, que é o que mais esclarece a minha ignorância, não fui eu quem a inventou. Nasceu no meu coração pela misericórdia de Deus e graças aos ensinamentos do monge que foi meu guia espiritual.

— Qualquer pessoa pode fazer o mesmo. Basta recolher-se mais profundamente no coração e invocar mais vezes o nome de Jesus Cristo. Então descobre-se uma luz interior: tudo se torna mais claro e, nessa claridade, revelam-se alguns mistérios do Reino de Deus.

— Já é um grande mistério descobrir essa capacidade de olhar para dentro de si, conhecer-se verdadeiramente e chorar em silêncio as próprias faltas e a vontade desordenada. Pensar com sensatez e falar aos outros não é assim tão difícil. O espírito e o coração foram-nos dados antes de aprendermos a ciência e a sabedoria humanas. Podemos cultivar o espírito pelo estudo ou pela experiência; mas, se não houver disposição para compreender, a instrução de pouco servirá.

— A verdade é que andamos longe de nós mesmos e não queremos aproximar-nos do que somos. Fugimos constantemente para não nos encontrarmos frente a frente connosco próprios. Preferimos qualquer distração à verdade e pensamos: «Bem gostaria de levar uma vida espiritual e dedicar-me à oração, mas não tenho tempo: os negócios e as preocupações não mo permitem.» Ora, o que é mais importante e necessário: a vida eterna da alma santificada ou esta vida passageira do corpo, pela qual tanto nos

sacrificamos? Conforme a resposta que dermos, poderemos caminhar para a sabedoria ou para a insensatez.

— Desculpa-me, meu querido irmão — respondeu o dono da casa. — Não te perguntei por simples curiosidade, mas por interesse sincero e espírito cristão. Além disso, lembrei-me de um caso muito curioso que aconteceu aqui há dois anos.

— Um dia apareceu-nos um velho mendigo, muito fraco. Tinha os documentos de um soldado que já deixara o exército e era tão pobre que quase não tinha roupa. Falava pouco e exprimia-se como um camponês. Acolhemo-lo na nossa casa de assistência. Passados cinco dias, adoeceu. Levámo-lo para o quarto ao fundo do jardim, e a minha mulher e eu cuidámos dele.

— Quando percebemos que estava a morrer, o pároco ouviu-o em confissão, deu-lhe a comunhão e prestou-lhe os últimos cuidados espirituais. Na véspera da morte, o velho levantou-se, pediu-me papel e pena e insistiu em que fechasse a porta e não deixasse ninguém entrar enquanto escrevia o testamento. Pediu-me que depois o fizesse chegar às mãos do filho, em Petersburgo.

— Fiquei espantado ao ver que escrevia com uma letra perfeita e que as frases eram corretas, elegantes e cheias de ternura. Amanhã mostrar-te-ei o testamento: guardei uma cópia. Tão admirado fiquei que lhe pedi que me contasse quem era e como tinha vivido. Fez-me jurar que não diria nada a ninguém antes da sua morte e, para maior glória de Deus, contou-me o seguinte:

«Eu era um príncipe muito rico. Levava a vida mais dissipada, brilhante e luxuosa que se possa imaginar. A minha mulher morrera, e eu vivia com o meu filho, capitão da Guarda. Uma noite, quando me preparava para ir a um baile, enfureci-me com o criado que cuidava do meu quarto. Sem me dominar, dei-lhe uma forte pancada na cabeça e mandei que o enviassem para a aldeia. Aconteceu à noite; na manhã seguinte, o criado morreu de uma inflamação no cérebro. Ninguém deu grande importância ao caso e, embora lamentasse a minha violência, também acabei por esquecer o sucedido.

«Seis semanas depois, começou a aparecer-me em sonhos. Todas as noites vinha censurar-me e repetia sem parar: “Homem sem consciência! Assassinaste-me!”

«Com o tempo, passei a vê-lo mesmo acordado. As aparições tornaram-se cada vez mais frequentes, até que ele já não me deixava um instante de descanso.

«Depois do meu criado, comecei a ver outras pessoas mortas: homens que eu tinha tratado com brutalidade e mulheres que seduzira. Todos me censuravam e não me deixavam em paz. Cheguei a um ponto em que já não conseguia dormir, comer ou fazer fosse o que fosse. Estava esgotado, reduzido a pele e osso. Os melhores médicos tentaram tratar-me, sem resultado.

«Viajei para me tratar no estrangeiro, mas, após seis meses, não tinha melhorado. Pelo contrário, as terríveis aparições eram cada vez mais frequentes. Trouxeram-me de volta mais morto do que vivo. Antes de se separar do corpo, a minha alma conheceu plenamente os tormentos do inferno. A partir daí, acreditei no inferno: soube por experiência o que era.

«No meio de tanta aflição, compreendi finalmente a gravidade do que fizera. Arrependi-me, confessei-me, dei a liberdade a todos os meus servos e prometi passar o resto da vida nos trabalhos mais duros, escondido sob a aparência de um mendigo, para servir com humildade as pessoas de condição mais modesta. Mal tomei esta decisão, as aparições desapareceram.

«A reconciliação com Deus trouxe-me uma alegria e uma paz que não consigo descrever. Compreendi então, também por experiência, o que é o paraíso e como o Reino de Deus está dentro do nosso coração.

«Recuperei por completo a saúde e pus em prática o que decidira. Com os documentos de um antigo soldado, deixei em segredo a minha terra natal.

«Há quinze anos que vagueio pela Sibéria. Por vezes, trabalhei para camponeses em tarefas que as minhas forças permitiam. Outras vezes, pedi

esmola em nome de Cristo. Ah, quanta felicidade encontrei no meio de tantas privações! Que felicidade e que paz de consciência! Só o compreende quem foi arrancado pela misericórdia divina a um inferno de sofrimento e conduzido ao paraíso de Deus.»

— Depois de me contar isto, entregou-me o testamento para o enviar ao filho. Morreu no dia seguinte.

— Olha, tenho na Bíblia que guardo na sacola uma cópia do testamento daquele velho mendigo. Se quiseres lê-la, mostro-ta. Aqui está.

Desdobrei o papel e li:

«Em nome de Deus glorificado na Trindade, Pai, Filho e Espírito Santo.

«Meu querido filho,

«Há quinze anos que não vês o teu pai. Embora vivesse afastado, por vezes tinha notícias tuas e nunca deixou de te amar como pai. É esse amor que me leva a enviar-te estas últimas palavras, para que te sirvam de ensinamento. Sabes quanto sofri por causa da vida culpada e leviana que levei. Mas não sabes quanta felicidade encontrei, durante os anos obscuros em que andei de terra em terra, graças aos frutos do meu arrependimento.

«Morro em paz na casa de um homem que me fez bem e que também foi teu benfeitor, pois o bem feito ao pai chega igualmente ao filho que o ama. Mostra-lhe a minha gratidão de todas as maneiras que puderes.

«Deixo-te a minha bênção de pai e peço-te que te lembres de Deus e obedças à tua consciência. Sê bom, prudente e sensato. Trata com bondade todos os que trabalham para ti e não desprezes os pobres nem os peregrinos. Lembra-te de que foi apenas numa vida sem posses e sempre a caminho que o teu pai encontrou a paz de alma.

«Peço a Deus que te conceda a sua graça e fecho tranquilamente os olhos, na esperança da vida eterna pela misericórdia de Jesus Cristo, Redentor dos homens.»

Depois de lermos o testamento, continuámos a conversar. De repente, ocorreu-me perguntar:

— Meu querido amigo, não tereis por vezes dificuldades com as pessoas que acolheis? Há quem se faça peregrino apenas por preguiça e se comporte mal pelos caminhos; já encontrei alguns.

— Esses casos são raros — respondeu. — Em geral, acolhemos verdadeiros peregrinos. Quando alguém nos parece menos sério, procuramos ser ainda mais atenciosos e deixamo-lo ficar mais tempo. No convívio com os pobres, irmãos de Jesus, essas pessoas muitas vezes mudam e partem com um coração mais humilde e bondoso. Há pouco tempo tivemos um exemplo disso.

— Um comerciante da nossa cidade tinha caído tão baixo que todos o afastavam à pancada e ninguém queria dar-lhe sequer um pedaço de pão. Bebia, era violento e conflituoso e, além disso, roubava. Um dia chegou a nossa casa, movido pela fome, e pediu pão e aguardente, pois gostava muito de beber. Recebemo-lo com amabilidade e dissemos-lhe:

— Fica connosco. Terás a aguardente que quiseres, mas com uma condição: depois de beberes, irás deitar-te. Se causares a menor perturbação, mandar-te-emos embora para sempre e pedirei ao juiz que te prenda por andares sem ocupação.

— Aceitou e ficou. Durante mais de uma semana, bebeu tanto quanto quis. Mas, de cada vez, cumpria o que prometera, também com receio de perder a bebida: ia deitar-se ou estendia-se em silêncio ao fundo do jardim.

— Quando passava o efeito da bebida, os nossos hóspedes conversavam com ele e aconselhavam-no a beber um pouco menos. Foi reduzindo a quantidade e, ao fim de três meses, já não bebia. Agora trabalha e não vive à custa dos outros.

«Que sabedoria nesta disciplina conduzida pela caridade!», pensei. E exclamei:

— Bendito seja Deus, cuja misericórdia atua nesta casa!

Depois da conversa, dormitámos um pouco. Ao ouvir o sino para a celebração da manhã, fomos à igreja, onde a senhora já estava com as crianças. Participámos no ofício e, em seguida, na divina liturgia. Eu estava no coro com o dono da casa e o filho; a senhora e a menina encontravam-se junto à abertura da iconóstase, de onde podiam ver a elevação dos Santos Dons. Meu Deus, como todos rezavam e derramavam lágrimas de alegria! Tinham o rosto tão iluminado que, ao contemplá-los, também comecei a chorar.

Terminada a celebração, os donos da casa, o sacerdote, os criados e todos os pobres regressaram juntos e sentaram-se à mesa. Havia certamente umas quarenta pessoas entre pobres, doentes, pessoas com incapacidades e crianças. Que silêncio e que paz à volta da mesa! Tomei coragem e disse em voz baixa ao dono da casa:

— Nos mosteiros, costuma ler-se a vida dos santos durante as refeições. Aqui poderíamos fazer o mesmo, já que tendes o *Menológio* completo.

Virou-se para a mulher e disse:

— Tens razão, Maria. Devemos criar esse hábito; fará bem a todos. Lerei eu na primeira refeição; depois lerás tu, em seguida o nosso pároco e depois os restantes, cada um por sua vez e conforme souber.

O sacerdote interrompeu a refeição e disse:

— Ouvir a leitura dá-me prazer, mas ler... Meu amigo, não tenho um momento livre. Mal entro em casa, já não sei a que acudir: há sempre trabalho e preocupações, falta uma coisa, falta outra, há as crianças, o gado disperso no campo... O dia passa-se nestas tarefas e não me sobra um minuto para ler e aprender. Há muito que me esqueci de tudo o que estudei no seminário.

Ao ouvi-lo, fiquei perturbado, mas a senhora pegou-me no braço e disse:

— O padre fala assim por humildade. Diminui-se a si próprio, mas é um homem excelente e piedoso. Ficou viúvo há vinte anos e cria todos os netos.

Além disso, está sempre a celebrar os ofícios na igreja.

Estas palavras lembraram-me uma passagem de Nicetas Stéthatos na *Filocalia*: «É conforme a disposição interior da alma que apreciamos a natureza das coisas.» Quer dizer, cada um forma uma ideia dos outros segundo aquilo que ele próprio é. Mais adiante, diz também: «Quem chegou à oração e ao verdadeiro amor deixa de fazer distinções entre as pessoas: já não separa o justo do pecador, mas ama todos igualmente e não os condena, assim como Deus faz nascer o sol sobre bons e maus e cair a chuva sobre justos e injustos» (Mt 5, 45).

Fez-se de novo silêncio. À minha frente estava sentado um homem cego, acolhido na casa de assistência. O dono da casa ajudava-o a comer: dividia com ele o peixe, aproximava-lhe a colher e enchia-lhe o copo. Observei-o atentamente e reparei que, na boca sempre entreaberta, a língua se movia sem parar. Perguntei a mim mesmo se estaria a rezar e prestei-lhe ainda mais atenção.

Terminada a refeição, uma mulher idosa começou a sentir-se mal. Respirava com dificuldade e gemia. Os donos da casa levaram-na para o quarto e deitaram-na. A senhora ficou a cuidar dela; o sacerdote foi buscar os Santos Dons; o marido mandou atrelar dois cavalos para irem rapidamente chamar o médico à aldeia. Todos se dispersaram.

Eu sentia uma espécie de fome de oração: um desejo intenso de a deixar brotar livremente. Havia dois dias que não encontrava sossego nem silêncio. Era como se uma onda estivesse prestes a transbordar do meu coração e a espalhar-se por todo o corpo. Ao procurar contê-la, senti uma dor forte no peito — mas uma dor que me fazia bem, pois me levava a procurar ainda mais a oração e o silêncio.

Compreendi então porque aqueles que se dedicam à oração perpétua procuram lugares afastados. Lembrei-me também de que, segundo o bem-aventurado Hesíquio, até a conversa mais elevada pode tornar-se mera tagarelice se durar demasiado. E vieram-me à memória as palavras de Santo Efrém, o Sírio: «Um bom discurso é de prata, mas o silêncio é de ouro puro.»

Enquanto pensava nisto, cheguei à casa de acolhimento. Depois do almoço, todos dormiam. Subi ao sótão, sosseguei, descansei e rezei um pouco. Quando os hóspedes acordaram, procurei o homem cego e levei-o ao jardim. Sentámo-nos num canto afastado e começámos a conversar:

— Diz-me, em nome de Deus e para proveito da minha alma: rezas a oração de Jesus?

— Há muito tempo que a repito sem parar.

— Que efeitos sentes?

— Apenas este: nem de dia nem de noite consigo passar sem ela.

— Como te conduziu Deus a essa prática? Conta-me tudo, meu querido irmão.

— Sou artesão desta região. Ganhava a vida como alfaiate: ia de povoação em povoação a fazer roupas para camponeses. Numa delas, fiquei muito tempo em casa de um homem, pois tinha de vestir toda a família. Num dia de festa, em que não tinha trabalho, encontrei três livros velhos sobre a prateleira onde se colocam os ícones. Perguntei aos moradores:

— Há alguém nesta casa que saiba ler?

— Não — responderam. — Esses livros eram de um tio nosso que sabia ler e escrever.

— Peguei num deles e abri-o ao acaso. Li estas palavras, de que ainda me lembro: «A oração perpétua consiste em invocar incessantemente o nome do Senhor. Sentado ou de pé, à mesa ou no trabalho, em qualquer ocasião, lugar e momento, é preciso invocar o nome do Senhor.»

— Pensei no que tinha lido e pareceu-me que aquilo me convinha. Enquanto cosia, comecei a repetir baixinho a oração e senti-me muito feliz. As pessoas da casa onde eu trabalhava repararam e fizeram troça:

— És feiticeiro? Estás sempre a murmurar palavras entre dentes! Ou andas a fazer magia?

— Para que não reparassem, deixei de mexer os lábios e passei a recitar a oração movendo apenas a língua. Habituei-me tanto que a língua repete a oração de Jesus dia e noite, e sinto-me bem assim.

— Continuei a trabalhar durante muito tempo; depois, de repente, perdi completamente a vista. Na minha família, quase todos sofrem de uma doença dos olhos a que chamam «água escura». Como sou muito pobre, a administração local arranjou-me lugar na casa de acolhimento de Tobolsk. É para lá que vou. Os donos desta casa pediram-me que ficasse até me conseguirem uma carruagem para a viagem.

— Sabes como se chamava o livro que leste? Não seria a *Filocalia*?

— Não faço ideia. Não reparei no título.

Fui buscar a minha *Filocalia* e encontrei, na quarta parte, as palavras do patriarca Calisto que ele repetira de cor. Comecei a lê-las.

— São essas mesmo! — exclamou. — Lê, meu irmão, lê! São tão belas.

Ao chegar à passagem que diz que é preciso rezar com o coração, perguntou-me o que significava e como se fazia. Respondi que a *Filocalia* explicava pormenorizadamente a oração do coração. Pediu-me então, com insistência, que lhe lesse tudo o que dizia a esse respeito.

— Façamos assim — propus. — Quando pensas partir para Tobolsk?

— Já, se quiseses.

— Também eu queria partir amanhã. Vamos juntos e, pelo caminho, ler-te-ei tudo o que se refere à oração do coração. Procurarei explicar-te como voltar a atenção para o coração e nele te recolheres.

— E a carruagem? — perguntou.

— Não precisamos dela. Daqui a Tobolsk são apenas cento e cinquenta quilómetros. Iremos devagar; será bom caminharmos os dois em silêncio. Além disso, a pé estaremos mais à vontade para ler e falar da oração.

Ficou decidido. À noite, o dono da casa veio chamar-nos pessoalmente para jantar. Depois da refeição, contámos-lhe que desejávamos partir e dispensávamos a carruagem, pois queríamos caminhar e ler a *Filocalia*. Ele disse:

— Gostei muito da *Filocalia*. Já preparei a carta e o dinheiro. Amanhã, quando for ao tribunal, mandarei tudo para Petersburgo, para que o livro chegue pelo primeiro correio.

Na manhã seguinte, partimos. Agradecemos àquele casal tão bondoso a sua caridade e a sua extraordinária delicadeza. Acompanharam-nos durante cerca de um quilómetro e despedimo-nos.

O camponês cego

O homem cego e eu caminhávamos devagar; percorríamos apenas dez a quinze quilómetros por dia. No resto do tempo, sentávamo-nos em lugares sossegados e líamos a *Filocalia*.

Li-lhe tudo o que tratava da oração do coração, pela ordem que o meu amigo monge me ensinara: começámos pelos escritos de Nicéforo, o Monge, passámos aos de Gregório, o Sinaíta, e continuámos assim. Escutava com tanta atenção e entusiasmo! Ficava feliz e profundamente comovido. Depois começou a fazer-me perguntas sobre a oração às quais eu próprio não sabia responder.

Após uma das leituras, pediu-me que lhe explicasse, de forma prática, como voltar a atenção para o coração, associar-lhe o nome divino de Jesus Cristo e rezar interiormente.

Disse-lhe:

— É certo que não vês, mas consegues recordar na imaginação coisas que viste antes: uma pessoa, um objeto ou uma parte do teu corpo, como o braço ou a perna. Consegues representá-los com tanta nitidez como se os estivesses a ver? Mesmo sendo cego, consegues dirigir a atenção para eles?

— Consigo — respondeu.

— Então procura representar assim o teu coração. Dirige a atenção para ele, como se olhasses através do peito, e escuta com cuidado as suas pulsações. Quando o conseguires, associa cada batida, sem deixares de a acompanhar, às palavras da oração. Na primeira batida, diz ou pensa «Senhor»; na segunda, «Jesus»; na terceira, «Cristo»; na quarta, «tende piedade»; na quinta, «de mim». Repete muitas vezes este exercício. Ser-te-á mais fácil porque já estás habituado à oração.

— Mais tarde, quando isso te for familiar, poderás associar a oração de Jesus à respiração: ao inspirar, diz ou pensa «Senhor Jesus Cristo»; ao expirar, «tende piedade de mim». Se repetires este exercício muitas vezes e durante bastante tempo, talvez sintas primeiro uma ligeira dor no coração e, depois, pouco a pouco, um calor agradável. Com a ajuda de Deus, poderás chegar à oração contínua no íntimo do coração. Mas tem especial cuidado com as imagens que possam surgir no espírito enquanto rezas. Afasta-as: os Padres ensinam que, durante a oração, devemos manter o espírito livre de representações, para não nos iludirmos.

O meu companheiro escutou atentamente e praticou com zelo o que lhe explicara. À noite, quando parávamos para descansar, dedicava muito tempo à oração.

Passados cinco dias, disse-me que sentia um grande calor no coração e uma felicidade que não sabia descrever. Desejava, além disso, dedicar-se continuamente à oração, que lhe revelava o amor que tinha por Jesus Cristo.

Por vezes, parecia-lhe ver uma luz, sem distinguir nela qualquer objeto. Quando concentrava a atenção no coração, era como se surgisse uma grande chama de vela, que espalhava claridade em seu redor e o iluminava por inteiro. Pareceu-lhe até que, graças a essa luz, via objetos distantes, como aconteceu uma vez.

Atravessávamos uma floresta. Ele seguia em silêncio, entregue à oração. De repente, disse-me:

— Que desgraça! A igreja está a arder e o campanário acaba de cair!

— Deixa essas imagens — respondi —; podem ser uma tentação. É preciso afastar quanto antes tais fantasias. Como poderias ver o que se passa na cidade? Ainda estamos a doze quilómetros dela.

Obedeceu-me e, retomando a oração, calou-se. Ao fim da tarde, chegámos à cidade. Vi então várias casas queimadas e um campanário em ruínas, que assentara sobre suportes de madeira. À volta, as pessoas discutiam e admiravam-se de o campanário não ter esmagado ninguém ao cair. Pelo que percebi, o desastre ocorrera precisamente quando o meu companheiro me falara dele na floresta. Ele disse:

— Pensaste que a minha visão não tinha fundamento, mas foi isso que aconteceu. Como não dar graças ao Senhor Jesus Cristo e amá-Lo? Ele mostra a sua bondade a pecadores, cegos e pessoas sem instrução. E agradeço-te também a ti, que me ensinaste a oração do coração.

Respondi-lhe:

— Ama Jesus Cristo e dá-Lhe graças, mas não tomes toda a visão por uma revelação direta da graça. Segundo o que me ensinou o meu falecido mestre, algumas percepções invulgares podem ter uma origem natural. Ele dizia-me que a alma humana não está inteiramente presa à matéria e que, em certas circunstâncias, pode aperceber-se de coisas próximas ou distantes que normalmente lhe escapam. Não cultivamos essa faculdade: o corpo e os pensamentos dispersos perturbam-na. Quando nos recolhemos e afastamos as distrações, a alma pode agir de uma forma que nos surpreende. O meu mestre dizia que não só as pessoas entregues à oração, mas também alguns doentes ou pessoas com capacidades invulgares afirmam ver claridade na escuridão, sentir a presença de objetos ou aperceber-se do pensamento alheio.

— Já os efeitos diretos da graça de Deus na oração do coração são tão maravilhosos que nenhuma língua consegue descrevê-los. Não há nada material com que os possamos comparar; tudo o que captamos pelos sentidos parece pouco perante aquilo que a graça desperta no coração.

O homem cego ouviu-me atentamente e tornou-se ainda mais humilde. A oração intensificava-se no seu coração e enchia-o de uma alegria que não

sabia exprimir. Eu alegrava-me por ele e agradecia ao Senhor por me ter permitido conhecer a devoção daquele seu servidor.

Por fim, chegámos a Tobolsk. Levei-o à casa de acolhimento e, depois de nos despedirmos com afeto, retomei sozinho o caminho.

Durante o mês seguinte, caminhei sem pressa e percebi como os bons exemplos nos podem ajudar. Lia muitas vezes a

Filocalia

e confirmava nela o que dissera ao camponês cego. O seu exemplo aumentava o meu fervor, a dedicação à oração e o amor ao Senhor. A oração do coração fazia-me tão feliz que nunca imaginara ser possível sentir tal felicidade nesta terra. Perguntava a mim mesmo como poderiam as alegrias do Reino dos Céus ser ainda maiores.

Essa felicidade não iluminava apenas o interior da minha alma. Também o mundo à minha volta me aparecia sob uma luz admirável. Tudo me convidava a amar e louvar a Deus: as pessoas, as árvores, as plantas e os animais. Tudo me parecia familiar e, por toda a parte, encontrava sinais do nome de Jesus Cristo.

Por vezes, sentia-me tão leve que me parecia já não ter corpo e flutuar suavemente no ar. Outras vezes, recolhia-me profundamente em mim mesmo: apercebia-me com clareza do meu interior e admirava a forma como o corpo humano é constituído. Havia momentos em que sentia uma alegria tão grande como se fosse rei. No meio de todas estas consolações, desejava que Deus me deixasse morrer em breve, para poder derramar a minha gratidão a seus pés, no mundo espiritual.

Talvez me tenha deleitado excessivamente com essas sensações. Ou talvez Deus assim o tenha permitido. Passado algum tempo, comecei a sentir no coração certo medo e inquietação.

«Será que me espera outra desgraça ou provação», perguntava a mim mesmo, «como aquela que sofri por causa da rapariga a quem ensinei a oração de Jesus na capela?»

Os pensamentos pesavam-me como nuvens escuras. Lembrei-me então das palavras do bem-aventurado João de Cárpatos: muitas vezes, quem orienta alguém espiritualmente é desonrado e sofre tentações e provações por causa daqueles a quem ajudou. Lutei contra estes pensamentos e entreguei-me à oração; desapareceram por completo. Senti-me mais forte e disse:

— Faça-se a vontade de Deus! Estou pronto a suportar tudo o que Jesus Cristo me enviar para corrigir a minha obstinação e o meu orgulho. Além disso, aqueles a quem recentemente falei da oração interior já tinham sido preparados pela ação misteriosa de Deus antes de me conhecerem.

Esta reflexão devolveu-me a paz. Prossegui a viagem em oração e com alegria, mais feliz do que antes. Choveu durante dois dias, e a estrada transformou-se num lamaçal difícil de atravessar. Segui pela estepe e percorri quinze quilómetros sem encontrar nenhuma povoação. Finalmente, ao fim da tarde, avistei uma estalagem à beira da estrada. Alegrei-me: poderia ao menos descansar e passar ali a noite. Quanto ao dia seguinte, aconteceria o que Deus quisesse; talvez o tempo melhorasse.

A estação de muda de cavalos

Ao aproximar-me da estalagem, vi um velho de capote militar sentado num pequeno declive. Parecia estar embriagado. Cumprimentei-o e perguntei:

— A quem posso pedir licença para passar aqui a noite?

— A quem, senão a mim? — gritou. — Sou eu quem manda aqui! Estou encarregado do serviço de correio; é nesta estação que se mudam os cavalos.

— Então, meu amigo, deixai-me passar a noite em vossa casa.

— Tens documentos? Mostra os teus papéis!

Dei-lhe o meu documento de identificação. Já o segurava na mão quando começou a gritar:

— Onde está o teu documento?

— Na vossa mão — respondi.

— Ah, está certo. Entremos.

O chefe da estação pôs os óculos, examinou o documento e disse:

— Parece estar tudo em ordem. Podes ficar. Vês que sou boa pessoa. Vá, vou trazer-te um copo de aguardente.

— Não bebo bebidas fortes — respondi.

— Ora essa, não faz mal. Mas, nesse caso, janta ao menos connosco.

Sentou-se à mesa com a cozinheira, uma mulher ainda jovem que também bebera bastante, e juntei-me a eles. Durante toda a refeição, não pararam de discutir e de se censurar mutuamente. Acabaram numa grande zanga. O chefe foi dormir na despensa; a cozinheira ficou a lavar os pratos e os talheres, resmungando continuamente contra ele.

Eu estava sentado e, vendo que ela não se acalmava, perguntei:

— Onde poderei dormir, minha senhora? Estou exausto da viagem.

— Já te preparo uma cama.

Encostou um banco a outro que estava debaixo da janela da frente e estendeu sobre ambos uma manta de feltro e uma almofada. Deitei-me e fechei os olhos, fingindo dormir. A cozinheira continuou atarefada ainda por muito tempo. Por fim, acabou o trabalho, apagou a luz e aproximou-se de mim.

De repente, a janela da frente partiu-se com um estrondo assustador. Caixilhos, vidros e batentes voaram em todas as direções. Ao mesmo tempo, ouviam-se do lado de fora gemidos, gritos e o ruído de uma confusão. A cozinheira, aterrorizada, correu para o meio da sala e caiu desmaiada. Saltei do banco, convencido de que o chão se abria sob os meus pés.

Vi então dois cocheiros trazerem para dentro da casa um homem coberto de sangue, cujo rosto mal se distinguia. Fiquei ainda mais aflito. Era um mensageiro do governo que viera mudar de cavalos naquela estação. O condutor calculara mal a curva à entrada, e a vara de tração da carruagem embatera na janela. Como havia uma vala diante da casa, a carruagem capotara, e o mensageiro ferira a cabeça numa estaca pontiaguda que segurava a barreira de terra.

O homem pediu água e álcool para lavar a ferida. Humedeceu-a com aguardente, bebeu um gole e gritou:

— Os cavalos! Quero os cavalos!

Aproximei-me e perguntei:

— Como podeis continuar a viagem com uma ferida tão grande?

— Um mensageiro não tem tempo para estar doente — respondeu. E desapareceu.

Os cocheiros arrastaram a cozinheira até um canto perto do fogo e cobriram-na com uma esteira.

— Foi o susto que a deixou assim — disseram.

O chefe da estação bebeu mais um gole de aguardente e voltou a deitar-se. Fiquei sozinho. A mulher recuperou os sentidos pouco depois e começou a andar pela casa de um lado para o outro, como se não soubesse onde estava, até sair. Rezei por ela e, sentindo-me exausto, adormeci pouco antes do amanhecer.

De manhã, despedi-me do chefe da estação. Enquanto caminhava, elevava a minha oração com fé, esperança e gratidão ao Pai das misericórdias e de toda a consolação, que me preservara de um perigo tão próximo.

Seis anos depois, passei diante de um convento de religiosas e entrei na igreja para rezar. Terminada a celebração, a abadessa recebeu-me muito

amavelmente e ofereceu-me chá. Entretanto, chegaram outros visitantes. Foi recebê-los e deixou-me com as religiosas que a ajudavam. Uma delas serviu-me o chá com tanta humildade que tive vontade de lhe perguntar:

— Há muito tempo que estais neste convento, irmã?

— Há cinco anos — respondeu. — Quando me trouxeram para cá, eu estava inteiramente perturbada. Mas Deus teve piedade de mim. A madre abadessa acolheu-me junto de si, na sua cela, e ajudou-me a professar os votos.

— E como chegastes a esse estado?

— Por causa de um susto terrível. Trabalhava numa estação de muda de cavalos. Uma noite, os cavalos fizeram partir a janela. Fiquei tão aterrorizada que perdi o juízo. Durante um ano, os meus pais levaram-me em peregrinação a vários santuários para rezar. Só aqui recuperei.

Ao ouvi-la, alegrei-me profundamente e louvei a Deus, cuja sabedoria pode fazer com que tudo contribua para o nosso bem.

Um sacerdote de uma paróquia rural

Enquanto conversava com o meu guia espiritual, disse-lhe:

— Tive ainda muitas outras aventuras. Se as contasse todas de seguida, nem três dias chegariam. Mas, se quiserdes, posso contar-vos mais uma.

Num belo dia de verão, avistei a alguma distância do meu caminho um cemitério — ou, melhor, uma pequena paróquia com igreja, casas para os que nela serviam e cemitério. Os sinos tocavam para a celebração, e apressei o passo. Também as pessoas das redondezas se dirigiam à igreja, embora muitas se sentassem na erva antes de lá chegar. Ao verem-me apressado, diziam:

— Não corras tanto; tens tempo de sobra. Aqui a celebração demora muito: o sacerdote está doente e, além disso, é tão vagaroso!

De facto, a liturgia não foi breve. O sacerdote, ainda jovem, mas pálido e magro, celebrava muito devagar, com devoção e sentimento. No fim, fez uma bela homilia sobre a maneira de cultivar o amor a Deus.

Convidou-me a comer em sua casa. Durante a refeição, disse-lhe:

— Celebrais com muita devoção, padre, mas também muito devagar!

— É verdade — respondeu. — Os meus paroquianos não gostam e queixam-se. Mas não consigo fazer de outro modo: gosto de meditar e dar atenção a cada palavra antes de a cantar. Sem esse sentimento interior, as palavras não têm valor, nem para mim nem para os outros. Tudo depende da vida interior e da oração atenta. Ah, como as pessoas se dedicam pouco ao trabalho interior! — acrescentou. — É porque não o desejam e não procuram a luz espiritual dentro de si.

Perguntei-lhe:

— Como se chega a essa luz interior? Não será muito difícil?

— De maneira nenhuma. Para receber luz espiritual e desenvolver a vida interior, basta escolher uma passagem da Sagrada Escritura e concentrar nela a atenção durante o maior tempo possível. Assim se começa a compreender melhor. Para a oração, faz-se algo semelhante: escolhe-se uma oração breve, de poucas palavras mas cheia de sentido, e repete-se muitas vezes, durante bastante tempo. É assim que nasce o gosto pela oração.

Gostei muito do ensinamento do padre: era prático e simples, mas também profundo e sábio. Agradei a Deus por me ter feito conhecer um verdadeiro pastor da sua Igreja.

Depois do almoço, o padre disse-me:

— Vai descansar um pouco. Tenho de ler a Palavra de Deus e preparar a homilia de amanhã.

Fui para a cozinha. Não estava lá ninguém, exceto uma cozinheira já muito idosa, sentada num canto, curvada e a tossir. Sentei-me junto de uma pequena abertura no telhado, tirei a *Filocalia* da sacola e comecei a ler em voz baixa. Passado algum tempo, reparei que a velhinha repetia continuamente a oração de Jesus. Alegrava-me ouvir invocar assim o santo Nome do Senhor. Disse-lhe:

— Que bom é rezar dessa maneira! É uma das melhores coisas que podemos fazer como cristãos.

— É verdade, meu amigo. Agora, no fim da vida, é isso que mais me conforta. Deus me perdoe!

— Há muito tempo que rezas assim?

— Desde que era menina. Não poderia viver sem esta oração: foi ela que me salvou da desgraça e da morte.

— Como aconteceu? Conta-me, peço-te, para glória de Deus e em honra da oração de Jesus.

Guardei a *Filocalia* na sacola e sentei-me ao seu lado. Começou então a contar:

— Era uma rapariga muito nova e bonita. Os meus pais tinham combinado o meu casamento. Na véspera, quando o meu noivo estava quase a entrar em nossa casa, caiu morto à porta. Fiquei tão assustada que resolvi não casar e percorrer os santuários, rezando a Deus. Mas tinha medo de andar sozinha pelos caminhos. Sendo tão jovem, poderia ser atacada por homens mal-intencionados.

— Uma mulher idosa, que já há muito tempo levava uma vida de peregrina, ensinou-me a repetir sem cessar a oração de Jesus. Garantiu-me que ela me protegeria dos perigos da estrada. Acreditei no que dizia. Nunca me aconteceu nada de mal, mesmo nas regiões mais afastadas. Os meus pais davam-me dinheiro para viajar.

— Passaram-se muitos anos. Envelheci e adoeci. Felizmente, o padre desta paróquia dá-me comida e cuida de mim por bondade.

Ouvi o relato com alegria. Não sabia como agradecer a Deus aquele dia, em que me fizera encontrar exemplos tão bons. Pouco depois, pedi a bênção ao sacerdote, tão bom e piedoso, e retomei o caminho, contente.

Na estrada de Kazan

E vede: não faz muito tempo, quando eu atravessava a comarca de Kazan para vir até aqui, ainda tive a oportunidade de conhecer melhor os efeitos da oração de Jesus. Mesmo para aqueles que a praticam inconscientemente, essa oração é na verdade o meio mais certo e rápido para se atingirem os bens espirituais.

Certa noite tive de parar em uma aldeia tártara. Ao entrar pela rua, avistei, diante de uma casa, uma carruagem e um cocheiro russo. Os cavalos estavam desatrelados e pastavam perto da carruagem.

Muito contente, resolvi pedir para dormir naquela casa onde, pelo menos, encontraria cristãos. Aproximei-me e perguntei ao cocheiro quem ele conduzia. Respondeu-me que seu senhor viajava de Kazan para a Criméia. Enquanto conversava com o cocheiro, o senhor afastou a cortina de couro da portinhola da carruagem, olhou para mim e disse:

— Vou passar a noite aqui, mas não entro na casa dos tártaros porque aí tem muita sujeira; decidi dormir na carruagem.

Pouco mais tarde, o senhor saiu para dar umas voltas — estava uma noite linda! — e começamos a conversar. Trocamos idéias e ele me fez o seguinte relato:

— Até aos sessenta e cinco anos, servi na marinha como capitão de um navio — contou. — Depois, comecei a sofrer de gota e reformei-me. Instalei-me numa propriedade da minha mulher, na Crimeia. Estava quase sempre doente. Ela gostava de receber visitas e adorava jogar às cartas. Acabou por se cansar de viver ao lado de um doente e foi para Kazan, para

casa da nossa filha, casada com um funcionário. Levou tudo consigo, até os criados, e deixou-me apenas um rapaz de oito anos, meu afilhado.

— Passei assim três anos praticamente sozinho. O rapaz era muito desembaraçado: arrumava-me o quarto, acendia o fogo, fazia-me papas de aveia e aquecia o samovar. Mas também era irrequieto. Corria, gritava, brincava, ia contra os móveis e perturbava-me muito.

— Por causa da doença e da vida repetitiva que levava, gostava especialmente de ler livros espirituais. Tinha um excelente livro de Gregório Palamas sobre a oração de Jesus. Lia-o quase sem parar e também rezava um pouco essa oração. O barulho do rapaz incomodava-me, mas nem advertências nem castigos o faziam sossegar. Por fim, encontrei uma solução: obrigava-o a sentar-se num banquinho no meu quarto e a repetir continuamente a oração de Jesus. Ao princípio, detestava fazê-lo e, para se escapar, calava-se.

— Para o obrigar a obedecer, passei a ter umas varas ao meu lado. Quando rezava, eu lia tranquilamente ou escutava-o. Assim que se calava, mostrava-lhe as varas; com medo, recomeçava a oração. Isto trouxe-me finalmente o sossego de que precisava em casa.

— Com o tempo, notei que já não era preciso ameaçá-lo: cumpria a minha ordem com mais gosto e empenho. Depois, até o comportamento mudou. Tornou-se mais sossegado e fazia melhor as tarefas da casa. Fiquei tão contente que lhe dei mais liberdade. O resultado foi que se habituou de tal maneira à oração que a repetia sem parar, sem eu lhe pedir. Quando lhe perguntei porquê, disse-me que sentia uma enorme vontade de a rezar.

— Que sentes quando a rezas?

— Nada de especial. Mas sinto-me bem enquanto digo a oração de Jesus.

— De que maneira te sentes bem?

— Não sei explicar.

— Sentes alegria?

— Sim, muita alegria.

— O rapaz tinha doze anos quando começou a Guerra da Crimeia. Fui para Kazan e levei-o para casa da minha filha. Ficou na cozinha com os outros criados. Sentia-se infeliz: eles passavam o tempo a divertir-se e a brincar uns com os outros, faziam troça dele e não o deixavam dedicar-se à oração. Três meses depois, veio ter comigo e disse:

— Vou-me embora para casa. Não suporto tanto barulho aqui!

— Como poderias ir sozinho para tão longe, ainda por cima em pleno inverno? — respondi. — Espera que eu regresse e levo-te comigo.

— No dia seguinte, o rapaz desapareceu. Procurámo-lo por toda a parte, sem o encontrar. Por fim, recebi uma carta da Crimeia. Os guardas comunicavam-me que, a 4 de abril, no dia seguinte à Páscoa, tinham encontrado o rapaz morto em minha casa. Jazia no chão do meu quarto, com as mãos cruzadas sobre o peito, o boné debaixo da cabeça e a pouca roupa que costumava usar, a mesma com que fugira.

— Enterraram-no no meu jardim. Ao receber a notícia, espantei-me com a rapidez com que tinha chegado. Partira a 26 de fevereiro e fora encontrado morto a 4 de abril. Percorrer três mil quilómetros em pouco mais de um mês seria difícil até a cavalo: são cerca de cem quilómetros por dia. E fez a viagem com tão pouca roupa, sem documentos nem dinheiro. Admitamos que tenha conseguido boleia numa carruagem. Mesmo assim, não posso deixar de ver nisso a intervenção de Deus. Foi assim que o meu jovem criado conheceu os frutos da oração — concluiu o antigo capitão. — E eu, ao chegar ao fim da vida, ainda não alcancei uma oração tão profunda.

Disse então ao meu interlocutor:

— Conheço esse excelente livro de São Gregório Palamas que lestes. Ocupa-se, porém, sobretudo da oração dita em voz alta. Deveríeis ler este outro, a *Filocalia*. Encontrareis nele ensinamentos completos sobre a oração de Jesus feita no espírito e no coração.

Mostrei-lhe a minha *Filocalia*. Agradeceu-me o conselho e disse que iria procurar o livro.

«Meu Deus!», pensava eu. «Que efeitos surpreendentes da força divina se manifestam nesta oração! Que relato tão profundo! As varas levaram aquele rapaz a rezar, e ele acabou por encontrar alegria na oração. Não poderão as dificuldades e tristezas que encontramos nesse caminho ser, também elas, correções de Deus? Porque havemos de as temer, se vêm de um Pai celeste que nos ama infinitamente? Podem levar-nos a rezar com maior empenho e a descobrir alegrias que não sabemos descrever.»

Quando acabei estes relatos, disse ao meu guia espiritual:

— Perdoai-me, em nome de Deus. Falei demasiado. Os Padres dizem que mesmo uma conversa sobre assuntos espirituais se torna vã se se prolongar em excesso. Está na hora de ir encontrar o homem que me acompanhará a Jerusalém. Rezai por mim, pobre pecador, para que o Senhor, na sua misericórdia, faça desta viagem um bem para a minha alma.

— Desejo-o de todo o coração, meu querido irmão no Senhor — respondeu. — Que a graça abundante de Deus ilumine os teus passos e te acompanhe, como o anjo Rafael acompanhou Tobias.

Nas *isbás*, a estufa é uma grande construção de tijolo que se mantém quente. Sobretudo no inverno, os camponeses dormem na sua parte superior; as pessoas mais velhas passam ali muitas vezes o dia inteiro. Leão Tolstói descreveu este costume no conto *Três Mortes*.

Trata-se de um hino, ou ofício, em honra da Virgem Maria, que se canta de pé. Foi composto em memória da vitória do imperador Heráclio sobre os escitas e os persas que cercavam Bizâncio em 626. Um furacão súbito dispersou a frota inimiga, cujas embarcações se despenharam perto da igreja da Virgem de Blacherna. O hino tem vinte e quatro estrofes dispostas por ordem alfabética, entremeadas de aleluias e ladainhas. Evoca os principais acontecimentos da vida da Virgem Maria numa linguagem de grande beleza poética. Depois da estrofe da Anunciação, a ladainha diz:

Deus te salve,
Deus te salve, a ti por quem a sorte vai brilhar no mundo!
Deus te salve, a ti por quem o mal vai terminar!
Deus te salve, tu que ergues o Adão decaído!
Redenção das lágrimas de Eva! (...)

SEGUNDA PARTE

PRÓLOGO

Para muitos dos nossos contemporâneos, a pergunta tradicional «Dizei-me como posso salvar-me» deixou de fazer sentido. De que precisaria de ser salvo um homem naturalmente bom, ou «normalmente anormal»? Ao «homem de hoje» parecem restar apenas três atitudes: um otimismo que a realidade quotidiana desmente; um pessimismo desiludido, desesperado e que espalha o desespero; ou a esperança utópica de que, um dia, homens imperfeitos construirão uma sociedade perfeita que os transformará como por magia, fazendo a razão vencer, por si só, as fraquezas e as paixões.

Contudo, os nossos contemporâneos sentem muitas vezes dentro de si, como os homens de todos os tempos, uma profunda necessidade de verdade absoluta, beleza perfeita e felicidade infinita. Acontece então que lhes chega, como ao peregrino russo — e, muitas vezes, graças a ele —, o apelo de São Paulo: «Orai sem cessar!» O coração pergunta: que significa este apelo? O que é a oração? Porque hei de rezar? Como se pode rezar sem cessar? Responde a oração à necessidade de verdade, beleza e felicidade que sentimos como uma saudade, como um chamamento misterioso?

Para muitos, a história da Igreja também parece ser apenas uma sucessão de erros, ilusões e fracassos. Do cristianismo, conhecem sobretudo algumas deformações ou imitações; ouviram tantas calúnias que já não sentem vontade de descobrir por si mesmos se haverá na Igreja uma realidade que desconhecem. Ignoram — e isso acontece frequentemente até entre cristãos praticantes — a história dos santos e a resposta que os místicos deram aos insistentes apelos da Bíblia à oração, à prática dos mandamentos, ao conhecimento da Verdade e à união com o nosso Pai que está nos Céus.

Os *Relatos de um Peregrino Russo* dão-nos a conhecer, num contexto pouco familiar ao europeu ocidental, uma tradição que remonta a Cristo e aos Apóstolos: a oração contínua, ou oração do coração. Desde a Igreja primitiva até à Rússia, passando pelo Monte Sinai, pelo deserto do Egito e

pelo Monte Atos, transmitiu-se uma experiência concreta da oração: uma experiência cheia de alegria e luz, capaz de santificar e de dar a conhecer o amor misericordioso de Deus, que salva e une. Mestres experientes ensinaram-na aos seus discípulos, e religiosos e leigos procuraram vivê-la. Um exemplo relativamente recente desta tradição encontra-se na vida e nos ensinamentos de São Serafim de Sarov (1759–1833), conhecido de muitos no Ocidente, e nos célebres *startsi*, os guias espirituais do mosteiro russo de Optina.

Nos quatro primeiros *Relatos de um Peregrino Russo*, o leitor conheceu o peregrino, a sua vocação e as experiências espirituais alimentadas pela Bíblia e pela *Filocalia*, coletânea de escritos dos Padres da Igreja sobre a oração espiritual e a vigilância do coração. Antes de avançar neste caminho, o peregrino recebeu a bênção do seu guia espiritual. Essa orientação ajudá-lo-ia a viver das graças recebidas nos sacramentos e a evitar os perigos de uma vontade isolada, orgulhosa ou caprichosa, acolhendo com humildade os ensinamentos de um mestre que lhe manifestava a vontade de Deus.

Os três relatos desta segunda parte permitem reencontrar o peregrino. Foram descobertos entre os papéis do *starets* Ambrósio de Optina e publicados na Rússia em 1911.

O quinto relato mostra o lado sombrio e irracional da natureza humana deixada a si mesma, bem como a necessidade urgente da oração para escapar, pela misericórdia de Deus, à força que arrasta o homem para o abismo. Fala da Providência, do amor de Deus, da intercessão da Virgem Maria e da proteção que a oração oferece. Apresenta depois conselhos práticos sobre a confissão e reflete sobre a riqueza destas palavras: «Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus, tende piedade de mim, pecador.» É a chamada «oração de Jesus», que, na tradição ortodoxa, por vezes numa forma mais breve, serve de apoio à oração contínua desde os primeiros passos da sua aprendizagem. O relato trata ainda dos dons do Espírito Santo e do amor ao próximo, responde aos receios daqueles que não se atrevem a começar a rezar e, por fim, apresenta um caminho de oração baseado no Evangelho, mostrando como nele se ensina progressivamente a oração e os seus frutos.

O sexto relato fala do papel dos Evangelhos e apresenta, com apoio nos ensinamentos dos santos, o segredo da salvação revelado pela oração

continua: «Estar n'Ele, em Cristo, significa sentir continuamente a sua presença e invocar continuamente o seu nome.» Trata da força e da importância da oração, da possibilidade de rezar no meio de trabalhos exigentes ou na companhia de outras pessoas, da preguiça e do desejo excessivo de experimentar alegrias espirituais. Termina com uma breve recapitulação de alguns pontos essenciais.

O sétimo relato ocupa-se da vida eremítica, da missão do monge ou *starets*, dos perigos da imaginação e do desânimo. Termina mostrando como rezar pelos outros.

Estes relatos contêm ensinamentos precisos, apoiados na Tradição e ilustrados por pequenos episódios. Insistem, em particular, na frequência da oração, apresentada como «o único meio de chegar à oração pura e verdadeira». Para compreendermos a sua necessidade e fecundidade, convidam-nos a reparar em que todo o desejo ou pensamento de rezar é obra do Espírito Santo e voz do nosso anjo protetor; e em que o nome de Jesus Cristo, invocado na oração, contém em si um poder salvador que atua por si mesmo.

A invocação do nome de Jesus tem fundamento bíblico. Os Apóstolos falam dela depois de Cristo os ter convidado a rezar em seu nome. Recordem-se também as palavras do Pai-Nosso, «Santificado seja o vosso nome», e as do Magnificat, «Santo é o seu nome». A Virgem Maria conhecia o sentido do nome «Jesus» — Deus salva —, nome que resume a revelação misericordiosa do Pai no Filho e toda a história da salvação. Os Apóstolos invocaram-no, como mostram os textos bíblicos e a tradição acerca de Santo Inácio de Antioquia, discípulo de São João, que invocava continuamente o nome de Jesus e, segundo essa tradição, o trazia inscrito em letras de ouro no coração. A oração de Jesus de que fala o peregrino russo mostra a continuidade dessa invocação ao longo dos séculos, agora acompanhada de um pedido explícito de misericórdia. Também os nomes «Pai» e «Maria», bem como «Deus» e «Senhor», foram muitas vezes invocados.

A prática de invocar um nome divino pode apoiar-se, por exemplo, nestas passagens dos Salmos: «Invoquei o nome do Senhor»; «Senhor, salvai a minha alma»; «Oferecer-Vos-ei um sacrifício de louvor e invocarei

o nome do Senhor»; «Felizes os que amam o seu nome». O santo bispo Inácio Brianchaninov escreveu no século passado: «O Nome tem uma forma exterior limitada, mas representa Aquele que não tem limites, Deus; d’Ele recebe valor infinito e divino, assim como o seu poder e os seus atributos.» É este o ensinamento da Tradição.

Os católicos poderão perguntar se encontram na sua Igreja ensinamentos semelhantes aos dos *Relatos de um Peregrino Russo*. Não é aqui possível responder a essa questão em pormenor. Digamos apenas que, embora a Igreja Ortodoxa tenha desenvolvido e continue a ensinar de modo particularmente preciso a invocação do nome de Jesus e a oração contínua, também a Igreja Católica respondeu à exortação de São Paulo — «Orai sem cessar!» — e cultiva a devoção ao Santo Nome.

Por um lado, os santos da Igreja do Oriente oferecem um ensinamento autenticamente cristão a todos os que desejam viver como cristãos. Por outro, nas obras de santos do Ocidente — como Bernardo de Claraval, Boaventura, Bernardino de Siena e Afonso Maria de Ligório — também encontramos ensinamentos sobre a invocação do santo nome de Jesus e do nome de Maria, do qual Santo Efrém escreveu: «O nome de Maria é a chave que abre as portas do céu.» O irmão Lourenço da Ressurreição, por exemplo, escreveu admiravelmente sobre a experiência da presença de Deus.

Se hoje é difícil encontrar no Ocidente um *starets*, um mestre da vida de oração, peçamos a ajuda do Espírito Santo. Ele pode suprir a ausência de um guia humano ou proporcionar-nos o encontro com um. É Ele o Mestre por excelência; qualquer guia humano, seja qual for a sua santidade, é de certo modo seu representante.

Como ensina o monge no sexto relato, «todo o desejo e todo o pensamento de rezar é obra do Espírito Santo». Que o mesmo Espírito guie os passos daqueles que procuram o Caminho, a Verdade e a Vida!

*Na festa do Santo Nome
de Jesus.
Charles Krafft*

QUINTO RELATO

11111

O starets: Passara um ano desde a última vez que vira o peregrino quando, por fim, uma leve batida à porta e uma voz suplicante anunciaram o regresso daquele irmão tão dedicado à oração.

— Entra, querido irmão. Demos juntos graças a Deus por ter abençoado o teu caminho e te ter trazido de volta.

O peregrino: Glória e graças ao Pai Santíssimo pela sua bondade em tudo o que dispõe como melhor entende, sempre para nosso bem, nós que somos peregrinos nesta terra. Aqui me tendes, pecador, que vos deixou no ano passado e a quem Deus, pela sua graça, permitiu regressar para vos ver e encontrar o vosso acolhimento. Esperais, certamente, que vos conte como é a Cidade Santa de Jerusalém, aonde tanto desejava ir e para onde estava decidido a partir. Mas os nossos desejos nem sempre se realizam: assim aconteceu comigo. Não admira. Sendo eu pecador, como poderia julgar-me digno de pisar aquela terra sagrada onde o nosso Senhor Jesus Cristo deixou as suas pegadas?

Deveis lembrar-vos de que parti daqui no ano passado com um velho companheiro. Levava uma carta de um comerciante de Irkutsk para o filho, em Odessa, pedindo-lhe que me ajudasse a chegar a Jerusalém. Pois bem, chegámos a Odessa sem dificuldade e em relativamente pouco tempo. O meu companheiro reservou logo passagem num navio para Constantinopla e partiu. Quanto a mim, procurei o filho do comerciante pela morada indicada na carta. Encontrei facilmente a casa, mas recebi com grande tristeza a notícia de que o meu benfeitor morrera. Falecera três semanas antes, depois de uma doença breve. Fiquei muito abatido; contudo, confiei-me a Deus.

Toda a família estava mergulhada na dor. A viúva, que ficara com três filhos pequenos, chorava continuamente e chegava a desmaiar várias vezes por dia. Estava tão desolada que receei pela sua vida. Apesar disso, recebeu-me com amabilidade. Mas, estando os negócios naquela situação, não podia ajudar-me a partir para Jerusalém. Pediu-me que ficasse pelo menos uns quinze dias, até chegar a Odessa o sogro, que prometera vir

organizar os assuntos da família. Fiquei. Passou uma semana, depois um mês e ainda outro.

Em vez de vir, o comerciante escreveu a dizer que os seus próprios negócios o impediam de viajar naquela altura. Aconselhava a nora a dispensar os empregados e a mudar-se imediatamente para casa dele, em Irkutsk. Instalou-se então a confusão. Ao perceber que já não precisava de mim, agradei a hospitalidade, despedi-me e voltei a partir sem destino certo pela Rússia.

Pensei muito no que faria. Para onde iria agora? Lembrei-me de Kiev, onde não ia havia anos, e tomei esse rumo. Ao princípio, afligia-me não ter cumprido o propósito de ir a Jerusalém. Mas acabei por pensar que aquilo não acontecera sem a Providência de Deus. Tranquilei-me na esperança de que Ele, que tanto ama os homens, acolheria a minha intenção e faria com que a viagem interrompida trouxesse algum bem à minha alma. Foi o que aconteceu: encontrei pessoas que me ensinaram muitas coisas desconhecidas e esclareceram o meu espírito para bem da minha salvação. Se esta mudança de caminho não me tivesse sido imposta, não teria encontrado esses benfeitores espirituais.

Durante o dia, caminhava acompanhado pela oração. Ao anoitecer, quando encontrava abrigo, lia a *Filocalia* para fortalecer a alma na luta contra os inimigos invisíveis da salvação.

A cerca de setenta verstas de Odessa, presenciei um facto surpreendente. Uma fila de umas trinta carroças carregadas de mercadorias seguia pela estrada. Passei por elas. O primeiro carroceiro, que ia à frente do grupo, caminhava ao lado do cavalo; os outros vinham juntos, um pouco mais atrás. A estrada passava junto de um pequeno lago onde desaguava um ribeiro. Com a chegada da primavera, o gelo desfazia-se e acumulava-se nas margens.

De repente, o carroceiro da frente, um rapaz novo, deteve o cavalo. Os restantes também pararam e correram para junto dele. Viram-no começar a despir-se e perguntaram-lhe porquê. Respondeu que sentia uma vontade irresistível de tomar banho no lago. Alguns riram-se, surpreendidos; outros tentaram dissuadi-lo, chamando-lhe insensato. O irmão mais velho

empurrou-o para o obrigar a continuar a viagem, mas ele resistiu e não quis ouvir ninguém.

Uns carroceiros mais novos encheram de água os baldes usados para dar de beber aos cavalos e, por brincadeira, despejaram-na sobre a cabeça e as costas do rapaz, dizendo:

— Pronto, nós damos-te banho!

Assim que a água lhe tocou no corpo, ele exclamou:

— Ah, que bom!

Sentou-se no chão e eles continuaram a deitar-lhe água. De repente, estendeu-se e morreu. Todos ficaram aterrorizados, sem perceber o que acontecera.

Permaneci com eles cerca de uma hora. Umas cinco verstras adiante, entrei numa cidade e encontrei um sacerdote idoso a caminhar pela rua. Apeteceu-me contar-lhe o que acabara de presenciar e perguntar-lhe o que pensava. Levou-me a sua casa; relatei-lhe o sucedido e pedi-lhe uma explicação.

— Nada posso dizer-te com certeza, querido irmão — respondeu o sacerdote. — Há na natureza muitas coisas extraordinárias que não compreendemos. Talvez Deus permita algumas delas para nos recordar o seu poder e a sua Providência, quando acontecem coisas inesperadas. Eu próprio conheci um caso semelhante.

— Perto da nossa aldeia há uma ravina estreita, mas muito íngreme, com cerca de dez braças de profundidade. Assusta olhar para o fundo. Construíram uma pequena ponte para a atravessar. Um camponês da minha paróquia, respeitado pai de família, começou de repente, sem saber explicar porquê, a sentir um impulso irresistível de se atirar da ponte. Lutou contra essa ideia durante uma semana inteira, mas acabou por não conseguir resistir. Certa manhã levantou-se muito cedo, correu até lá e atirou-se. Ouviram os seus gemidos e, com grande dificuldade, conseguiram tirá-lo da ravina. Tinha as duas pernas partidas. Quando lhe perguntaram porque o

fizera, respondeu que, apesar das dores terríveis, sentia agora o espírito em paz por ter satisfeito aquele impulso que o atormentara durante uma semana e quase lhe custara a vida.

— Passou um ano inteiro no hospital a recuperar. Visitava-o frequentemente e encontrava lá os médicos. Tal como tu, queria saber o que causara aquele impulso. Os médicos chamaram-lhe «frenesim», mas, quando lhes pedi que me explicassem como podia surgir, disseram apenas que se tratava de um fenómeno da natureza que ainda não sabiam explicar. Pensei então que, se uma pessoa atormentada por semelhante impulso rezasse, pedisse ajuda a Deus e procurasse conselho, talvez conseguisse resistir-lhe.

— Na verdade, há muitas coisas na vida humana que não compreendemos facilmente.

Enquanto conversávamos, anoiteceu, e passei a noite em casa do sacerdote. Na manhã seguinte, um funcionário enviado pelo presidente da câmara veio pedir-lhe que enterrasse o carroceiro. Acrescentou que, depois da autópsia, os médicos não tinham encontrado sinais de doença mental e consideravam que a morte resultara de um ataque súbito.

— Como vês — disse-me o sacerdote —, os médicos não conseguiram explicar aquela atração tão forte pela água.

Despedi-me dele e continuei a viagem. Muitos dias depois, já bastante cansado, cheguei a Bielaia Tserkov, uma grande cidade comercial. Era quase noite e comecei a procurar alojamento. No mercado, encontrei outro viajante, que andava de loja em loja à procura da morada de alguém. Quando me viu, aproximou-se e disse:

— Pareceis ser peregrino, como eu. Procuremos juntos um homem chamado Evreinov, que mora nesta cidade. É um bom cristão, dirige uma ótima hospedaria e recebe bem os peregrinos. Tenho aqui a morada apontada.

Aceitei com alegria. Encontrámos rapidamente a casa. O dono não estava, mas a mulher, uma senhora simpática, acolheu-nos com amabilidade

e deu-nos um pequeno quarto no sótão, junto do celeiro, para descansarmos.

Mais tarde, Evreinov chegou e convidou-nos a jantar com a família. À mesa, conversámos sobre quem éramos e de onde vínhamos. A certa altura, a conversa levou-nos a perguntar-lhe a origem do apelido.

— Vou contar-vos uma história singular a esse respeito — disse ele. E começou:

— O meu pai era judeu e nascera em Schklov — começou Evreinov. — Tinha uma profunda aversão ao cristianismo. Desde novo, preparava-se para ser rabino e estudava os argumentos usados para o contestar. Um dia, ao atravessar um cemitério cristão, viu uma caveira, provavelmente retirada de uma sepultura aberta pouco antes. Conservava os maxilares e alguns dentes, que lhe deram uma impressão desagradável. Num acesso de mau humor, troçou dela, cuspiu-lhe, insultou-a e deu-lhe pontapés. Como se não bastasse, pegou nela e prendeu-a a um poste, à maneira de quem pendura ossos de animais para afugentar aves. Depois foi para casa.

— Nessa noite, pouco depois de adormecer, apareceu-lhe um desconhecido que o repreendeu com violência: «Como te atreves a insultar os restos dos meus pobres ossos? Eu sou cristão, e tu és inimigo de Cristo.» A visão repetiu-se noite após noite, privando-o de descanso. Mais tarde, começou a surgir-lhe também durante o dia, acompanhada pelo eco daquela voz acusadora. Tornou-se tão frequente que ele começou a sentir-se abatido, assustado e sem forças. Procurou o seu rabino, que rezou por ele e fez ritos para afastar a aparição. Mas ela não cessou; pelo contrário, tornou-se mais frequente e ameaçadora.

— A notícia espalhou-se. Um amigo cristão começou a aconselhá-lo a aderir à fé cristã, convencido de que assim se libertaria da visão que o atormentava. O meu pai resistia a dar esse passo. Contudo, acabou por dizer: «Se isso me libertar desta aparição insuportável, farei o que me pedes.» O amigo alegrou-se e convenceu-o a enviar ao bispo local um pedido para receber o batismo e entrar na Igreja. Escreveram o pedido, e o meu pai assinou-o sem grande entusiasmo. Pois bem: precisamente quando o assinou, a aparição desapareceu e nunca mais voltou a perturbá-lo.

— Sentiu uma alegria imensa. Com o ânimo renovado, nasceu nele uma fé tão ardente em Jesus Cristo que foi logo ter com o bispo, contou-lhe tudo e manifestou o sincero desejo de ser batizado. Aprendeu com empenho e rapidez os ensinamentos da fé cristã. Depois do batismo, veio viver para esta cidade. Casou aqui com a minha mãe, uma boa cristã. Levou uma vida piedosa e confortável e ajudou generosamente os pobres. Ensinou-me a fazer o mesmo e, antes de morrer, deixou-me conselhos nesse sentido e a sua bênção. Eis a história ligada ao meu nome, Evreinov.

Ouvi-o com respeito e humildade. Pensei: «Como é bom o nosso Senhor Jesus Cristo e como é grande o seu amor! Por caminhos tão diferentes atrai a Si os pecadores. Com quanta sabedoria se serve de acontecimentos aparentemente pequenos para os conduzir aos grandes! Quem imaginaria que o gesto cruel de um homem para com uns ossos sem vida o levaria a conhecer Jesus Cristo e a viver piedosamente?»

Depois de jantar, demos graças a Deus e ao nosso anfitrião e retirámo-nos para o quarto. Ainda não queríamos dormir, por isso começámos a conversar.

O meu companheiro contou-me que era comerciante em Moghilev e que passara dois anos como noviço num mosteiro da Bessarábia, embora só tivesse um documento de viagem temporário. Regressava agora a casa para obter a autorização necessária junto da associação de comerciantes e poder entrar definitivamente no mosteiro. «Gosto muito dos mosteiros daquela região», disse-me. «Agrada-me a sua organização, a maneira como vivem segundo a regra e a fidelidade dos numerosos *startsi* piedosos que ali se encontram.» Garantiu-me que, comparados com os mosteiros da Rússia, os da Bessarábia lhe pareciam o paraíso na terra. Insistiu para que eu seguisse o seu exemplo.

Enquanto falávamos, trouxeram para o nosso quarto um terceiro hóspede: um suboficial que regressava a casa de licença. Parecia esgotado da viagem. Rezámos juntos e deitámo-nos.

Na manhã seguinte, levantámo-nos cedo e preparámo-nos para partir, depois de agradecer aos nossos anfitriões. Ouvimos, porém, os sinos a chamar para as Matinas. O comerciante e eu hesitámos: como partir sem ir

à igreja, depois de ouvirmos os sinos? Decidimos participar nas Matinas e rezar antes de seguir viagem; partiríamos mais contentes.

Convidámos o suboficial a acompanhar-nos, mas ele respondeu:

— Para que serve ir à igreja quando se está em viagem? Que importa a Deus que lá entremos? Fazei como quiserdes; eu não vou. Enquanto estiverdes nas Matinas, já terei percorrido mais umas cinco verstras. Quero é chegar depressa a casa.

Ao ouvi-lo, o comerciante observou:

— Irmão, não te apresses tanto a fazer planos sem saber o que Deus dispõe.

Nós seguimos para a igreja; ele continuou a viagem.

Participámos nas Matinas e ficámos também para a divina liturgia. Voltámos depois ao quarto para preparar as sacolas. A dona da casa entrou com um samovar e perguntou:

— Já ides embora? Primeiro tendes de tomar chá e almoçar connosco. Não vos deixaremos partir sem comer.

Ficámos. Não havia meia hora que estávamos sentados a tomar chá quando o suboficial voltou a correr, quase sem fôlego.

— Regressei muito aflito, mas também muito contente — disse.

— Que aconteceu? — perguntámos.

Contou-nos:

— Quando me separei de vós, decidi entrar numa taberna para trocar algum dinheiro e comer antes de continuar a viagem. Comi, recebi o troco e voltei à estrada, leve como um pássaro. Ao fim de umas três verstras, lembrei-me de conferir o dinheiro. Sentei-me à beira do caminho, abri a carteira e examinei-a com calma. Foi então que reparei que faltava o meu documento de viagem: tinha apenas alguns papéis e o dinheiro. Entrei em

pânico. Percebi logo o que devia ter acontecido: deixara cair o documento quando paguei na taberna. Voltei a correr. Pelo caminho, outra ideia quase me fez perder a cabeça: e se não o encontrasse? Que seria de mim? Cheguei à taberna e perguntei ao dono.

— Não encontrei documento nenhum — respondeu.

— Fiquei desesperado. Procurei por todos os lugares onde estivera e por todos os cantos por onde passara. Sabem onde o encontrei? Estava no chão, ainda dobrado, debaixo de palha e lixo. Graças a Deus! Senti-me como se me tivessem tirado um enorme peso de cima. Estava sujo e cheio de lama, e custou-me limpá-lo o suficiente para o poder mostrar, mas isso já não importa: posso continuar a viagem com os papéis em ordem. Voltei para vos contar. O pior é que, de tanto correr assustado, fiquei com um pé em carne viva e já mal consigo andar. Também queria pedir-vos alguma pomada para tratar a ferida.

— Meu irmão — começou o comerciante —, acabaste por voltar porque não quiseste acompanhar-nos à igreja. Querias chegar primeiro e aqui estás de novo, ainda por cima com o pé ferido. Bem te disse que não te apressasses tanto com os teus planos. Agora vêes o resultado. Não teres vindo à igreja já seria uma coisa; mas disseste: «Que importa a Deus que lá entremos?» Foi isso, sobretudo, que me entristeceu.

— É evidente que Deus não precisa das orações de homens pecadores. No entanto, por amor de nós, quer que rezemos. Agrada-Lhe a oração que o Espírito Santo suscita em nós; e acolhe também cada impulso, cada pensamento voltado para a sua glória. Diz-nos: «Permaneça em mim e Eu permanecerei em vós.» Pela sua misericórdia sem limites, Deus dá-nos muito mais do que as nossas obras poderiam merecer. Oferece-Lhe uma pequena moeda, e Ele retribuir-te-á com ouro. Se te decidires apenas a ir ao encontro do Pai, Ele virá ao teu encontro. Diz-Lhe uma palavra breve, ainda que a sintas pouco: «Recebei-me, Senhor; tende piedade de mim», e Ele apressar-se-á a envolver-te no seu amor.

— É assim que o Pai celeste nos ama, apesar da nossa indignidade. Por amor, alegra-Se com cada pequeno passo que damos em direção à salvação. Talvez penses: «Que valor terá rezar se logo me distraio? De que servem

cinco ou seis inclinações acompanhadas de uma oração, um suspiro sincero ao invocar o nome de Jesus, um bom pensamento, uns instantes de leitura espiritual, deixar de comer alguma coisa ou suportar uma ofensa em silêncio?» Talvez tudo isso te pareça demasiado pequeno para fazer diferença. Mas nenhum destes gestos se perde. Deus vê-os e acolhe-os. São João Crisóstomo afirma que nenhuma ação boa, por insignificante que seja, será desprezada pelo Juiz justo: se teremos de prestar contas até das nossas palavras, desejos e pensamentos, quanto mais as boas ações, por pequenas que sejam, serão tidas em conta por Aquele que nos julga com amor.

— Vou contar-vos uma coisa a que assisti no ano passado.

— No mosteiro da Bessarábia onde vivi — prosseguiu o comerciante —, havia um *starets*, um monge de vida santa. Um dia, sentiu uma forte vontade de comer peixe fumado. Como naquela altura não o havia no mosteiro, pensou ir comprá-lo ao mercado. Durante muito tempo resistiu: dizia a si mesmo que um monge deve contentar-se com a comida preparada pelos irmãos e procurar não ceder a todos os desejos. Além disso, ir ao mercado, no meio de tanta gente, expô-lo-ia a outras tentações. Sabia que não fazia bem em ir, mas acabou por ceder à vontade de comprar o peixe.

— Depois de sair do mosteiro, lembrou-se de que não trouxera o rosário. «Vou assim como um soldado sem arma?», pensou. Preparava-se para regressar quando, ao procurar melhor num bolso, o encontrou. Fez o sinal da cruz e continuou tranquilamente com o rosário na mão. Ao aproximar-se do mercado, viu um cavalo atrelado a uma carroça carregada de grandes barris. De repente, sem se saber porquê, o animal assustou-se e avançou na direção do monge. Bateu-lhe de raspão nos ombros e deitou-o ao chão, sem o ferir gravemente. Logo a seguir, a carga caiu a dois passos dele e a carroça despedaçou-se. O monge levantou-se, admirado por ter escapado: se os barris tivessem caído um instante antes, ter-se-ia despedaçado sob o peso deles. Comprou o peixe, voltou ao mosteiro, comeu-o, rezou e deitou-se.

— Adormeceu levemente. Sonhou então com um *starets* de aspeto bondoso, que não conhecia. Este disse-lhe:

— Sou o protetor deste lugar e quero ajudar-te a compreender e a recordar a lição que recebeste. Ao não resistires com firmeza ao desejo de um prazer, abriste ao inimigo uma oportunidade de te atacar. Preparou-te aquele acidente, mas o teu anjo da guarda pressentiu-o e inspirou-te a rezar e a pegar no rosário. Escutaste essa sugestão e puseste-a em prática; foi isso que te salvou a vida. Compreendes agora o amor de Deus pelos homens e como Ele acolhe até o menor gesto dirigido a Si?

— Ao dizer isto, a figura desapareceu. O monge ajoelhou-se e acordou: já não estava deitado, mas de joelhos à porta da cela. Contou o sonho para proveito espiritual de outras pessoas; eu fui uma delas.

— O amor de Deus por nós, pecadores, é verdadeiramente sem limites. Que consolador é pensar que um gesto tão pequeno — tirar o rosário do bolso, segurá-lo e invocar uma vez o nome de Deus — pode ter tal valor! Na balança do juízo final, uma breve invocação do nome de Jesus pode pesar mais do que muitas horas de indolência. Eis o ouro dado em troca de uma moeda pequena. Vê, irmão, a força da oração e do nome de Jesus quando O invocamos. João de Cárpato diz na *Filocalia* que, quando rezamos a oração de Jesus e dizemos «Tende piedade de mim, pecador», Deus responde silenciosamente a cada súplica: «Meu filho, os teus pecados são perdoados.» Acrescenta que, ao rezarmos, participamos na mesma oração dos santos, confessores e mártires. São João Crisóstomo ensina também que, por muitos que sejam os nossos pecados, a oração nos abre imediatamente à misericórdia de Deus.

— Essa misericórdia é infinita, embora nós, pecadores, sejamos tantas vezes indiferentes. Nem sequer queremos dedicar-Lhe uma hora em agradecimento; preferimos as preocupações e a agitação à oração, esquecendo-nos de Deus e do que Lhe devemos. Por vezes, as dificuldades que encontramos tornam-se ocasião para crescermos espiritualmente e voltarmos o coração para Ele.

Quando o comerciante acabou de falar ao suboficial, disse-lhe:

— Também trouxestes alívio à minha alma pecadora. Dava-me vontade de me prostrar diante de vós.

Ao ouvir-me, continuou:

— Vejo que gostais de histórias sobre a vida espiritual. Esperai: vou ler-vos outra, semelhante a esta. Trago sempre nas viagens um livro chamado *Agapia, ou a salvação dos pecadores*. Tem relatos impressionantes.

Tirou o livro do bolso e leu-nos a história de Agatonice. Quando era pequeno, os pais, pessoas piedosas, tinham-lhe ensinado a dizer todos os dias, diante do ícone da Mãe de Deus, uma oração que começava: «Alegrate, Virgem Mãe de Deus.» Ele assim fez durante muitos anos. Mais tarde, já adulto, deixou-se absorver pelos afazeres e pela agitação da vida. Foi rezando a oração cada vez menos, até a abandonar por completo.

Um dia, deu abrigo a um peregrino que dizia ser eremita da Tebaida. O homem contou-lhe que recebera numa visão a ordem de procurar alguém chamado Agatonice e de o repreender por ter deixado de rezar à Mãe de Deus. Agatonice respondeu que rezara aquela oração durante muitos anos sem notar qualquer resultado. O eremita disse-lhe:

— Como és cego e ingrato! Pensa nas vezes em que essa oração te ajudou e te livrou do perigo. Quando eras novo, escapaste de um afogamento. Uma epidemia matou muitos dos teus amigos e tu sobreviveste. Caíste de uma carruagem com um amigo: ele partiu uma perna, e tu não sofreste nada. Um rapaz teu conhecido, até há pouco forte e saudável, está agora de cama e muito doente, enquanto tu gozas de boa saúde. Não te lembras de nada disto?

Recordou-lhe muitos outros acontecimentos e concluiu:

— Não esqueças que a Santíssima Mãe de Deus te protegeu desses males. Aquela breve oração unia todos os dias o teu coração a Deus. Retoma-a e nunca deixes de louvar a Rainha do Céu.

Quando o comerciante acabou a leitura, chamaram-nos para almoçar. Depois de comermos, agradecemos ao nosso anfitrião e partimos. Mais adiante, separamo-nos; cada um seguiu o caminho que escolheu.

Caminhei cerca de cinco dias, reconfortado pela lembrança das histórias que ouvira ao bom comerciante de Bielaia Tserkov, e cheguei a Kiev. De repente, sem perceber porquê, comecei a sentir-me triste e abatido. Os pensamentos tornaram-se confusos, o desânimo instalou-se e perdi a vontade de rezar. Vi um bosque de vegetação densa e entrei nele para descansar. Procurei um lugar afastado onde pudesse sentar-me à sombra e ler a *Filocalia*, esperando recuperar o ânimo e vencer aquela apatia.

Encontrei um sítio sossegado e comecei a ler, na quarta parte da *Filocalia*, o texto de João Cassiano, o Romano, sobre os oito pensamentos. Lia havia cerca de meia hora, com gosto, quando avistei inesperadamente um homem a uns cem metros, mais para dentro da floresta. Estava ajoelhado, completamente imóvel. Alegrei-me, pensando que rezava, e voltei à leitura. Passou mais de uma hora. Olhei de novo: continuava na mesma posição, sem se mexer. Fiquei comovido e pensei: «Há, afinal, pessoas que servem Deus com tanta dedicação!»

Enquanto refletia, o homem caiu de repente e ficou estendido no chão. Surpreendi-me. Como estivera sempre de costas, não tinha visto o rosto; aproximei-me para saber quem era. Parecia um camponês de uns vinte e cinco anos, de rosto agradável e aspeto saudável, embora pálido. Vestia uma túnica simples, apertada com um cordão, e não levava sacola nem bordão. Ao ouvir-me aproximar, despertou e levantou-se. Perguntei-lhe quem era. Disse-me que vinha de Kiev e era camponês da província de Smolensk.

— Para onde ides agora? — perguntei.

— Nem eu sei. Irei para onde Deus me conduzir.

— Há muito tempo que deixastes a vossa casa?

— Há mais de quatro anos.

— E onde estivestes durante esse tempo?

— Fui de santuário em santuário, visitando mosteiros e igrejas. Já não fazia sentido ficar na minha terra.

— Sou órfão e não tenho família — continuou o jovem. — Tenho também um pé deformado. Por isso vivo a percorrer o mundo.

— Pelos vistos, alguém temente a Deus ensinou-vos a viajar com um propósito, visitando lugares santos — observei.

— Foi assim que tudo começou. Ainda criança, sem pai nem mãe, acompanhava os pastores que guardavam os rebanhos. Fui feliz até aos dez anos. Um dia, reuni os animais e levei-os de volta sem reparar que se perdera o melhor carneiro do *starosta*, o responsável pela aldeia. Era um homem duro e sem compaixão. Quando chegou a casa e viu que faltava o animal, insultou-me e ameaçou-me. Jurou que, se não o encontrasse, me bateria até à morte. «Hei de partir-te as pernas e os braços», acrescentou.

— Como sabia do que era capaz, fui à procura do carneiro. Voltei a todos os lugares por onde passara durante o dia. Procurei até muito depois de anoitecer, sem encontrar vestígios dele. A noite estava fria e escura; o outono aproximava-se. Entrei numa floresta — e, naquela região, as florestas são imensas — quando se levantou uma forte tempestade. As árvores dobravam-se com o vento, e ouviam-se lobos a uivar ao longe. Apoderou-se de mim um medo terrível. A cada momento me parecia que a situação piorava e que morreria ali. Caí de joelhos, fiz o sinal da cruz e, do fundo do coração, murmurei: «Senhor Jesus Cristo, tende piedade de mim!»

— Mal pronunciei estas palavras, senti uma paz profunda, como se já não estivesse em perigo. O medo desapareceu, e o coração tornou-se-me leve e feliz, como se tivesse sido levado ao Céu. Fiquei cheio de alegria e, podeis acreditar, não deixei de repetir a oração. Ainda hoje não sei quanto tempo durou a tempestade nem dei pela noite passar. Vi nascer o dia e continuava ajoelhado no mesmo lugar. Levantei-me e percebi que já não encontraria o carneiro; voltei para casa. No íntimo, porém, sentia uma grande paz e rezava com alegria.

— Quando regressei sem o carneiro, o *starosta* espancou-me até quase me matar e deixou-me este pé deformado, como podeis ver. Passei cerca de seis semanas deitado, quase sem me poder mover. Só sabia repetir a oração, que me consolava. Quando melhorei um pouco, parti. Como não desejava viver sempre no meio de muita gente, onde me parecia haver tantas

ocasiões de pecar, decidi visitar santuários e permanecer algum tempo nas florestas. É assim que vivo há quase cinco anos.

Ao ouvi-lo, o meu coração encheu-se de alegria por Deus me ter permitido encontrar uma pessoa tão dedicada à oração. Perguntei-lhe:

— Continuais a rezar muitas vezes essa oração?

— Não saberia viver sem ela — respondeu. — Sempre que me lembro daquela noite na floresta, é como se alguém me levasse de novo a ajoelhar e começo a rezar. Não sei se a minha oração agrada a Deus. Às vezes sinto uma felicidade imensa, uma leveza de alma que não consigo descrever. Outras vezes, porém, sinto um triste torpor e um grande desânimo espiritual. Seja como for, quero continuar a rezar até morrer.

— Não vos aflijais, querido irmão. Tudo pode contribuir para o nosso bem durante a oração; é o que ensinam os santos Padres. Quer sintamos leveza, quer sintamos torpor, nenhum esforço de rezar é insignificante aos olhos de Deus. A alegria e o fervor podem consolar-nos e animar-nos; a aridez e o desânimo podem ensinar-nos humildade e perseverança, preparando-nos para alegrias futuras. Para fundamentar o que vos digo, vou ler-vos uma passagem de São João Clímaco.

Encontrei-a e li-lha. Escutou com atenção, alegrou-se e agradeceu-me de coração. Depois despedimo-nos. Ele voltou a entrar na floresta e eu regressei à estrada, dando graças a Deus por aquele encontro e pelo que aprendera com ele.

No dia seguinte, com a ajuda de Deus, cheguei a Kiev. Queria, antes de mais, jejuar, confessar-me e comungar naquela cidade santa. Alojei-me perto dos lugares de peregrinação, para poder ir mais facilmente à igreja. Um cossaco bondoso convidou-me a ficar na sua cabana. Como vivia sozinho, encontrei ali sossego e paz.

Passei uma semana a preparar-me para a confissão e pensei fazê-la tão completa quanto possível. Comecei a recordar e a examinar os pecados desde a juventude. Para não omitir nada, escrevi com todos os pormenores o que consegui lembrar. Enchi uma grande folha de papel.

Soube que, em Kitaevaya Pustyn, a cerca de sete verstas de Kiev, havia um sacerdote de vida austera e grande discernimento. Quem se confessava com ele encontrava uma compreensão afetuosa e regressava com conselhos úteis e a alma em paz. Fiquei satisfeito com a notícia e fui logo procurá-lo. Pedi-lhe ajuda, conversámos um pouco e entreguei-lhe a folha que escrevera. Leu-a com atenção e disse:

— Meu querido amigo, grande parte do que anotaste não é necessária. Escuta. Primeiro, não voltes a confessar pecados que já confessaste e te foram perdoados. Deixa-os para trás; caso contrário, parece que duvidas do sacramento da penitência. Segundo, não fales das outras pessoas envolvidas nos teus pecados: examina a tua própria responsabilidade. Terceiro, os santos Padres aconselham-nos a não descrever todas as circunstâncias dos pecados, mas a confessá-los de maneira simples, para não criarmos tentações para nós nem para o sacerdote. Quarto, vieste para te arrependeres, mas ainda não sabes arrepender-te verdadeiramente: o teu arrependimento é fraco e descuidado. Quinto, detiveste-te nas minúcias e omitiste o principal. Não escreveste que não amas a Deus, que não amas o teu próximo, que não confias verdadeiramente na Palavra de Deus e que estás cheio de orgulho e ambição. Estes quatro males são raízes profundas de muitos outros pecados.

Fiquei muito surpreendido e respondi:

— Perdoai-me, padre, mas como seria possível não amar a Deus, nosso Criador e Salvador? Em que haveríamos de acreditar, senão na sua Palavra, onde encontramos a verdade e a santidade? Desejo o bem aos outros; porque haveria de os odiar? Não tenho motivo para me orgulhar: estou cheio de pecados e nada fiz que mereça louvor. E que poderia ambicionar, sendo pobre e de saúde frágil? Se fosse rico e instruído, talvez compreendesse melhor as faltas que referis.

— É pena, querido irmão, que não tenhas compreendido o que quis dizer. Talvez estas notas te ajudem. Uso-as quando me preparo para a confissão. Lê-as até ao fim e verás em que me baseio.

Uma confissão que conduz o homem interior à humildade

«Ao olhar atentamente para mim mesmo e examinar a consciência, reconheço, pela minha própria experiência, que não amo a Deus nem os outros, que a minha fé é fraca e que estou cheio de orgulho e ambição. Encontro tudo isto dentro de mim quando examino com cuidado os sentimentos e os pensamentos.

«1. **Não amo a Deus.** Se O amasse, pensaria n'Ele continuamente e com profunda alegria. Cada lembrança de Deus me daria prazer. A verdade é que penso muito mais vezes, e com maior interesse, nas coisas do mundo. Pensar em Deus custa-me e deixa-me muitas vezes indiferente. Se O amasse, falar-Lhe na oração seria alimento e alegria para mim e levar-me-ia a procurar continuamente a sua presença. Pelo contrário, rezo com esforço e sem gosto. Deixo-me vencer pela preguiça e estou sempre pronto a ocupar-me de qualquer insignificância para abreviar ou adiar a oração. Nas ocupações inúteis, o tempo voa; quando procuro estar diante de Deus, parece que as horas não passam. Quem ama alguém pensa frequentemente nessa pessoa, recorda-a com afeto e cuida dela; não a esquece facilmente. Eu, porém, mal reservo uma hora do dia para me recolher na presença de Deus, enquanto dedico as outras vinte e três, com todo o interesse, àquilo que prefiro.

«Agrada-me falar de assuntos fúteis, mesmo quando não fazem bem à alma. Mas, quando se trata de meditar em Deus, surgem o tédio e a preguiça. Se uma conversa toma espontaneamente um rumo espiritual, procuro muitas vezes mudá-la e voltar ao assunto que me interessa. Tenho uma curiosidade incansável pelas novidades e pelos acontecimentos políticos; procuro com empenho satisfazer o interesse pelas ciências e pelas artes. Já o estudo da Palavra de Deus e o conhecimento da fé pouco me atraem. Não os sinto como uma necessidade da alma. Trato-os como algo secundário, a que talvez dedique os momentos livres. Por fim, se o amor a Deus se reconhece pelo cumprimento dos seus mandamentos — “Se me amais, guardai os meus mandamentos”, diz Jesus Cristo —, tenho de admitir que nem os cumprio nem me esforço bastante por os cumprir. São Basílio, o Grande, diz que não observar os mandamentos é sinal de que ainda não amamos verdadeiramente Deus e Cristo.»

«2. **Não amo o meu próximo.** Não só não seria capaz de dar a vida por ele, como pede o Evangelho, mas nem sequer renuncio ao meu conforto, ao bem-estar ou ao sossego para o ajudar. Se o amasse como a mim mesmo, as suas aflições entristecer-me-iam e alegrar-me-ia com a sua felicidade. Acontece o contrário: ouço histórias dolorosas a seu respeito sem me comover; por vezes, até sinto uma satisfação que me envergonha reconhecer. Em vez de encobrir com amor as faltas de um irmão, espalho-as e critico-o. As suas alegrias, honras e prosperidade não me alegram como se fossem minhas. Pelo contrário, podem despertar em mim inveja ou desprezo.

«3. **A minha fé é fraca.** Falta-me uma convicção viva na imortalidade e no Evangelho. Se estivesse firmemente convencido de que, para além da morte, há vida eterna e de que os atos desta vida têm consequências, pensaria nisso continuamente. A consciência da eternidade levar-me-ia a viver aqui como um viajante que se prepara para regressar à sua pátria. Mas quase nunca penso nela: comporto-me como se esta vida terrena fosse tudo o que existe. Nem sempre consigo afastar a pergunta escondida dentro de mim: “Que acontecerá quando eu morrer?” Digo que creio na vida eterna, mas muitas vezes essa afirmação fica apenas na cabeça e não chega ao coração. A maneira como vivo, tão preocupado em satisfazer os sentidos, mostra-o claramente.

«Se o meu coração acolhesse verdadeiramente o santo Evangelho como Palavra de Deus, dedicar-me-ia continuamente a conhecê-lo melhor. Encontraria nele sabedoria, graça e amor; alegrar-me-ia, de dia e de noite, com o seu ensinamento. Seria o meu alimento quotidiano, e o coração procuraria espontaneamente seguir o que ele ensina. Nada no mundo me afastaria facilmente da Palavra de Deus. Pelo contrário, se por vezes a leio ou escuto, faço-o por obrigação ou por simples curiosidade. Não lhe presto a atenção que merece e acho a leitura árida e pouco interessante. Acabo-a muitas vezes sem dela tirar proveito, pronto a trocá-la por um livro de assuntos mundanos, que me parece mais agradável e cheio de novidades.

«4. **Estou cheio de orgulho e de amor desordenado por mim mesmo.** As minhas ações confirmam-no. Se encontro em mim alguma qualidade, quero logo mostrá-la e vangloriar-me dela, diante dos outros ou no meu

íntimo. Ainda que aparente humildade, atribuo a mim próprio os méritos do que faço e julgo-me superior aos outros, ou pelo menos não pior do que eles. Se reconheço uma falta, procuro justificá-la ou escondê-la: “Sempre fui assim” ou “Ninguém tem o direito de me censurar.” Irrito-me quando não me tratam com a consideração que espero e penso que os outros não sabem reconhecer o valor das pessoas. Gabando-me das minhas capacidades, tomo os fracassos como ofensas pessoais. As dificuldades dos meus inimigos dão-me satisfação. Se procuro fazer uma boa ação, descubro nela o desejo de ser estimado, de sentir consolação espiritual ou de obter alguma vantagem. Em suma, faço continuamente de mim próprio um ídolo: sirvo-me a mim mesmo e procuro em tudo alimento para as minhas paixões e desejos.

«Ao examinar estes pontos, concluo que sou orgulhoso, que a minha fé é fraca, que pouco amo a Deus e que não amoo próximo como deveria. Que estado pode ser mais digno de arrependimento? Até os espíritos das trevas, embora não amem a Deus nem aos homens e vivam no orgulho, creem e tremem. E eu? Que juízo merecerá a vida descuidada que reconheço levar?»

Quando acabei de ler aquele modelo de confissão, fiquei perplexo. Pensei: «Meu Deus, quantas faltas graves posso trazer escondidas dentro de mim sem sequer lhes dar atenção!» A leitura despertou em mim o desejo de me conhecer melhor. Pedi àquele verdadeiro pai espiritual que me explicasse de onde vinham esses males e como poderia combatê-los. Começou então a instruir-me.

— A dificuldade em amar a Deus, querido irmão, está ligada à fraqueza da fé — disse-me o sacerdote. — E a fé enfraquece quando descuramos o conhecimento da verdade e não procuramos esclarecer a alma. Se não confias em Deus, ser-te-á difícil amá-Lo. Para crescer nessa confiança, precisas de O conhecer melhor. Pela meditação, pelo estudo da Palavra de Deus e pela atenção à tua experiência, desperta em ti a sede de compreender mais profundamente quem Ele é. Alguns chamam-lhe «admiração»: um desejo de conhecer cada vez melhor aquilo que contemplamos.

— Um autor espiritual escreveu que o amor costuma crescer com o conhecimento. Quanto mais profundo e vasto se torna o conhecimento de

Deus, mais facilmente o coração se abre ao seu amor, contemplando a beleza da criação e o amor infinito de Deus pelos homens.

— Percebes, portanto, como a recusa de pensar nas coisas espirituais pode estar na raiz daqueles males. A preguiça chega a abafar em nós até a consciência de que precisamos de alimento para a alma. Se queres vencer esta dificuldade, procura esclarecer o espírito por todos os meios ao teu alcance: lê atentamente a Palavra de Deus e os santos Padres, medita, pede conselho e conversa com pessoas experientes na vida cristã. Que infelicidade, querido irmão, deixarmos a alma na escuridão por não procurarmos a luz da Palavra da verdade! Não estudamos nem meditamos com perseverança na lei de Deus. Por isso, o homem interior passa fome e frio e perde a coragem para dar passos firmes no caminho do bem e da salvação.

— Tomemos, pois, a decisão de procurar essa luz e de ocupar o pensamento, sempre que possível, com as coisas celestes. Assim poderá acender-se em nós o amor que vem de Deus. Rezemos também tão frequentemente quanto conseguirmos, pois a oração é um meio poderoso de renovação. Podemos usar estas palavras ensinadas pela Igreja: «Ó Deus, tornai-me capaz de Vos amar agora como antes amei o pecado.»

Escutava-o com a maior atenção. Profundamente comovido, pedi-lhe que ouvisse a minha confissão e me desse a comunhão. Na manhã seguinte, tive a graça de receber a Eucaristia e preparei-me para regressar a Kiev. O bom sacerdote ia, porém, passar dois dias na Laura e ofereceu-me a sua cela durante esse tempo, para que pudesse rezar livremente.

Vivi aqueles dois dias como se estivesse no paraíso. Graças às orações do meu *starets*, embora eu seja indigno, senti uma paz profunda. A oração surgia no meu coração com tanta naturalidade e alegria que me parecia ter esquecido tudo, até a mim próprio. Só Jesus ocupava os meus pensamentos.

Por fim, o sacerdote regressou. Perguntei-lhe para onde deveria seguir na minha peregrinação. Deu-me a bênção e respondeu:

— Vai a Pochaev venerar a marca dos pés da Santíssima Mãe de Deus. Ela guiará os teus passos pelo caminho da paz.

Confiando no seu conselho, parti para Pochaev três dias depois.

Durante umas duzentas verstas, passei por povoações e hospedarias judaicas e encontrei poucas casas cristãs. Por fim, cheguei a uma hospedaria onde pensei poder passar a noite e pedir pão para continuar a viagem, pois já não tinha provisões. O hospedeiro era um velho de aspeto simpático. Soube logo que vinha da mesma região que eu, Orel. Mal entrei, perguntou-me:

— Qual é a tua religião?

— Sou cristão ortodoxo — respondi.

— Ortodoxo! — respondeu o hospedeiro, a rir. — São ortodoxos nas palavras, mas as vossas ações parecem as de pagãos. Conheço a vossa Igreja. Um sacerdote instruído convenceu-me, certa vez, a entrar nela. Fiquei seis meses e depois voltei à minha comunidade. Os leitores dizem as orações a correr, saltam partes e pronunciam outras de modo que ninguém as entende. O canto não é melhor do que o de uma taberna. As pessoas ficam amontoadas, homens e mulheres juntos; falam durante a celebração, olham para trás e para os lados, deslocam-se de um lugar para outro e perturbam quem deseja rezar. Que culto é esse? Para mim, é uma falta de respeito! Nas nossas celebrações ouve-se claramente o que é dito, não se omite nada, o canto comove e o povo mantém-se quieto, com os homens de um lado e as mulheres do outro. Cada um sabe quando deve inclinar-se, conforme o costume da nossa Igreja. Quando entro numa das nossas igrejas, sinto que ali se presta culto a Deus. Numa das vossas, já não sei se estou num lugar de oração ou num mercado.

Depois de o ouvir, compreendi que era um Velho Crente convicto. Algumas críticas que fizera à desordem durante as celebrações pareciam-me fundadas, e não tentei discutir. Pensei que seria difícil aproximar os Velhos Crentes da nossa Igreja se não cuidássemos melhor das celebrações e se, sobretudo, o clero não desse exemplo. Aquele homem dava grande importância aos gestos exteriores, precisamente aqueles a que nós nem sempre prestávamos atenção; a vida interior da oração parecia-lhe menos conhecida.

Preparava-me para sair quando, pela porta aberta de um quarto, vi com surpresa um homem que não parecia russo. Estava deitado a ler. Fez-me sinal para entrar e perguntou-me quem eu era. Conteí-lhe e ele disse:

— Escuta, amigo. Poderias tratar de mim durante uma semana, até que, com a ajuda de Deus, melhore? Sou grego, monge do Monte Atos. Vim à Rússia recolher donativos para o meu mosteiro. Quando me preparava para regressar, adoeci. Doem-me tanto as pernas que não consigo caminhar; por isso aluguei este quarto. Não recuses, servo de Deus. Pagar-te-ei.

— Não é preciso falar de pagamento. Cuidarei de vós o melhor que puder, em nome de Deus.

Decidi ficar. Aprendi com ele muitas coisas sobre a vida espiritual. Falou-me do Monte Atos, a Montanha Santa, dos grandes ascetas que ali viviam e dos numerosos eremitas. Tinha uma *Filocalia* em grego e um livro de Isaac, o Sírio. Lemos juntos e comparámos a tradução eslavónica de Paísius Velitchkovski com o texto grego. Concluiu que dificilmente se poderia traduzir a *Filocalia* para eslavónico com maior exatidão e fidelidade do que Paísius fizera.

Reparei que estava sempre em oração e conhecia profundamente a oração interior. Como falava russo perfeitamente, fiz-lhe muitas perguntas. Respondeu-me com generosidade, e escutei-o com a maior atenção. Tomei várias notas. Entre outras coisas, explicou-me a riqueza da oração de Jesus:

— A própria formulação mostra a sua grandeza. Tem duas partes. A primeira, «Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus», dirige o pensamento para o mistério de Jesus Cristo e, como dizem os santos Padres, resume o Evangelho. A segunda, «tende piedade de mim, pecador», recorda-nos a nossa fragilidade e a necessidade da misericórdia de Deus. Uma alma pobre e humilde dificilmente poderia exprimir o seu desejo e a sua súplica com palavras mais claras e completas do que «tende piedade de mim».

— Poderíamos dizer «perdoai-me», «apagái os meus pecados» ou «purificai-me das minhas faltas». Mas essas expressões podem limitar-se a pedir que escapemos ao castigo, movidos pelo medo. «Tende piedade de mim» exprime também o amor de um filho que confia na misericórdia de

Deus e reconhece humildemente que, sozinho, não consegue vigiar-se nem orientar sempre a própria vontade. É um pedido de misericórdia e, portanto, de graça: pedimos a Deus força para resistir à tentação e vencer a inclinação para o pecado.

— É como um devedor que nada tem para pagar e pede ao credor, seu amigo, não só que lhe perdoe a dívida, mas que tenha compaixão da sua pobreza e o ajude. Ao dizer «tende piedade de mim», pedimos, no fundo: «Senhor misericordioso, perdoai-me e ajudai-me a mudar. Despertai em mim o desejo de cumprir os vossos mandamentos. Dai-me a vossa graça; orientai para Vós os meus pensamentos, a vontade e este coração tantas vezes indiferente.»

Enquanto o ouvia, admirava a clareza da explicação. Agradei-lhe o que ensinava à minha alma e ele continuou:

— Se quiseres, falar-te-ei agora da entoação com que algumas pessoas dizem a oração de Jesus. Tenho ouvido muitos cristãos devotos rezá-la, tanto em privado como na igreja. Se escutares com atenção, notarás que a voz não sublinha sempre as mesmas palavras. Alguns dão especial ênfase à primeira: «*Senhor Jesus Cristo*», e dizem o resto num tom uniforme. Outros começam de maneira uniforme e acentuam, no meio da oração, «*Jesus*», como uma exclamação. Há quem mantenha o mesmo tom até «*tende piedade de mim*», elevando então a voz. Outros ainda dizem «Senhor Jesus Cristo, *Filho de Deus*, tende piedade de mim, pecador», dando especial relevo apenas a «*Filho de Deus*».

— A oração e a fé são as mesmas. Todos sabem que ela contém a invocação do Senhor Jesus e uma súplica dirigida a Ele. Porque haverão as pessoas de a dizer com entoações diferentes? Poderá ser por hábito, por imitação ou porque cada um compreende de modo particular certas palavras. Mas pergunto-me se não haverá também, por vezes, uma razão interior que nem quem escuta nem quem reza sabe explicar. O Espírito Santo intercede por nós quando não sabemos como rezar. Talvez desperte em cada pessoa, mesmo na sua fraqueza, uma graça especial: nuns, a reverência diante de Deus; noutros, o amor; noutros ainda, a firmeza da fé ou a humildade.

— Quem se sente levado a louvar o poder de Deus pode deter-se na palavra «Senhor», na qual reconhece a grandeza do Criador. Quem experimenta o amor de Jesus no coração pode sentir especial alegria ao dizer «Jesus Cristo». Conheci *startsi* que nem conseguiam ouvir o nome de Jesus numa conversa comum sem serem tomados de amor e alegria. Quem contempla a divindade de Cristo, da mesma natureza do Pai, poderá dar particular força a «Filho de Deus». E quem recebeu o dom da humildade e conhece a própria fraqueza poderá pronunciar com especial arrependimento «tende piedade de mim», depositando nessas palavras toda a sua esperança na bondade de Deus.

— Penso que aí se pode encontrar uma explicação para as diferentes entoações da oração do nome de Jesus. Ao ouvi-las, talvez possamos compreender algo do sentimento que acompanha a oração de cada pessoa, para glória de Deus e proveito nosso. Já me perguntaram: «Porque não se manifestam juntos todos estes dons? Assim, cada palavra da oração seria dita com a mesma alegria.» Respondi: «A graça de Deus distribui os seus dons com sabedoria, segundo o que cada um pode receber. Quem pode pretender compreender todos os modos de agir da graça? Não está o barro nas mãos do oleiro, para que este o modele como entender?»

Passei cinco dias com o *starets*, que começou a melhorar. Foram dias tão proveitosos que nem dei pelo tempo passar. Naquele pequeno quarto, recolhidos em silêncio, quase só fazíamos duas coisas: invocar o nome de Jesus e conversar sobre a oração interior.

Um dia, veio visitar-nos outro peregrino. Queixava-se amargamente dos judeus que encontrara nas povoações por onde passara, insultava-os e atribuía-lhes hostilidade e falsidade. Estava tão exaltado que chegou a dizer que não mereciam viver. Afirmava que sentia por eles uma aversão que não conseguia dominar.

O *starets* respondeu-lhe:

— Não tens o direito de insultar nem amaldiçoar os judeus, meu amigo. Deus criou-os como criou a nós. Deves respeitá-los e rezar por eles. A aversão que sentes mostra que ainda precisas de crescer no amor a Deus. Escuta o que escreveu Marcos, o Asceta: «A alma interiormente unida a

Deus torna-se, pela intensidade da sua alegria, simples e bondosa como uma criança. Não condena ninguém — grego, pagão, judeu ou pecador. Olha para todos com um coração purificado, alegra-se com toda a gente e deseja que todos louvem a Deus.» E Macário, o Grande, do Egito, diz que uma pessoa entregue à contemplação pode arder num amor tão grande que, se lhe fosse possível, acolheria dentro de si todos os homens, bons e maus.

— Eis o que ensinam os Padres, querido irmão. Procura abandonar a violência e considerar todas as pessoas à luz da Providência de Deus. Quando sentires repulsa, reconhece também a tua impaciência e a falta de humildade.

Passou mais de uma semana. Como o *starets* já estava restabelecido, agradei-lhe de coração todos os ensinamentos e despedimo-nos. Ele tomou o caminho da sua terra, e eu retomei a viagem para Pochaev.

Não tinha percorrido ainda cem verstas quando um soldado se juntou a mim. Disse-me que regressava à sua cidade, Kamenets Podolsk. Caminhámos umas dez verstas quase sem falar. Notei que suspirava muitas vezes, profundamente, e tinha o rosto triste. Perguntei-lhe o que o afligia.

— Meu amigo, reparastes na minha tristeza. Se prometerdes, por tudo o que considerais sagrado, não contar a ninguém o que vou dizer, abrir-vos-ei o coração. Sinto-me próximo da morte e não tenho com quem falar.

Assegurei-lhe que guardaria o que me confiasse e que, como irmão em Cristo, o aconselharia se pudesse.

— Fui recrutado entre os camponeses do Estado — começou. — Ao fim de uns cinco anos, o serviço militar tornou-se-me insuportável. Fui castigado várias vezes por desobediência e embriaguez. Só pensava em fugir, e consegui. Há quinze anos que sou desertor. Durante os primeiros seis, escondia-me onde podia. Assaltava propriedades, armazéns e entrepostos; roubava cavalos e furtava nas lojas. Depois vendia os objetos roubados por diferentes meios. Gastava o dinheiro em bebida e levava uma vida de excessos. Apesar de tudo, continuei vivo e consegui escapar durante muito tempo. Acabaram por me prender por andar sem documentos.

— Também da prisão encontrei maneira de fugir. Algum tempo depois, conheci um soldado que já tinha deixado o exército e regressava a casa, numa província distante. Estava doente e mal conseguia andar; pediu-me que o acompanhasse até à aldeia seguinte, onde poderia alojar-se. Fui com ele. A polícia deixou-nos dormir num celeiro, sobre o feno. Na manhã seguinte, quando acordei, o homem estava morto. Apoderei-me do documento que comprovava a sua saída do exército e de uma quantia considerável de dinheiro. Enquanto todos dormiam, desci do celeiro, entrei na floresta e fugi.

— Examinei o documento: o homem tinha aproximadamente a minha idade e os sinais físicos descritos pareciam-se com os meus. Contente com a descoberta, parti para a província de Astracã. Ali procurei viver melhor e arranjei trabalho. Conheci um homem idoso, com uma boa casa, que negociava em gado. Vivia com a filha, que era viúva. Depois de passar um ano em casa dele, casei com ela. Pouco depois, o pai morreu. Não conseguimos manter o negócio. Voltei a beber, a minha mulher também, e num ano gastámos tudo o que o velho nos deixara. Ela adoeceu e morreu.

— Vendi o que restava, incluindo a casa, mas o dinheiro depressa acabou. Já não tinha de que viver nem que comer. Voltei a negociar com objetos roubados, agora com maior ousadia porque tinha documentos. Ao fim de cerca de um ano, até isso começou a correr mal. Roubei a um camponês muito pobre um cavalo velho e já sem préstimo e vendi-o para abate, só para conseguir dinheiro para comer. Depois levei o dinheiro à taberna e pus-me a beber. Soube que haveria um casamento numa aldeia próxima e decidi ir lá. Esperaria que a festa acabasse e todos adormecessem para roubar o que pudesse.

— Como ainda era de dia, entrei na floresta para esperar pela noite. Deitei-me e adormeci profundamente. Sonhei que estava numa planície bela e muito extensa. De repente, uma nuvem negra cobriu o céu e ouviu-se um trovão tão forte que o chão tremeu debaixo de mim. Senti como se alguém me enterrasse até aos ombros. A terra apertava-me por todos os lados; só a cabeça e as mãos ficavam de fora. A nuvem desceu então até ao chão e dela saiu o meu avô, morto havia mais de vinte anos. Fora um homem honesto e, durante trinta anos, tesoureiro de uma paróquia. Aproximou-se tão zangado

e ameaçador que comecei a tremer. À minha volta vi montes de tudo o que tinha roubado ao longo da vida. Fiquei ainda mais aterrorizado. O meu avô apontou para um daqueles montes e perguntou:

— Que é isto?

— Depois voltou-se para a terra e ordenou:

— Aperta-o!

— A terra começou a comprimir-me com tanta força que a dor se tornou insuportável. Gemia e gritava «Tende piedade de mim!», mas o tormento continuava. Então o meu avô apontou para outro monte de coisas roubadas:

— E isto, que é? Aperta-o ainda mais!

— Senti uma dor e uma angústia que não sei comparar a nenhuma outra. Por fim, o meu avô trouxe para junto de mim o cavalo que eu roubara no dia anterior e exclamou:

— E este cavalo? Aperta-o mais!

— Já não consigo descrever o que senti. Era como se me esmagassem os ossos e os músculos; faltava-me o ar. Pensava que perderia os sentidos. Então o cavalo deu-me um coice na cara e acordei. Tremia da cabeça aos pés. Amanhecia, e o sol começava a nascer. Levei a mão ao rosto e encontrei sangue. As partes do corpo que, no sonho, tinham ficado enterradas estavam rígidas, dormentes e cheias de formigueiro. Tive dificuldade em levantar-me e regressar a casa, tal era o medo. A cara doeu-me durante muito tempo. Ainda podes ver a cicatriz; antes não a tinha.

— Basta recordar o sonho para voltar a sentir o mesmo terror. A angústia tornou-se mais frequente. Comecei a ter medo das pessoas e a sentir-me envergonhado diante delas, como se todos conhecessem o meu passado. Deixei de conseguir beber, comer e dormir como antes. Fiquei reduzido a um farrapo. Pensei em voltar ao regimento e contar tudo. Talvez Deus me perdoasse se aceitasse o castigo. Mas tive medo da pena que me aplicariam e perdi a coragem. No desespero, pensei em tirar a vida a mim

próprio. Depois disse comigo: “De qualquer maneira, não viverei muito. Estou a perder as forças e sinto que a morte se aproxima.” Decidi regressar à terra natal para me despedir de um sobrinho e morrer ali. Ando há seis meses a caminho, atormentado pela dor e pelo medo. Que pensais disto, meu amigo? Que devo fazer? Já não consigo suportar esta situação.

Fiquei consternado com o relato e disse-lhe:

— Querido irmão, quando o medo e a angústia te assaltavam, podias ter pedido ajuda a Deus.

— Isso nunca! — protestou. — Se me tivesse posto a rezar, Deus ter-me-ia destruído de imediato.

— Porque pensas assim? A misericórdia de Deus não tem limites: Ele acolhe quem se arrepende. Talvez conheças a oração de Jesus: «Senhor Jesus Cristo, tende piedade de mim, pecador.» Podes rezá-la sempre que precisares.

— Conheço-a. Cheguei a dizê-la para ganhar coragem antes de ir roubar.

— Então escuta: Deus não te destruiu quando a dizias antes de fazer mal. Porque haveria de o fazer agora, quando desejas mudar de vida? Não deixes que esse medo te afaste da oração. Reza, meu irmão. Pede ajuda e procura também um sacerdote a quem possas contar tudo.

Contei-lhe alguns episódios em que a oração de Jesus ajudara pessoas a mudar de vida. Por fim, convenci-o a acompanhar-me a Pochaev, para ali se confessar e comungar antes de regressar a casa.

O soldado escutou-me atentamente e pareceu-me até aliviado. Aceitou a proposta. Seguimos para Pochaev e combinámos caminhar em silêncio, procurando rezar durante o percurso. Assim passámos o primeiro dia. Na manhã seguinte, disse-me que se sentia mais leve e muito mais calmo. Chegámos ao terceiro dia. Animei-o a continuar a oração enquanto estivesse acordado, sem deixar que o medo o dominasse. Li-lhe na *Filocalia*

que devemos rezar em todos os momentos, dando especial atenção à oração ao prepararmos-nos para a comunhão.

Foi o que fez. Confessou-se e comungou. Os pensamentos antigos ainda voltavam por vezes, mas conseguia acalmar-se recorrendo à oração de Jesus. No domingo, deitou-se cedo para poder levantar-se para as Matinas, continuando a rezar. Eu estava sentado no meu canto a ler a *Filocalia* quando ele adormeceu. Entreguei-me então à oração. Uns vinte minutos depois, acordou de repente, correu para mim, com lágrimas nos olhos e uma alegria imensa, e exclamou:

— Ah, irmão, se soubesses o que acabei de ver! Que paz e que alegria! Creio agora que Deus tem misericórdia dos pecadores. Glória a Ti, Senhor, glória a Ti!

Surpreendido, pedi-lhe que me contasse o que acontecera.

— Mal adormeci, vi-me de novo na planície onde sofrera tanto. Assustei-me, mas reparei que, em vez da nuvem negra, brilhava um sol radioso. Uma luz intensa iluminava toda a planície, coberta de flores de muitas cores. O meu avô aproximou-se, mais belo do que alguma vez o vira, e cumprimentou-me com ternura. Disse: «Vai a Jitomir, à igreja de São Jorge. A comunidade da Igreja há de acolher-te e proteger-te. Passa lá o resto dos teus dias e reza sem cessar. Deus será bondoso para contigo.» Abençoou-me e desapareceu. Não sei descrever a alegria que senti: era como se um fardo enorme tivesse saído dos meus ombros e eu pudesse voar. Acordei com o coração e o espírito em paz, tão alegre que mal me consigo conter. Que hei de fazer agora? Quero partir imediatamente para Jitomir, como o meu avô me disse. Com a oração, conseguirei ir.

— Tem calma, irmão. É noite. Espera pelas Matinas, reza e depois segue viagem.

Depois daquela conversa, não conseguimos voltar a dormir. Fomos à igreja. O soldado participou nas Matinas, rezando com sinceridade e fervor, sem conseguir conter as lágrimas. Disse-me que se sentia em paz e desejava continuar a oração de Jesus. Durante a liturgia, comungou. Depois de uma

pequena refeição, acompanhei-o até à estrada de Jitomir. Despedimo-nos com lágrimas, mas também com alegria.

Perguntei-me então para onde iria. Decidi voltar a Kiev: os ensinamentos do meu *starets* atraíam-me para lá. Talvez, permanecendo junto dele, encontrasse alguém que me ajudasse a chegar a Jerusalém ou, pelo menos, ao Monte Atos. Fiquei ainda uma semana em Pochaev, a recordar o que aprendera durante a viagem e a tomar notas. Depois preparei a sacola e fui à igreja rezar à Mãe de Deus antes de partir.

Terminada a liturgia, continuei algum tempo em oração. Estava ao fundo da igreja quando entrou um homem cuja roupa, embora simples, sugeria uma origem nobre. Perguntou-me onde poderia comprar velas e indiquei-lhe o lugar. Mais tarde, depois de rezar diante do altar, saí. Pouco adiante, ao passar por uma casa da rua principal, vi à janela um homem a ler. Reconheci o mesmo que me falara na igreja. Cumprimentei-o. Fez-me sinal para me aproximar e perguntou:

— És peregrino, não és?

— Sou — respondi.

Convidou-me a entrar e quis saber quem eu era e para onde ia. Contei-lhe a minha história sem lhe esconder nada. Ofereceu-me chá e disse:

— Escuta, meu amigo. Aconselho-te a ir ao Mosteiro Solovetsky, numa das ilhas Solovets, no mar Branco. Há lá uma pequena comunidade monástica, Anzersky, muito sossegada e afastada. Faz lembrar um segundo Monte Atos, e acolhem bem quem lá chega. Aos noviços pedem apenas que, à vez, leiam o Saltério durante quatro horas por dia. Também desejo peregrinar até lá e prometi fazer o caminho a pé. Poderíamos ir juntos; sentir-me-ia mais seguro na tua companhia, pois dizem que a estrada é muito deserta. Tenho dinheiro e poderia pagar as tuas despesas durante a viagem. Caminharíamos separados por uns vinte passos, para que cada um pudesse ler ou meditar sem perturbar o outro. Pensa na proposta, irmão, e aceita-a, peço-te.

Tomei aquele convite inesperado como resposta à oração em que pedira à Mãe de Deus que me indicasse um caminho. Aceitei e partimos no dia seguinte. Durante três dias caminhámos como combináramos, um atrás do outro.

Ele trazia sempre um livro nas mãos e lia quase continuamente. De vez em quando, parava uns momentos para meditar. Ao chegar a uma aldeia, parámos para comer. Mesmo durante a refeição, conservou o livro aberto diante de si. Vi que era um exemplar dos Evangelhos e perguntei:

— Permitti-me perguntar-vos porque trazeis sempre os Evangelhos nas mãos e deles não vos separais, nem de dia nem de noite.

— Porque não deixo de aprender com eles — respondeu.

— E que aprendeis?

— A vida cristã, que se concentra na oração. Estou convencido de que a oração é essencial no caminho da salvação e constitui um dever de todo o cristão. É o primeiro passo da vida espiritual e acompanha também todos os passos seguintes. Por isso o Evangelho manda-nos rezar sempre. Para outras práticas piedosas há momentos próprios; para a oração, todos os momentos podem ser oportunos. Sem ela, é difícil fazer bem seja o que for. E, sem o Evangelho, não aprendemos plenamente a rezar.

— Os santos que cultivaram a vida interior — pregadores, eremitas, monges recolhidos e cristãos de muitas condições — aprenderam-na ao meditar constantemente na Palavra de Deus e ao ler os Evangelhos. Muitos traziam-nos sempre consigo e aconselhavam: «Recolhei-vos no silêncio do vosso quarto; lede e voltai a ler o Evangelho.» É por isso que me dedico especialmente a ele.

A forma como falava e o seu amor pela oração cativaram-me. Perguntei-lhe em qual dos Evangelhos encontrava ensinamentos sobre ela.

— Nos quatro — respondeu —, e, de certo modo, em todo o Novo Testamento. Leio-os por ordem há muito tempo, procurando compreender o que dizem. Comecei a reparar que os ensinamentos sobre a oração seguem

uma progressão. Primeiro mostram como nos devemos preparar e ensinam a forma exterior da oração. Depois apresentam as disposições necessárias e, por meio de exemplos, ajudam-nos a cultivá-la. Mais adiante, revelam a oração interior e contínua em nome de Jesus Cristo e mostram a sua necessidade e os seus frutos. Encontramos, assim, nos Evangelhos um ensinamento amplo sobre a oração, exposto passo a passo.

— Gosto de ouvir falar da oração mais do que de qualquer outra coisa — respondi. — Ficaria muito contente se me mostrásseis essa progressão diretamente no Evangelho.

Ele aceitou e deu-me um lápis:

— Abre o teu exemplar. Acompanha-me e anota as passagens que vou indicar.

— Repara nestas notas que tomei. Abre, para começar, o Evangelho de São Mateus, capítulo 6, e lê os versículos 5 a 9. Encontrarás aí uma introdução à oração: devemos rezar num lugar retirado e em sossego, sem ostentação nem alarido. Devemos pedir o perdão dos pecados e a comunhão com Deus, sem acumular pedidos inúteis de coisas passageiras, como fazem os pagãos.

Continua a ler o mesmo capítulo, dos versículos 9 a 14. Encontrarás aí a forma da oração, isto é, as palavras com que devemos rezar. Nelas estão reunidos, com grande sabedoria, os pedidos necessários à nossa vida. Lê depois os versículos 14 e 15: verás uma condição para que a oração seja atendida. Se não perdoarmos a quem nos fez mal, Deus não perdoará os nossos pecados.

Passa agora ao capítulo 7. Nos versículos 7 a 9, encontrarás a maneira de alcançar o fruto da oração: pedir, procurar e bater à porta com confiança. Estas palavras mostram que devemos rezar com frequência e começar pela oração antes de agir. No capítulo 14 de São Marcos, dos versículos 32 a 40, verás o próprio Jesus Cristo repetir as mesmas palavras ao rezar. São Lucas dá-nos um exemplo semelhante na parábola do amigo que chega de noite (Lc 11,5-14) e na da viúva insistente (Lc 18,1). Assim nos ensina Cristo a rezar sempre, sem desanimar nem ceder à preguiça.

Depois desta explicação, é no Evangelho de São João que encontramos o ensinamento essencial sobre a oração interior do coração. Primeiro, na conversa de Cristo com a samaritana, é-nos revelada a adoração em espírito e em verdade. Deus deseja essa oração contínua que, como água viva, jorra para a vida eterna (Jo 4,5-25). Mais adiante, no capítulo 15, versículos 4 a 8, vemos com maior clareza a força e a necessidade da oração interior: manter o espírito atento a Cristo e recordar-se incessantemente de Deus.

Por fim, lê os versículos 23 a 25 do capítulo 14. Repara no mistério que aí se revela. A oração do nome de Jesus Cristo, conhecida como Oração de Jesus — «Senhor Jesus Cristo, tende piedade de mim» —, quando repetida com frequência, tem uma força imensa: abre e santifica o coração. Pensa nos apóstolos. Já eram discípulos de Jesus havia um ano e tinham recebido dele a oração do «Pai-Nosso», que por seu intermédio chegou até nós. Mas, perto do fim da sua vida terrena, Cristo revelou-lhes algo que ainda faltava à sua oração: «Até agora, nada pedistes em meu nome. Em verdade, em verdade vos digo: tudo o que pedirdes ao Pai em meu nome, Ele vo-lo concederá.» Quando aprenderam a rezar em nome de Jesus, quantas maravilhas realizaram e quanta luz receberam! Vês agora como os ensinamentos sobre a oração se encadeiam ao longo dos Evangelhos? Se continuares a leitura pelas epístolas, encontrarás nelas a mesma progressão.

Para completar as tuas notas, vou indicar-te algumas passagens sobre as qualidades da oração. Nos Atos dos Apóstolos, por exemplo, vemos os primeiros cristãos, iluminados pela fé em Jesus Cristo, a rezar com constância (At 4,31). Vemos também os frutos dessa oração: o Espírito Santo e os seus dons derramados sobre aqueles que os imploram. Encontrarás algo semelhante no capítulo 6, versículos 25 e 26. Segue depois a ordem das epístolas e verás:

1. Como a oração é necessária em todas as circunstâncias (Tg 5,13-16).
2. Como o Espírito Santo nos ajuda a rezar (Jd 20-21 e Rm 8,12).
3. Como todos devemos rezar em espírito (Ef 6,18).
4. Como a calma e a paz interior são necessárias à oração (Fl 4,6-7).
5. Como devemos orar sem cessar (1 Ts 5,17).

6. Como devemos rezar não só por nós, mas por todas as pessoas (1 Tm 2,1-5).

Se dedicarmos tempo e atenção a compreender estas passagens, descobriremos ainda muitos ensinamentos ocultos na Palavra de Deus, que nos escapam quando a lemos raramente e à pressa.

Percebeste, pelo que te mostrei, com que sabedoria e ordem o Novo Testamento expõe os ensinamentos de Nosso Senhor Jesus Cristo sobre a oração? Em São Mateus, encontramos a preparação para rezar, a força da oração e as suas condições. São Marcos apresenta-nos exemplos; São Lucas, parábolas; e São João, a prática da oração interior e os seus frutos. Nas epístolas e no Apocalipse encontramos ainda outros aspetos da oração. É por isso que os Evangelhos, por si sós, me servem de guia nos caminhos da salvação.

Enquanto ele me indicava as passagens e me explicava o seu sentido, eu anotava na minha Bíblia os capítulos e versículos. Achei o método muito útil e agradeci-lhe sinceramente. Depois prosseguimos em silêncio durante cinco dias. O meu companheiro começou a sentir fortes dores nos pés, certamente por não estar habituado a caminhar tanto. Alugou então uma carroça puxada por dois cavalos e levou-me com ele. Chegámos a uma povoação, onde ficámos três dias a recuperar forças antes de partir para Anzersky, onde ele tanto desejava ir.

O *starets*: O teu amigo é admirável. A julgar pela sua piedade, deve ser muito instruído. Gostaria de conhecê-lo.

O peregrino: Moro com ele. Amanhã eu o trago aqui. Já está ficando tarde. Adeus.

SEXTO RELATO

O peregrino: Como prometi ontem, pedi ao meu venerável companheiro de viagem, que me deu tantos ensinamentos espirituais e que desejáveis conhecer, que me acompanhasse até aqui.

O starets: Será um prazer para mim e, assim o espero, também para os meus veneráveis hóspedes, receber-vos e ouvir o relato das vossas experiências. Apresento-vos este respeitável *skhimnik* que está comigo e este sacerdote que nos dá um grande exemplo de devoção. Onde dois ou três estiverem reunidos em nome de Jesus Cristo, Ele prometeu estar entre eles. Somos agora cinco reunidos em seu nome. Estou certo de que nos abençoará ainda mais abundantemente. Caro irmão, o que o vosso companheiro me contou ontem à noite acerca do vosso profundo apego ao santo Evangelho é admirável e instrutivo. Gostaria de saber como vos foi revelado esse segredo bendito.

O professor: Deus, cheio de amor e de imensa bondade, que deseja que todas as pessoas se salvem e cheguem ao conhecimento da verdade, revelou-mo de maneira maravilhosa, sem intervenção humana.

Fui professor durante cinco anos. Levava uma vida triste e dissipada, preso à vã filosofia do mundo em vez de seguir Cristo. Talvez me tivesse perdido por completo se não vivesse com a minha mãe, muito devota, e com a minha irmã, uma pessoa de grande maturidade.

Um dia, enquanto passeava por uma praça, conheci um jovem muito agradável. Disse-me que era francês, estudante, e que chegara de Paris poucos dias antes à procura de trabalho como preceptor. Fiquei fascinado com a sua vasta cultura. Como era estrangeiro e não conhecia ninguém no nosso país, convidei-o para minha casa e tornámo-nos amigos. Durante dois meses, visitou-me com frequência. Saíamos juntos, divertíamos-nos e frequentávamos pessoas e lugares cuja imoralidade facilmente podeis imaginar.

Um dia procurou-me com um convite desse género. Para me convencer, começou a elogiar a alegria e os prazeres que encontraríamos no encontro que propunha. Após algumas palavras, pediu-me de repente que saíssemos

do meu escritório e fôssemos para a sala. Achei estranho. Nunca o tinha visto sentir-se constrangido no escritório; por que razão haveríamos de sair dali? Além disso, a sala ficava junto ao aposento onde estavam a minha mãe e a minha irmã, que poderiam ouvir a nossa conversa inconveniente.

Apresentou vários pretextos, mas acabou por confessar:

— Entre os livros dessas prateleiras há um exemplar dos Evangelhos. Tenho tanto respeito por esse livro que me sinto mal a falar de certos assuntos diante dele. Tira-o daqui, para podermos conversar à vontade.

Na minha leviandade, não consegui deixar de sorrir perante aquele súbito escrúpulo. Tirei o Evangelho da prateleira e disse-lhe:

— Já mo podias ter dito há mais tempo.

Estendi-lhe o livro e acrescentei:

— Põe-no onde quiseses.

Mas ele nem chegou a tocar-lhe: foi tomado de um tremor violento e desapareceu.

Fiquei tão assustado que perdi os sentidos. Ao ouvirem o ruído da minha queda, todos em casa acorreram. Passou mais de meia hora antes de conseguirem reanimar-me. Quando finalmente voltei a mim, estava aterrorizado e a tremer; sentia-me profundamente perturbado, não tinha sensibilidade nas mãos nem nos pés e não conseguia movê-los. Chamaram um médico, que diagnosticou uma paralisia provocada pelo choque ou pelo susto violento.

Depois desse acontecimento, passei um ano inteiro imobilizado. Apesar dos tratamentos de vários médicos, não melhorei. A doença obrigou-me a abandonar a profissão. Nessa altura morreu a minha mãe, já muito idosa, e a minha irmã preparava-se para entrar numa comunidade religiosa. Tudo isso agravou o meu estado. Durante aquele período, o único consolo que encontrava era a leitura dos Evangelhos. Desde o início da doença, nunca

mais me separei deles: eram para mim uma prova daquele extraordinário acontecimento a que tinha assistido.

Um dia veio visitar-me um eremita desconhecido, que recolhia donativos para o seu mosteiro. Falou-me com insistência: não podia confiar apenas nos medicamentos, que, sem a ajuda de Deus, jamais me trariam alívio. Precisava de pedir ajuda a Deus, rezando em particular pela minha cura, pois a oração é o meio mais poderoso de curar os males do corpo e da alma.

— Como queres que reze neste estado, se não consigo sequer fazer um gesto de adoração ou levar a mão à testa para me benzer? — perguntei-lhe, perplexo.

— Reza como puderes, seja de que maneira for, mas reza — respondeu-me.

Não disse mais nada nem me explicou como havia de rezar. Depois de ele partir, comecei, quase sem dar por isso, a pensar na oração, na sua força e nos seus efeitos. Recordei o ensino religioso que recebera muitos anos antes, quando era estudante. Essas recordações agradavam-me, reavivavam o que sabia de religião e aqueciam-me o coração. Ao mesmo tempo, comecei a sentir algum alívio.

O livro dos Evangelhos estava sempre comigo, tal era a devoção que lhe dedicava desde o acontecimento a que assistira. Lembrei-me também de que os ensinamentos sobre a oração que ouvira nas aulas se apoiavam nos Evangelhos. Por isso, concluí que o melhor seria estudar a oração e a vida espiritual cristã a partir dos ensinamentos evangélicos. Encontrei ali, como numa fonte abundante, um caminho completo para a vida espiritual e para a verdadeira oração interior.

Tomava nota, com fervor, das passagens relativas à oração. Desde então, procurei compreender diligentemente esse ensinamento divino e pô-lo em prática com todo o empenho, embora não sem dificuldade. Durante esse tempo, a minha saúde foi melhorando até recuperar por completo, como podeis ver.

Vivia sozinho. Para agradecer a Deus a sua bondade paternal, à qual devia a cura e a luz recebida pelo meu espírito, resolvi seguir o exemplo da minha irmã e a inclinação do meu coração: dedicar-me à vida solitária. Assim poderia acolher e assimilar, sem obstáculos, as palavras de vida eterna que Deus me oferecia. É por isso que estou a caminho da ermida de Anzersky, perto do mosteiro de Solovetsky, no mar Branco. Ouvi dizer, a pessoas dignas de confiança, que é um lugar muito propício à vida contemplativa.

Quero dizer-vos ainda uma coisa: o santo Evangelho consola-me profundamente durante esta viagem. Ilumina o meu espírito ignorante e aquece o meu coração frio. Apesar disso, reconheço sinceramente a minha fraqueza. As exigências da vida espiritual e da salvação — a renúncia total a mim mesmo, o despojamento e a humildade que o Evangelho pede — assustam-me pela sua grandeza e pela fraqueza do meu coração. Encontro-me, por isso, dividido entre a esperança e o desespero. Não sei o que será de mim.

O monge: Depois de uma prova tão evidente da misericórdia de Deus, e tendo recebido a formação que recebestes, seria imperdoável deixar-vos desanimar ou permitir sequer uma sombra de dúvida quanto à proteção e à ajuda de Deus. Sabeis o que diz a esse respeito Crisóstomo, iluminado por Deus? «Ninguém deve desanimar nem julgar que os preceitos do Evangelho são impossíveis de cumprir. Deus, que destinou o ser humano à salvação, não lhe deu mandamentos para que os transgredisse por serem impraticáveis. Deu-lhos para que, pela sua santidade e por serem essenciais à verdadeira vida, fossem uma bênção neste mundo e na eternidade.»

É certo que cumprir os mandamentos de Deus com perseverança é extraordinariamente difícil para a nossa natureza decaída e que, por isso, a salvação não é fácil. Mas a mesma Palavra de Deus que nos dá os mandamentos oferece-nos também os meios para os cumprir e até para encontrarmos alegria neles. Se, à primeira vista, esse benefício nos parece envolto em mistério, é para nos tornar mais humildes e nos conduzir à união com Deus. Mostra-nos quanto precisamos de recorrer sempre a Ele pela oração e de pedir a sua ajuda paternal. É aí que está o segredo da salvação, e não na força dos nossos esforços.

O peregrino: Quanto gostaria eu, fraco e incapaz como sou, de conhecer esse segredo! Talvez conseguisse assim corrigir, pelo menos em parte, a minha vida indolente, para glória de Deus e salvação da minha alma.

O monge: Esse segredo já vos foi revelado pelo vosso livro, a *Filocalia*. Está todo na oração incessante que estudastes com tanto cuidado, praticastes com tanto zelo e na qual encontrastes tanta alegria.

O peregrino: Lanço-me a vossos pés, meu pai. Por amor de Deus, deixai-me ouvir dos vossos próprios lábios algumas palavras sobre este segredo salvador da santa oração. É o assunto de que mais gosto de ouvir falar e sobre o qual mais gosto de ler, para dar força e consolo à minha alma pecadora.

O monge: Não posso responder ao vosso desejo com reflexões minhas sobre um assunto tão sério, pois a minha experiência é pequena. Tenho, porém, umas notas muito claras, escritas por um autor espiritual, precisamente sobre o que vos interessa. Se os vossos amigos estiverem de acordo, vou buscá-las e, com a vossa licença, lê-las-ei.

Todos: Fazei-o, caro padre. Não nos priveis de ensinamentos tão úteis e salutareis.

O segredo da salvação revelado pela oração contínua

Como podemos salvar-nos? Esta pergunta surge naturalmente no espírito de qualquer cristão que reconheça as feridas e a decadência da natureza humana, mas também a inclinação original para a verdade e a virtude que nela ainda subsiste. Quem tenha alguma fé, por pequena que seja, na imortalidade e na vida futura acaba por perguntar a si mesmo: «Como posso salvar-me?» Para encontrar resposta, procura pessoas sábias e prudentes. Seguindo os seus conselhos, lê obras de autores espirituais e decide cumprir rigorosamente as regras que ouviu e leu.

Em todos esses ensinamentos, encontra como condições indispensáveis à salvação a vida de fé e uma luta corajosa contra si mesmo, capazes de o

transformar profundamente. É chamado a praticar as obras da fé, a observar continuamente os mandamentos de Cristo e a dar assim testemunho de uma fé firme. Compreende também que deve fazê-lo com a mais profunda humildade e que todas as virtudes estão ligadas entre si: fortalecem-se e completam-se umas às outras. Tal como os raios do sol só acendem uma chama quando uma lente os concentra num único ponto, também as virtudes precisam de atuar em conjunto. De outro modo, «quem é infiel nas coisas pequenas também o será nas grandes».

Para despertar nele o desejo dessa virtude plena, falam-lhe da sua beleza e mostram-lhe a miséria do vício. Prometem-lhe grandes recompensas ou anunciam-lhe castigos terríveis na vida futura. É assim que muitas vezes se prega hoje. Guiado por esses ensinamentos, quem deseja sinceramente salvar-se começa com alegria a praticar o que aprendeu. Infelizmente, logo aos primeiros passos descobre que não consegue cumprir os seus propósitos. Percebe que a sua natureza enfraquecida contraria as convicções do seu espírito, que a sua liberdade está escravizada, que as suas inclinações se desviaram e que as suas forças espirituais são escassas.

Surge-lhe então uma pergunta: não haverá algum meio de cumprir o que a lei de Deus lhe pede e aquilo que praticaram os que alcançaram a salvação e a santidade? Para conciliar as exigências da consciência com a incapacidade que sente, volta a procurar os que anunciam o caminho da salvação: «Como poderei salvar-me? Que fazer, se não consigo cumprir estas condições? Conseguem aqueles que mas ensinam pô-las rigorosamente em prática?»

— Pedi ajuda a Deus. Rezai a Deus. Rezai para obter o seu auxílio.

«Nesse caso», pensa ele, «não seria melhor começar por estudar a oração e continuar a estudá-la, já que é ela que nos dá força para cumprir tudo o que a vida espiritual exige?» Dedica-se então a esse estudo: lê, medita e examina os ensinamentos dos que escreveram sobre a oração. Encontra neles pensamentos luminosos, conhecimentos profundos e palavras comoventes. Um autor explica admiravelmente a necessidade da oração; outro fala da sua força e dos seus frutos, do dever de rezar e da necessidade de zelo, atenção, ardor do coração, pureza de espírito, reconciliação com os inimigos, humildade e arrependimento.

Mas o que é, em si mesma, a oração? O que fazemos realmente quando rezamos? Raramente encontra uma resposta clara a estas perguntas tão fundamentais. Apesar de todo o seu esforço, o mistério continua encoberto. Aquilo que aprendeu dá-lhe, em geral, apenas uma ideia exterior da oração. Mesmo sendo devoto, acaba por pensar que rezar consiste em ir à igreja, fazer o sinal da cruz, inclinar-se, prostrar-se e ler salmos, cânones e acatistos. É esta, muitas vezes, a ideia de quem desconhece os escritos dos santos Padres sobre a oração interior e a contemplação.

Com o tempo, porém, descobre um livro chamado *Filocalia*. Nele, vinte e cinco Padres de grande sabedoria explicam de modo acessível a natureza da oração do coração. A leitura começa a levantar o véu que lhe escondia o segredo da oração e da salvação. Compreende então que rezar é voltar sem cessar o pensamento e a atenção para Deus, viver na sua presença e despertar o amor por Ele através da sua lembrança. É associar o nome de Deus à respiração e aos batimentos do coração. Para isso, começa por invocar com os lábios o santíssimo nome de Jesus Cristo, recitando a Oração de Jesus em qualquer lugar e a qualquer hora, mesmo durante o trabalho, sem interrupção.

Estas verdades iluminam-lhe o espírito e ajudam-no a começar a praticar o que aprendeu. Nas primeiras tentativas, contudo, encontra muitas dificuldades. Precisa que um mestre experiente lhe mostre, no próprio livro, que só a oração incessante o pode conduzir à oração interior aperfeiçoada e à salvação da alma. A frequência da oração é a base de todo esse caminho. Como diz Simeão, o Novo Teólogo: «Quem reza sem cessar reúne nesse único ato todo o bem.» O mestre explica então este ensinamento da seguinte maneira.

Para salvar a alma, é necessária, antes de mais, a verdadeira fé. Diz a Sagrada Escritura: «Sem fé é impossível agradar a Deus» (Hb 11,6). Quem não tem fé será julgado. Mas a Escritura também nos ensina que ninguém pode, por si mesmo, fazer nascer a fé no seu coração, por pequena que seja: ela não vem de nós, é um dom de Deus concedido pelo Espírito Santo. Que havemos, então, de fazer? Como conciliar a necessidade da fé com a impossibilidade de a produzir pelas nossas próprias forças? A resposta encontra-se na própria Escritura: «Pedi e recebereis.» Os apóstolos não

conseguiam, pelos seus méritos, tornar perfeita a sua fé; por isso pediram ao Senhor: «Aumenta a nossa fé.» É pela oração que a fé se recebe.

Para salvar a alma, além da verdadeira fé, são necessárias as boas obras, pois «a fé sem obras está morta». Seremos julgados pelas nossas obras, e não apenas pela fé. «Se queres entrar na vida, guarda os mandamentos: não mates, não cometas adultério, não roubes, não prestes falso testemunho, honra teu pai e tua mãe e ama o teu próximo como a ti mesmo.» E é preciso guardar todos os mandamentos, porque «quem observa toda a Lei, mas falta num só ponto, torna-se culpado de a transgredir por inteiro» (Tg 2,10). Assim ensina o apóstolo Tiago.

O apóstolo Paulo, por sua vez, descreve a fraqueza humana: «Ninguém será justificado pelas obras da Lei» (Rm 3,20). «Sabemos que a Lei é espiritual; mas eu sou carnal, vendido ao pecado. Não compreendo o que faço: não faço o que quero, mas aquilo que detesto. [...] No meu íntimo, tenho prazer na Lei de Deus, mas vejo nos meus membros a lei do pecado» (Rm 7).

Como poderá alguém cumprir o que a lei de Deus prescreve, se sente que não tem forças para obedecer aos mandamentos? Não o conseguirá enquanto não decidir pedir essas forças pela oração. «Não tendes porque não pedis» (Tg 4,2), explica o apóstolo. O próprio Jesus Cristo diz: «Sem mim nada podeis fazer.» E ensina-nos como agir com Ele: «Permanecei em mim, como Eu permaneço em vós.» Quem permanece n'Ele dá muito fruto. Permanecer em Cristo significa recordar continuamente a sua presença e invocar incessantemente o seu nome. «Se pedirdes alguma coisa em meu nome, Eu vo-la concederei.» A própria oração torna, portanto, possível a prática do bem. Encontramos um exemplo em São Paulo: pediu três vezes para vencer a tentação e ajoelhou-se diante de Deus Pai, pedindo-Lhe que fortalecesse o seu ser interior. Acima de tudo, foi-lhe ensinado que devia rezar continuamente, a cada momento.

De tudo isto se conclui que a salvação depende da oração. Ela é, portanto, primordial e necessária: por meio dela, a fé ganha vida e as boas obras tornam-se possíveis. Com a oração, a vida cristã pode dar fruto; sem ela, não conseguimos praticar nenhuma obra verdadeiramente piedosa. Por isso, entre tudo o que nos é pedido, só a oração deve acompanhar-nos sem

interrupção. As outras virtudes têm os seus momentos próprios, mas da oração se diz: «Orai sem cessar.» É justo rezarmos sempre e em toda a parte.

A verdadeira oração, porém, exige um espírito e um coração puros, zelo ardente, atenção rigorosa, temor, respeito e profunda humildade. Quem poderá afirmar sinceramente que reúne todas estas condições? Quem não reconhecerá que muitas vezes reza por obrigação, em vez de o fazer por amor e por uma inclinação livre do coração? A Sagrada Escritura ensina-nos que não está nas nossas mãos manter o espírito firme e livre dos maus pensamentos: «Os pensamentos do homem são maus desde a sua juventude.» Só Deus pode dar-nos um coração novo e um espírito novo. «O meu espírito ora, mas a minha inteligência não colhe fruto» (1 Cor 14,14). E o apóstolo acrescenta: «Não sabemos o que pedir como convém» (Rm 8,26). Assim, não conseguimos, só pelas nossas forças, rezar com todas as qualidades que a verdadeira oração exige.

Se esta é a condição humana, que podem a nossa vontade e as nossas forças fazer pela salvação da alma? Não podemos adquirir a fé sem a oração, nem praticar boas obras sem ela. Mas também não está em nosso poder produzir, por nós mesmos, a oração perfeita. Que nos resta, então, fazer? Como exercer a nossa liberdade para nos salvarmos?

Deus reservou para si o valor e o fruto de cada ato: cabe-Lhe concedê-los ou não. Mas, para nos ensinar a depender d'Ele com humildade, deixou à nossa vontade algo que podemos fazer: *rezar muitas vezes*. Mandou-nos rezar sem cessar, a cada momento e em toda a parte. Aí se revela o caminho para a verdadeira oração, para a fé e para a observância dos mandamentos. Podemos escolher a frequência com que invocamos a Deus. É este o ensinamento dos Padres da Igreja.

São Macário, o eremita, afirma que rezar verdadeiramente é um dom da graça. São Hesíquio diz que a oração frequente se torna um hábito e, depois, uma segunda natureza; sem a invocação frequente do nome de Jesus Cristo, não é possível purificar o coração. Calisto e Inácio aconselham a invocar assiduamente o nome de Jesus antes de qualquer exercício ascético ou outra obra, pois essa perseverança conduz da oração imperfeita à oração

perfeita. E o bem-aventurado Diádoco afirma que quem invocar o nome de Deus tantas vezes quantas puder não cairá em pecado.

Quanta sabedoria e experiência há nestas palavras! A simplicidade destas instruções mostra-nos como avançar para a perfeição. São bem diferentes dos conselhos que a razão, por si só, costuma dar: «Fazei boas obras; tende coragem; usai a força de vontade; pensai nos benefícios da virtude; afastai do espírito e do coração as ilusões do mundo e substituí-as por pensamentos edificantes; fazei o bem, e sereis respeitados e encontrareis a paz; vivei segundo a razão e a consciência.» Por mais força que tais conselhos pareçam ter, não atingirão o seu fim sem a oração frequente, sem pedirmos a ajuda de Deus.

Vejam os ensinamentos que os Padres ensinam sobre a purificação da alma. São João Clímaco escreve: «Quando o espírito se turvar com pensamentos impuros, afugentai o inimigo repetindo frequentemente o nome de Jesus. Não encontrareis, no céu nem na terra, arma mais poderosa e eficaz.» São Gregório, o Sinaíta, diz: «Lembra-vos de que ninguém consegue dominar o seu espírito por si só. Quando surgirem maus pensamentos, invocai repetidamente o nome de Jesus, e eles acalmar-se-ão.» É um método simples, confirmado pela experiência. Como difere da pretensão de alcançar a pureza apenas pelo esforço pessoal!

Estes ensinamentos, nascidos da experiência dos santos Padres, permitem-nos chegar a uma conclusão firme: o caminho principal, simples e acessível para a salvação e a perfeição espiritual é rezar frequentemente e sem interrupção, mesmo que a nossa oração ainda seja fraca.

Alma cristã, se não encontras em ti forças para adorar a Deus em espírito e em verdade, se o teu coração ainda não conhece a doçura da oração interior, oferece na oração aquilo que podes dar: o que depende da tua vontade e está ao alcance das tuas forças. Habitua primeiro os teus lábios, esse instrumento humilde, a invocar com perseverança o nome de Jesus. Que o invoquem muitas vezes, sem desistir. Não é um esforço acima das capacidades de ninguém. É também o que recomenda o apóstolo: «Ofereçamos continuamente a Deus um sacrifício de louvor, isto é, o fruto dos lábios que confessam o seu nome» (Hb 13,15).

Não há dúvida de que a oração frequente cria um hábito e acaba por se tornar uma segunda natureza, dispondo favoravelmente o espírito e o coração. Imaginemos alguém que procure cumprir sempre este mandamento. Ao invocar, em todas as circunstâncias, o santíssimo nome de Jesus — ainda que, no princípio, o faça com esforço e sem fervor —, terá menos tempo para pensamentos vãos, para julgar o próximo ou para procurar prazeres passageiros. A oração impedirá que os maus pensamentos cresçam. A união com Deus ajudá-lo-á a resistir à tentação. Abandonará as palavras excessivas e inúteis; e, quando cometer uma falta, a invocação do nome divino recordar-lhe-á a misericórdia de Deus. Muitas vezes, a oração contínua impedirá o pecado e recordar-lhe-á a sua vocação primeira: a união com Deus.

Compreendeis agora a importância e a necessidade de rezar muitas vezes? A oração constante é o caminho para a oração pura e verdadeira. É a melhor preparação para ela e o meio mais seguro de alcançar o fim da oração e da salvação.

Para vos convencer plenamente da necessidade e dos frutos da oração frequente, tomai nota do seguinte:

— Todo o desejo de rezar e todo o pensamento voltado para a oração são obra do Espírito Santo e voz do vosso anjo da guarda.

— O nome de Jesus Cristo, invocado na oração, tem em si mesmo uma força salvadora que atua por si própria. Não vos deixeis, pois, perturbar pela aridez da vossa oração. Esperai pacientemente o fruto da invocação frequente do nome divino. Não deis ouvidos a quem, por falta de experiência e discernimento, diz que uma invocação feita sem fervor é uma repetição inútil e monótona. A invocação frequente do nome divino dará fruto no momento próprio.

Um autor espiritual explicou admiravelmente este ponto: «Sei que, para muitos dos que se julgam espirituais e sábios filósofos, a prática frequente de uma breve oração vocal parece uma ocupação insignificante, talvez até uma brincadeira. Procuram por toda a parte métodos que lisonjeiem a razão e o orgulho. Mas enganam-se e esquecem o ensinamento de Jesus Cristo: “Se não vos converterdes e não vos tornardes como crianças, não entrareis

no Reino dos Céus” (Mt 18,3). Constroem uma ciência da oração sobre os fundamentos inseguros da razão humana. Será preciso grande erudição, muito saber ou longas meditações para dizer com fervor: “Jesus, Filho de Deus, tende piedade de mim”? O nosso divino Mestre não louva a oração frequente? Quantas respostas admiráveis foram obtidas e quantas grandes obras realizadas por meio desta oração breve, repetida muitas vezes!»

«Alma cristã, ganha coragem e não interrompas a tua invocação incessante, mesmo que ela saia de um coração ainda dividido e preso ao espírito do mundo. Persevera. Não te deixes vencer pela tentação de desistir nem te inquietes: pela repetição, a tua oração há de purificar-se. Lembra-te sempre: “Aquele que está em vós é maior do que aquele que está no mundo” (1 Jo 4,4). E, como diz o mesmo apóstolo, “Deus é maior do que o nosso coração e conhece todas as coisas”.»

Se estás convencido de que esta oração, tão poderosa perante a fraqueza humana, está ao teu alcance, decide-te a experimentá-la, nem que seja apenas durante um dia. Vigia-te e dedica à invocação do nome de Jesus, ao longo dessas vinte e quatro horas, mais tempo do que às tuas outras ocupações. Com o tempo, verás que esse dia não se perdeu em preocupações mundanas: foi um dia proveitoso para a tua salvação. Perante Deus, a oração frequente ajudará a compensar as tuas fraquezas e más ações, a apagar da tua consciência os pecados desse dia, a dar os primeiros passos na virtude e a esperar a tua santificação.

O peregrino: Agradeço-vos de todo o coração, bondoso padre. Com esta leitura, encheistes de alegria a minha alma pecadora. Por amor de Deus, deixai-me copiar o que acabámos de ouvir. Conseguirei fazê-lo numa ou duas horas. Tudo o que lestes é belo, reconfortante e tão claro para o meu espírito pouco instruído como a *Filocalia*, onde os santos Padres tratam do mesmo assunto. Por exemplo, João de Cárpato escreve, na quarta parte da *Filocalia*: «Se não tendes força para vos dominardes nem para praticardes a ascese, sabeis que Deus quer salvar-vos pela oração.» No vosso caderno, tudo isto está explicado de modo admirável. Dou graças a Deus e agradeço-vos por me ter sido permitido ouvi-lo.

O professor: Também ouvi a vossa leitura com muita atenção e agrado, meu padre. Os argumentos bem encadeados dão-me grande satisfação.

Contudo, parece-me que a oração contínua exige condições favoráveis e uma solidão tranquila. Reconheço que a oração frequente e incessante é um meio poderoso de obter a ajuda da graça divina e que está ao alcance das capacidades humanas. Mas parece-me possível praticá-la apenas quando se dispõe de sossego. Afastada dos negócios, das preocupações e das distrações, uma pessoa pode rezar muitas vezes, até continuamente; só terá de vencer a própria preguiça e a dispersão dos pensamentos. E quem está preso aos seus deveres, tem vários assuntos a tratar e vive num ambiente agitado e ruidoso? As distrações inevitáveis impedem-no de rezar sempre. Assim, por depender de circunstâncias favoráveis, este método não estaria ao alcance de todos.

O monge: Essa conclusão é falsa. Um coração habituado à oração interior pode sempre invocar o nome de Deus, mesmo durante uma ocupação física ou intelectual e no meio do ruído. Quem o afirma sabe-o por experiência; quem ainda não o sabe pode aprendê-lo com a prática gradual. As solicitações exteriores não conseguem interromper a oração de quem deseja rezar, pois o pensamento íntimo não depende inteiramente do que se passa à nossa volta. Podemos, a qualquer momento, voltá-lo para Deus. Até a língua pode rezar em silêncio, na presença de outras pessoas e durante qualquer ocupação.

Além disso, nem os nossos afazeres são tão importantes, nem as nossas conversas tão interessantes que não encontremos um instante para invocar o nome de Jesus, mesmo antes de nos habituarmos à oração contínua. A solidão e o afastamento das distrações ajudam-nos, certamente, a rezar com atenção. Ainda assim, a frequência com que rezamos está ao alcance de todos, mesmo dos mais fracos e ocupados.

Há homens que, apesar de inúmeros deveres e trabalhos exigentes, invocaram sempre o nome de Jesus e chegaram à oração incessante do coração. O patriarca Fócio, elevado da condição de senador à dignidade patriarcal, perseverou na invocação do nome de Deus enquanto governava o vasto patriarcado de Constantinopla. Calisto aprendeu a oração contínua no monte Atos sem deixar o seu trabalho de cozinheiro. Lázaro, homem simples, repetia sem cessar a Oração de Jesus enquanto cumpria, no meio

do ruído, as tarefas que lhe tinham sido confiadas pela comunidade. Muitos outros praticaram do mesmo modo a invocação contínua do nome de Deus.

Se fosse impossível rezar durante trabalhos absorventes ou na companhia de outras pessoas, não teríamos recebido a ordem de o fazer. São João Crisóstomo ensina que ninguém deve dizer que as preocupações do mundo ou a impossibilidade de ir à igreja o impedem de rezar sempre. Onde quer que estejais, podeis erguer a Deus um altar no vosso pensamento. Podeis rezar enquanto trabalhais, em viagem, de pé atrás de um balcão ou sentados a fazer um trabalho manual. Em qualquer lugar é possível rezar.

Quem estiver convencido de que a oração deve ocupar o primeiro lugar encontrará ocasiões para ela. Organizará melhor os seus afazeres, será breve nas conversas necessárias, procurará o silêncio e evitará palavras inúteis. Também não se deixará perturbar excessivamente pelas contrariedades. Encontrará assim o caminho da oração e da paz. Aos poucos, pela invocação do nome de Deus, poderá passar da oração vocal frequente à oração mental e, desta, à oração do coração, que abre em nós o Reino de Deus.

O professor: Admito que seja possível, e até fácil, rezar frequentemente durante trabalhos manuais. Como não exigem uma reflexão profunda, o espírito pode entregar-se à oração enquanto o corpo trabalha, e os lábios podem acompanhá-lo. Mas, quando tenho de me dedicar a uma tarefa intelectual — ler com atenção, refletir sobre um problema difícil ou escrever —, como hei de rezar ao mesmo tempo com o espírito e com os lábios? Se a oração é, antes de mais, uma atividade do espírito, como posso concentrar o mesmo pensamento em duas tarefas tão diferentes?

O monge: A resposta torna-se mais clara se distinguirmos três situações entre os que rezam continuamente: a dos principiantes, a dos que já progrediram e a dos mais experientes. Mesmo durante um trabalho intelectual, os principiantes conseguem, de vez em quando, elevar o pensamento e o coração a Deus e repetir uma breve oração com os lábios. Quem já alcançou alguma firmeza interior pode refletir ou escrever sem perder a consciência da presença de Deus.

Imaginali que um rei severo vos ordena escrever, diante do seu trono, um tratado sobre um assunto abstrato. Podeis estar inteiramente concentrados no trabalho, mas a presença do rei, que tem autoridade sobre vós, não vos deixará esquecer que pensais e escreveis diante dele. Sabereis que estais num lugar que exige especial atenção e respeito. Esta imagem ajuda a compreender como é possível manter a oração interior mesmo durante um trabalho intelectual.

Quanto àqueles que, por um longo hábito ou pela graça de Deus, passaram da oração mental à oração do coração, nem o trabalho intelectual nem o sono interrompem a sua oração. Como diz a Escritura: «Eu durmo, mas o meu coração vela» (Ct 5,2). Neles, a invocação do nome divino tornou-se tão espontânea que o coração continua a rezar, sejam quais forem as circunstâncias ou a dificuldade das tarefas que ocupam o seu espírito.

O sacerdote: Permitti-me expor, por alguns instantes, o que penso. O texto que nos lestes afirma que o caminho para a salvação e a perfeição é rezar frequentemente, seja como for. Tenho, porém, dificuldade em compreendê-lo. De que me serve invocar sem cessar o nome de Deus apenas com os lábios, se estou distraído e nem presto atenção ao que digo? Não será uma repetição inútil? A língua continua a falar e acaba por perturbar a reflexão. Deus pede-nos um espírito atento e um coração puro. Não será preferível uma oração breve e menos frequente, mas feita com atenção, zelo e fervor?

Se uma oração repetida dia e noite não tiver sinceridade, receio que deixe de ser um ato de devoção. As palavras tornar-se-ão cansativas, perderemos o gosto de rezar e acabaremos por abandonar uma prática que nos parece estéril. A própria Escritura diz: «Este povo honra-me com os lábios, mas o seu coração está longe de mim» (Mt 15,8); «Nem todo aquele que me diz: “Senhor, Senhor” entrará no Reino dos Céus» (Mt 7,21); e «Prefiro dizer cinco palavras com a minha inteligência a dizer dez mil palavras numa língua desconhecida» (1 Cor 14,19). Estas passagens parecem mostrar a inutilidade de uma oração exterior e desatenta.

O monge: A vossa objeção teria fundamento se recomendássemos apenas rezar com os lábios, sem acrescentar que se deve fazê-lo continuamente, e se a invocação do nome de Jesus Cristo não tivesse uma

força própria, capaz de fazer nascer a atenção e o zelo mediante a prática perseverante. Estamos precisamente a falar da frequência e da continuidade da oração, ainda que, no início, ela seja acompanhada de distração e aridez.

Um autor espiritual, depois de explicar o valor de repetir frequentemente uma mesma oração, escreve: «Muitas pessoas consideradas instruídas julgam essa prática inútil, própria de ignorantes. Não conhecem o segredo que se esconde nesse exercício aparentemente mecânico. Não sabem que a invocação frequente com os lábios se transforma, pouco a pouco, num apelo sincero do coração. Penetra na vida interior, torna-se uma alegria e passa a alimentar e iluminar a alma, conduzindo-a à união com Deus.»

«Essas pessoas fazem-me lembrar crianças a quem se ensina o alfabeto. Cansadas, perguntam: “Não seria muito melhor ir passear ou brincar do que passar o dia a repetir o a, b, c e a escrever letras numa folha?” Ainda não compreendem a utilidade de aprender a ler, nem sabem que esse conhecimento só virá depois do esforço de memorizar as letras. Assim também, o valor da invocação simples e frequente do nome de Deus permanece escondido para quem ainda não experimentou os seus frutos. Essas pessoas avaliam-na apenas pela sua razão limitada e esquecem que o ser humano tem corpo e alma.»

Pensai, por exemplo, no jejum. Quando desejais purificar a alma, por que começais por cuidar do corpo, privando-o de certos alimentos e aceitando a mortificação? Para que ele não se torne um obstáculo e possa até ajudar-vos a procurar a pureza da alma e a clareza do espírito. A fome recorda-vos a decisão de procurar a perfeição interior e aquilo que agrada a Deus, que tão facilmente esquecemos. A experiência mostra-nos que, mediante esse ato corporal, podemos favorecer a paz do coração, refrear as paixões e fortalecer o esforço espiritual. Uma prática exterior pode, pois, ajudar a vida interior.

O mesmo acontece com a oração frequente dos lábios: com o tempo, conduz à oração interior do coração e favorece a união com Deus. Poder-se-ia pensar que a repetição e a aridez acabam por cansar os lábios e levam a pessoa a abandonar a prática. Mas a experiência dos que perseveraram mostra o contrário. No princípio, quem decide invocar sem cessar o nome

de Jesus sente dificuldade e tem de vencer a preguiça. À medida que pratica, familiariza-se com a oração. A língua e os lábios habituem-se a repeti-la até sem esforço, em silêncio. Quando a oração se interrompe, a pessoa sente que lhe falta alguma coisa. O espírito começa então a prestar atenção à invocação dos lábios; essa atenção abre o coração à alegria e à verdadeira oração.

O monge: Podeis ver, portanto, os efeitos benéficos da oração vocal frequente ou contínua, tão diferentes do que imaginam os que nunca a praticaram nem compreenderam. Quanto às passagens da Sagrada Escritura que citastes, o seu sentido torna-se mais claro se as examinarmos com atenção.

Jesus Cristo condenava a adoração hipócrita dos que O honravam apenas com os lábios ou clamavam «Senhor, Senhor» por ostentação, sem uma fé sincera no coração. Era essa a atitude dos fariseus orgulhosos. O próprio Cristo, porém, ensinou expressamente que é preciso «rezar sempre, sem desfalecer». Quando o apóstolo Paulo diz preferir cinco palavras ditas com inteligência a muitas palavras numa língua desconhecida, refere-se ao ensino em geral. Sobre a oração, diz claramente: «Quero, pois, que os homens orem em toda a parte» (1 Tm 2,8). É também dele o mandamento: «Orai sem cessar» (1 Ts 5,17). Vedes como a oração frequente pode dar fruto, apesar da sua simplicidade, e como é necessário ler a Escritura com cuidado?

O peregrino: É verdade, meu padre! Vi muitas vezes pessoas simples, sem instrução e que nem sabiam o que era rezar com atenção, repetir incessantemente com os lábios a Oração de Jesus. Chegavam a um ponto em que a língua e os lábios já não conseguiam deixar de a dizer. A oração dava-lhes luz e alegria e transformava-as: de pessoas fracas e descuidadas tornavam-se praticantes respeitáveis da ascese e exemplos de virtude.

O monge: A oração faz o ser humano nascer de novo, por assim dizer. O seu poder é tão grande que nenhum sofrimento consegue resistir-lhe. Se quiserdes, irmãos, leio-vos, antes de nos despedirmos, uma breve nota que trago comigo.

Todos: Ouvi-la-emos com muito gosto.

O monge:

Sobre o poder da oração

É tão grande a força da oração que podemos dizer: «Reza e faz o que quiseses», porque ela te há de conduzir ao que é justo e bom. Para agradar a Deus, basta amar: «Ama e faz o que quiseses», diz o bem-aventurado Agostinho, pois quem ama verdadeiramente não pode querer fazer o que desagrada à pessoa amada. Sendo a oração uma expressão viva do amor, podemos dizer, de modo semelhante, que a oração contínua basta para nos conduzir à salvação. «Reza e faz o que quiseses»: a oração iluminar-te-á e levar-te-á ao seu verdadeiro fim.

Vejamos alguns exemplos para compreender melhor estas palavras:

1. «Reza e pensa o que quiseses.» A oração purificará os teus pensamentos, dar-te-á discernimento e afastará o que te faz mal. São Gregório, o Sinaíta, aconselha a expulsar os maus pensamentos pela oração. Nada domina melhor os pensamentos inúteis. São João Damasceno diz também: «Vence, pelo nome de Jesus, os inimigos que se apoderam do teu espírito. Não encontrarás arma melhor.»
2. «Reza e faz o que quiseses.» Os teus atos tornar-se-ão agradáveis a Deus, úteis e salutareis. A oração frequente nunca deixa de dar fruto, qualquer que seja o motivo que te levou a começar, pois nela atua a graça: «Todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo» (At 2,21). Uma pessoa que rezava sem fervor e não obteve o que pretendia encontrou, por meio da oração, discernimento e desejo de arrependimento. Uma jovem dada aos divertimentos começou a rezar, e a oração mostrou-lhe o caminho da virgindade e da obediência aos ensinamentos de Cristo.
3. «Reza e não contes apenas com as tuas forças para vencer as paixões.» A oração ajudar-te-á a vencê-las, porque «Aquele que está em vós é maior do que aquele que está no mundo» (1 Jo 4,4). São João de Cárpato ensina que, se não consegues dominar-te, não deves desesperar: Deus pede-te que perseveres na oração, e ela salvar-te-á.

Conta-se na *Vida dos Padres* que um *starets*, depois de cair em pecado, não se entregou ao desânimo; recorreu à oração e recuperou a paz.

4. «Reza e nada temas.» Não tenhas medo das desgraças nem dos fracassos. A oração proteger-te-á. Lembra-te de São Pedro, que vacilou por ter pouca fé; de São Paulo, que rezava na prisão; do monge a quem a oração livrou das tentações; da jovem que, graças à oração, escapou às más intenções de um soldado. Estes e muitos outros exemplos mostram a força e o alcance da oração do nome de Jesus.
5. «Reza como puderes, mas reza sempre; não abandones a oração por nada deste mundo.» Conserva a alegria e a paz. A oração ajudar-te-á e ensinar-te-á. São João Crisóstomo afirma que a oração, mesmo feita por nós, carregados de pecados, nos purifica. São Marcos, o Asceta, diz: «Rezar, seja de que maneira for, está ao nosso alcance; rezar com pureza é um dom da graça.» Oferece, pois, a Deus o que podes oferecer. Ele dará força à tua fraqueza. A oração contínua, mesmo árida e distraída, criará um hábito, tornar-se-á uma segunda natureza e poderá transformar-se numa oração pura, luminosa e ardente.
6. Por fim, quanto mais tempo dedicares à oração, menos tempo te restará para praticar más ações ou sequer pensar nelas.

Compreendes agora o sentido profundo destas palavras: «Ama e faz o que quiseres»; «reza e faz o que quiseres»? Quanto consolo dão a quem sofre com a própria fraqueza e geme sob o peso das suas paixões!

A oração foi-nos dada como meio de salvação e de crescimento espiritual. Mas, ao recomendá-la, a Palavra de Deus acrescenta uma condição: «Orai sem cessar.» É quando rezamos repetida e continuamente que a oração revela toda a sua eficácia. A frequência depende da nossa vontade; a pureza, o fervor e a perfeição são dons da graça.

Rezemos, portanto, tanto quanto pudermos. Dedicemos toda a vida à oração, mesmo que, de início, estejamos sujeitos a distrações. A prática frequente há de ensinar-nos a prestar atenção. A quantidade conduzirá à qualidade. Como diz um autor espiritual experiente: «Se quereis aprender a

fazer bem alguma coisa, é preciso praticá-la tantas vezes quantas puderdes.»

O professor: A oração é, sem dúvida, muito importante, e a sua repetição fervorosa é a chave que abre o tesouro da graça. Mas quantas vezes me vejo dividido entre o fervor e a preguiça! Como ficaria feliz se encontrasse maneira de vencer esta luta e conseguisse decidir-me pela prática da oração contínua!

O monge: Muitos autores espirituais propõem meios, apoiados em boas razões, para nos estimular a rezar. Por exemplo:

1. Aconselham-nos a refletir sobre a necessidade, a excelência e a eficácia da oração para a salvação da alma.
2. Pedem-nos que reconheçamos que Deus nos manda rezar e que essa ordem se encontra na sua Palavra.
3. Recordam-nos que a preguiça e a negligência na oração impedem o progresso na vida espiritual e a obtenção da paz e da salvação, trazendo sofrimento nesta vida e na futura.
4. Animam-nos com o exemplo dos santos, que alcançaram a santidade e a salvação perseverando na oração.

Estes meios têm valor. No entanto, mesmo depois de os reconhecer, quem se habituou à indiferença e aos prazeres raramente consegue segui-los: a sua vontade enfraquecida acha-os difíceis de aceitar. Que cristão ignora que deve rezar com frequência e fervor, que Deus o manda fazer, que a preguiça o prejudica e que os santos rezaram perseverantemente? Apesar de saber tudo isto, basta-lhe examinar-se com atenção para ver quantas vezes deixa de pôr em prática tais conselhos e continua a viver como antes.

Os santos Padres, conhecendo a fraqueza da vontade humana e a atração que sentimos pelo prazer, apresentam-nos, por isso, outro caminho. Mostram que a maneira mais acessível de vencer a preguiça e a indiferença é descobrir, com a ajuda de Deus, a doçura e a imensidão do amor divino, a que podemos corresponder pela oração.

Recomendam-nos que observemos, sempre que possível, o estado da nossa alma e leiamos atentamente o que escreveram sobre ele. Asseguram-

nos que a oração pode trazer-nos alegrias interiores e mostram quanto elas são desejáveis. A oração do coração dá uma alegria íntima, uma paz profunda, leveza ao coração e um antegosto da felicidade. Ao pensar nestes frutos, a alma fraca e fria ganha novo ânimo e sente-se atraída para a oração.

Isaac, o Sírio, diz: «A alegria atrai a alma; nasce quando a esperança floresce no coração, e meditar nessa esperança traz-lhe bem-estar.» Acrescenta que empreender esse caminho implica ter esperança de alcançar o seu fim: essa esperança dá apoio à alma e consola-a enquanto se esforça.

São Hesíquio, depois de mostrar como a preguiça dificulta a oração e de corrigir certas ideias erradas sobre a maneira de recuperar o fervor, conclui: «Se não desejarmos o silêncio do coração por nenhuma outra razão, desejemo-lo ao menos pela alegria que proporciona à alma.»

Vemos que este Padre apresenta a alegria como incentivo para rezar sem cessar. Macário, o Grande, ensina igualmente que devemos praticar a oração esperando colher o seu fruto: a felicidade do coração. Muitas passagens da *Filocalia* descrevem com pormenor a alegria da oração. Quem luta contra a preguiça ou a aridez deve lê-las tantas vezes quantas puder, sem deixar de reconhecer a sua negligência nem de se julgar indigno dessa alegria.

O sacerdote: Não poderá uma meditação desse género levar uma pessoa inexperiente a procurar apenas consolações espirituais? Os teólogos alertam para o perigo de desejar em excesso as sensações agradáveis da oração, em vez de cumprir os deveres da fé pelo próprio dever, sem pensar na recompensa.

O professor: Parece-me que os teólogos nos previnem contra o excesso no desejo de prazer espiritual, mas não condenam a alegria e o consolo que a virtude pode trazer. O desejo de recompensa não é a perfeição; contudo, Deus não nos proibiu de pensar na alegria. Ele próprio apresenta recompensas para nos animar a cumprir os mandamentos.

Ao mandamento «Honra teu pai e tua mãe» segue-se a promessa «para que os teus dias se prolonguem sobre a terra». Cristo diz: «Se queres ser

perfeito, vai, vende o que possuis e segue-me»; e logo acrescenta, como incentivo: «Terás um tesouro no céu.» E diz ainda: «Bem-aventurados sereis quando os homens vos odiarem, vos rejeitarem, insultarem e proscreverem o vosso nome como infame por causa do Filho do Homem» (Lc 6,22). Esta exigência pede grande coragem e paciência; por isso, a promessa que a acompanha também é grande: «Será grande a vossa recompensa no céu.»

Creio, portanto, que algum desejo de encontrar plenitude na oração pode ajudar-nos tanto a fazer o esforço necessário como a alcançar o seu fruto. É precisamente o que confirmam os ensinamentos práticos que acabámos de ouvir do padre *skhimnik*.

O monge: Um verdadeiro teólogo, São Macário do Egito, responde com clareza a esta questão: «Quando plantais uma vinha, dedicais-lhe trabalho e cuidados na esperança de colher boas uvas; sem essa esperança, o vosso trabalho perderia o sentido. Assim acontece com a oração: se não procurardes os seus frutos espirituais — o amor, a paz, a alegria e os demais —, o vosso esforço será vão. Deveis, pois, rezar com o desejo e a esperança de colher esses frutos, o consolo e a alegria.»

Vedes como São Macário respondeu à pergunta sobre a alegria na oração? As suas palavras lembram-me o que li há pouco tempo num autor espiritual: a oração nasce de uma inclinação natural do ser humano. Penso que compreender essa inclinação poderá também ajudar-nos a rezar com perseverança, como o professor

O professor: A oração é, sem dúvida, muito importante, e a sua repetição fervorosa é a chave que abre o tesouro da graça. Mas quantas vezes me vejo dividido entre o fervor e a preguiça! Como ficaria feliz se encontrasse maneira de vencer esta luta e conseguisse decidir-me pela prática da oração contínua!

O monge: Muitos autores espirituais propõem meios, apoiados em boas razões, para nos estimular a rezar. Por exemplo:

1. Aconselham-nos a refletir sobre a necessidade, a excelência e a eficácia da oração para a salvação da alma.

2. Pedem-nos que reconheçamos que Deus nos manda rezar e que essa ordem se encontra na sua Palavra.
3. Recordam-nos que a preguiça e a negligência na oração impedem o progresso na vida espiritual e a obtenção da paz e da salvação, trazendo sofrimento nesta vida e na futura.
4. Animam-nos com o exemplo dos santos, que alcançaram a santidade e a salvação perseverando na oração.

Embora todos esses métodos tenham o seu valor e resultem de um julgamento sadio, a alma que ama o prazer e se abandona à indiferença, mesmo tendo-os admitido e praticado, raramente compreende o seu alcance pelo seguinte motivo: esses remédios são amargos pelo seu gosto arrefecido, e muito fracos pela sua natureza profundamente alterada. Haverá um cristão que ignore a necessidade de rezar com frequência e com fervor, que desconheça ser um dever ordenado por Deus, que somos lesados pela preguiça na oração, que todos os santos oraram com ardor e perseverança? Entretanto, é bem difícil esse conhecimento chegar a produzir frutos. Qualquer pessoa que se examine com cuidado, sente que raramente segue esses conselhos, e que, apesar de se lembrar dessas verdades, arrasta todo o tempo a mesma vida inútil e preguiçosa. Desse modo, em sua experiência e divina sabedoria, os santos Padres, conhecendo a fraqueza da vontade e o excessivo amor do coração humano ao prazer, assumem disposições particulares, e, para tanto, abrandam a provação e amenizam-na. Mostram que o meio eficaz e mais fácil de desfazer-se da preguiça e da indiferença pela oração consiste na descoberta, com o auxílio de Deus, da doçura e da imensidão do amor divino, ao qual a oração permitirá corresponder

Recomendam-nos que observemos, sempre que possível, o estado da nossa alma e leiamos atentamente o que escreveram sobre ele. Asseguram-nos que a oração pode trazer-nos alegrias interiores e mostram quanto elas são desejáveis. A oração do coração dá uma alegria íntima, uma paz profunda, leveza ao coração e um antegosto da felicidade. Ao pensar nestes frutos, a alma fraca e fria ganha novo ânimo e sente-se atraída para a oração.

Isaac, o Sírio, diz: «A alegria atrai a alma; nasce quando a esperança floresce no coração, e meditar nessa esperança traz-lhe bem-estar.»

Acrescenta que empreender esse caminho implica ter esperança de alcançar o seu fim: essa esperança dá apoio à alma e consola-a enquanto se esforça.

São Hesíquio, depois de mostrar como a preguiça dificulta a oração e de corrigir certas ideias erradas sobre a maneira de recuperar o fervor, conclui: «Se não desejarmos o silêncio do coração por nenhuma outra razão, desejemo-lo ao menos pela alegria que proporciona à alma.»

Vemos que este Padre apresenta a alegria como incentivo para rezar sem cessar. Macário, o Grande, ensina igualmente que devemos praticar a oração esperando colher o seu fruto: a felicidade do coração. Muitas passagens da *Filocalia* descrevem com pormenor a alegria da oração. Quem luta contra a preguiça ou a aridez deve lê-las tantas vezes quantas puder, sem deixar de reconhecer a sua negligência nem de se julgar indigno dessa alegria.

O sacerdote: Não poderá uma meditação desse género levar uma pessoa inexperiente a procurar apenas consolações espirituais? Os teólogos alertam para o perigo de desejar em excesso as sensações agradáveis da oração, em vez de cumprir os deveres da fé pelo próprio dever, sem pensar na recompensa.

O professor: Parece-me que os teólogos nos previnem contra o excesso no desejo de prazer espiritual, mas não condenam a alegria e o consolo que a virtude pode trazer. O desejo de recompensa não é a perfeição; contudo, Deus não nos proibiu de pensar na alegria. Ele próprio apresenta recompensas para nos animar a cumprir os mandamentos.

Ao mandamento «Honra teu pai e tua mãe» segue-se a promessa «para que os teus dias se prolonguem sobre a terra». Cristo diz: «Se queres ser perfeito, vai, vende o que possuis e segue-me»; e logo acrescenta, como incentivo: «Terás um tesouro no céu.» E diz ainda: «Bem-aventurados sereis quando os homens vos odiarem, vos rejeitarem, insultarem e proscreverem o vosso nome como infame por causa do Filho do Homem» (Lc 6,22). Esta exigência pede grande coragem e paciência; por isso, a promessa que a acompanha também é grande: «Será grande a vossa recompensa no céu.»

Creio, portanto, que algum desejo de encontrar plenitude na oração pode ajudar-nos tanto a fazer o esforço necessário como a alcançar o seu fruto. É precisamente o que confirmam os ensinamentos práticos que acabámos de ouvir do padre *skhimnik*.

O monge: Um verdadeiro teólogo — refiro-me a são Macário do Egito — escreve de maneira muito clara a esse respeito: "Quando plantais uma vinha, nela empregais todo o vosso empenho e trabalho com o fito de obter uma bela vindima; se assim não fizerdes, todo o vosso trabalho será inútil. O mesmo acontece com a oração: se não procurardes o fruto espiritual — quer dizer, o amor, a paz, a alegria e tudo o mais — o vosso trabalho terá sido em vão. Por esse motivo, deveríamos cumprir os nossos deveres espirituais (a oração) com o intuito e a esperança de colher os seus frutos, isto é, o consolo e a alegria". Vede como são Macário respondeu, com toda clareza, à vossa pergunta sobre a necessidade da alegria na oração. As suas palavras fazem-me lembrar o que li, não há muito tempo, nos escritos de um autor espiritual. Dizia mais ou menos assim: "O fato de a oração ser natural no homem é a causa principal da sua inclinação para ela". A análise dessa característica natural pode também, a meu ver, servir de poderoso meio para estimular o esforço na oração, meio que o professor aqui presente procura com tanto empenho.

O monge: Permitam-me resumir alguns pontos que mais me chamaram a atenção nesse caderno. Diz o autor, por exemplo, que a razão e a natureza levam o homem ao conhecimento de Deus. A primeira confirma o axioma de que não pode haver ação sem causa e, escalando as coisas sensíveis, da inferior à mais alta, chega à Causa primeira: Deus. A segunda manifesta a cada instante as maravilhas de uma sabedoria, de uma harmonia, de uma ordem, e torna-se, assim, o ponto de apoio dos degraus que conduzem das coisas finitas ao infinito. Assim sendo, o homem chega naturalmente ao conhecimento de Deus. Por esse motivo, não há, e nunca houve povo ou tribo bárbara desprovidos de um mínimo de conhecimento de Deus. Por causa desse conhecimento, o mais selvagem insulano, sem nenhum estímulo exterior, volta, por assim dizer, espontaneamente sua atenção para os céus, cai de joelhos, suspira por algo que não compreende, e tem o vivo sentimento de que uma força o atrai para o alto, e o impele para o infinito. É o fundamento de todas as religiões naturais.

A esse respeito, convém observar que, universalmente, a essência ou a alma de qualquer religião consiste na oração secreta que se manifesta por uma determinada forma de atividade do espírito, e, sem dúvida, como uma oblação, embora mais ou menos deformada pela opacidade em que ainda se encontra a inteligência dos povos pagãos. Quanto mais surpreendente é esse fato aos olhos da razão, mais nos importa descobrir a causa oculta dessa atitude maravilhosa que se exprime por uma tendência natural à oração. A resposta psicológica não é difícil de encontrar. A raiz e a força de todas as paixões e atos humanos é o amor inato do ser. O instinto de conservação, profundamente enraizado e universal, confirma-o. Todo o desejo humano, todo o empreendimento, toda a ação têm como fito a satisfação do amor de ser, a busca da plenitude pelo homem. A satisfação dessa necessidade acompanha o homem natural ao longo de toda a sua vida. Mas o espírito humano não se contenta com o que satisfaz os sentidos, e o amor inato de ser nunca se detém. O desejo se desenvolve sempre mais, o esforço para alcançar a plenitude aumenta, cumula a imaginação e impulsiona o sentimento para outro fim. O fluxo desse sentimento e desse desejo interior, à medida que se desenvolve, é o estímulo natural da oração. E é a própria exigência do amor de ser, quando se amplifica ao infinito. Quanto menos o homem natural consegue alcançar a felicidade, mais a persegue, o seu desejo mais aumenta e mais encontra, na oração, uma resposta para esse desejo. Recorre, para pedir o que deseja, à Causa desconhecida de tudo quanto existe. Assim sendo, esse amor inato de ser, elemento principal da vida, é, mesmo no homem natural, o propulsor da oração. O Criador, infinito conhecedor de todas as coisas, dotou a natureza do homem de uma aptidão ao amor de ser, precisamente como uma "solicitação", para usar a expressão dos Padres da Igreja, que erguerá o ser humano decaído até o contato das coisas celestes. Ah! se o homem não tivesse deturpado essa aptidão, se tão-somente a tivesse conservado na sua excelência, com a sua natureza espiritual, segundo a sua vocação, disporia de um meio eficaz para ser conduzido no caminho da perfeição espiritual. Infelizmente, muitas vezes ele transforma essa nobre tendência em paixão egoísta, quando dela faz o instrumento de sua natureza animal.

O starets: Agradeço-vos de todo o coração, caros visitantes. A vossa conversa trouxe-me muito consolo e ensinou-me coisas úteis. Que Deus vos conceda a sua graça em recompensa do vosso amor.

Todos se despedem.

SÉTIMO RELATO

O peregrino: O meu piedoso amigo, o professor, e eu estamos desejosos de iniciar a viagem. Antes de partirmos, porém, quisemos fazer-vos uma breve visita para nos despedirmos e vos pedir que rezeis por nós.

O professor: Este encontro e os ensinamentos espirituais que recebemos de vós e dos vossos amigos foram muito valiosos para nós. Guardaremos no coração a lembrança de tudo o que aqui nos destes, como sinal de amizade e de amor cristão, quando estivermos longe.

O starets: Agradeço-vos por vos terdes lembrado de mim. Chegais num momento muito oportuno: estão aqui dois viajantes, um monge moldavo e um eremita que viveu vinte e cinco anos em silêncio, no meio da floresta. Querem conhecer-vos. Vou chamá-los.

O peregrino: Ah, como é abençoada a vida solitária! Como ajuda a alma a manter-se unida a Deus! A floresta silenciosa parece um jardim do Éden, onde a árvore da vida cresce no coração do peregrino. Se pudesse viver assim, creio que nada extinguiria o meu desejo de ser eremita.

O professor: À distância, qualquer modo de vida nos pode parecer desejável. A experiência ensina-nos, porém, que todos têm vantagens e dificuldades. Para uma pessoa de natureza melancólica e inclinada ao silêncio, a solidão pode ser um alívio. Mas também apresenta perigos. A história da vida ascética conta-nos que alguns eremitas, completamente afastados da convivência humana, caíram em ilusões e graves tentações.

O eremita: Surpreende-me ouvir dizer tantas vezes, na Rússia, tanto nos mosteiros como entre os fiéis, que se deve dissuadir as pessoas da vida eremítica ou da oração interior por receio das ilusões. Insistindo nesse perigo, alguns renunciam depressa à vida interior e afastam dela os outros. Parece-me que há duas razões para isso: ou não compreendem bem o caminho espiritual e lhes falta orientação, ou são indiferentes à contemplação e receiam que pessoas que julgam inferiores a eles progridam mais do que eles próprios.

É pena que não estudem os ensinamentos dos santos Padres. Estes dizem-nos que não devemos recelar invocar a Deus. Se alguém caiu em ilusões, foi por orgulho, por não ter orientação espiritual ou por confundir imagens da imaginação com a realidade. Os Padres acrescentam que até uma prova dessas, quando Deus a permite, pode trazer maior discernimento: Ele vem prontamente em auxílio de quem a atravessa. «Estou convosco; não temais», diz Jesus Cristo.

Não há, portanto, motivo para abandonar a oração interior por medo da ilusão. Reconhecer humildemente os pecados, abrir sinceramente a alma a um pai espiritual e não formar imagens durante a oração são defesas seguras. Aliás, também quem evita a oração interior pode cair em engano. Filoteu, o Sinaíta, adverte que há monges que se limitam às boas obras exteriores e desconhecem a contemplação interior, sem se aperceberem do erro em que vivem. São Gregório, o Sinaíta, observa igualmente que alguns, por ciúme, chamam ilusão à transformação interior produzida pela graça.

O professor: Permitti-me fazer-vos uma pergunta. Quem presta atenção a si mesmo acaba certamente por reconhecer os seus pecados. Mas que devemos fazer quando não temos um pai espiritual experiente a quem abrir o coração e que possa orientar-nos com segurança na vida interior? Será preferível não começar a praticar a contemplação do que avançar sem guia?

Há ainda outra coisa que não compreendo: como podemos colocar-nos na presença de Deus sem formar qualquer imagem? Parece-me natural que a mente represente alguma coisa. Quando a alma se volta para Deus, por que não há de imaginar Jesus Cristo ou a Santíssima Trindade?

O eremita: O conselho de um pai espiritual ou de um *starets* experiente, a quem possamos confiar diariamente os pensamentos e as dificuldades do nosso caminho interior, tem uma importância primordial na prática da oração do coração e da vida de silêncio. Mas os santos Padres admitem que nem sempre é possível encontrar tal pessoa. Nicéforo, o Monge, dá esta orientação: «Na prática da vida interior do coração, é necessário um pai espiritual autêntico e instruído. Se não conheceis nenhum, procurai-o. Se, apesar disso, não o encontrardes, pedi humildemente a ajuda de Deus, buscai instrução nos ensinamentos dos santos Padres e confrontai-os com a Palavra de Deus nas Escrituras.»

Quem procura com boa vontade e zelo também pode receber uma palavra útil de qualquer pessoa. Os Padres dizem que, se perguntarmos com fé e reta intenção, até de um sarraceno poderemos ouvir algo proveitoso. Se, pelo contrário, pedirmos conselho a um profeta sem fé nem sinceridade, não saberemos recebê-lo. Conta-se que Macário, o Grande, encontrou resposta para uma angústia nas palavras de um simples camponês.

Quanto à ausência de imagens na oração, os Padres experientes recomendam que não procuremos formar representações nem aceitemos como visões espirituais imagens de anjos, de Cristo ou dos santos. A imaginação consegue dar uma aparência muito viva aos nossos pensamentos. Uma pessoa inexperiente pode tomar essas imagens por manifestações da graça e cair em ilusão. A Escritura adverte-nos de que até Satanás pode apresentar-se como um anjo de luz.

É possível recordar a presença de Deus sem O representar por uma imagem. Pensai, por exemplo, no ar, na alma, no calor ou no frio. Quem sente frio consegue pensar claramente no calor, embora este não tenha uma forma visível. Do mesmo modo, podemos ter consciência da presença espiritual de Deus no coração, sem lhe atribuir qualquer figura.

O peregrino: Nas minhas viagens encontrei pessoas devotas, desejosas de se salvar, que receavam a vida interior por a considerarem uma ilusão. Li a algumas delas, com proveito, o ensinamento de São Gregório, o Sinaíta, na *Filocalia*. Segundo ele, «o movimento do coração não pode ser uma ilusão como pode ser o do espírito: se o inimigo tentasse transformar o calor do coração no seu próprio fogo ou substituir a alegria do coração por prazeres sensíveis, o tempo, a experiência e o próprio sentimento revelariam o engano, mesmo a quem fosse pouco instruído».

Também encontrei pessoas que, depois de conhecerem o silêncio e a oração do coração, se depararam com dificuldades ou cometeram alguma falta. Desanimaram então e abandonaram a vida interior que tinham começado a praticar.

O professor: Compreendo-as. Também eu me senti assim, por vezes, quando perdi a paz interior ou cometi alguma falta. Se a oração interior é algo sagrado, uma união com Deus, não será uma ousadia continuar a

praticá-la com um coração marcado pelo pecado? Não deveríamos primeiro purificar-nos pelo arrependimento e preparar-nos para voltar a Deus? Parece-me melhor permanecer calado diante d'Ele do que dizer palavras sem atenção enquanto o coração está em confusão.

O monge: Lamento que penseis assim. Isso é desânimo, uma das armas mais perigosas das trevas contra nós. Os Padres experientes ensinam precisamente o contrário. Nicetas Stétatos afirma que, mesmo depois de uma queda muito grave, não devemos desesperar: devemos voltar imediatamente para Deus. Ele erguerá o coração e poderá dar-lhe ainda mais força do que antes. Depois de cada falta, é preciso colocar sem demora o coração na presença de Deus, para que Ele o cure e purifique, tal como os raios do sol ajudam a eliminar a corrupção daquilo que é exposto à sua luz.

Muitos autores espirituais são claros a este respeito: mesmo que caiais mil vezes, nunca abandoneis a invocação de Jesus Cristo no coração. Os pecados não devem afastar-vos da presença de Deus e da oração interior, deixando-vos entregues à inquietação e à tristeza. Devem levar-vos a voltar imediatamente para Ele. Uma criança que aprende a andar pela mão da mãe volta-se para ela e agarra-se-lhe com força quando está prestes a cair.

O eremita: Penso que o desânimo, os pensamentos perturbadores e as dúvidas surgem facilmente quando a mente se dispersa e perdemos o silêncio interior. Os antigos Padres venceram o desânimo e encontraram luz e força na esperança firme em Deus, na quietude e na solidão. Deixaram-nos este precioso conselho: «Senta-te em silêncio na tua cela, e ela tudo te ensinará.»

O professor: Tenho confiança em vós e gostaria de ouvir o que pensais das minhas dúvidas acerca do silêncio e da vida solitária. O Criador fez-nos viver em relação uns com os outros: precisamos de ajuda mútua, trabalhamos e prestamos serviços uns aos outros. Essa convivência contribui para o bem de todos e exprime o amor ao próximo. Mas como pode servir os outros um eremita que se afastou da sociedade? Que contributo dá ele ao bem comum? Não deixará de cumprir essa lei de amor e ajuda mútua que o Criador inscreveu na vida humana?

O eremita: Parece-me que compreendeis mal o silêncio e, por isso, chegais a uma conclusão errada. Vejamos a questão com mais cuidado.

1. Quem vive em silêncio e solidão não está ocioso. Pode até ser mais ativo interiormente do que quem vive em comunidade. Vigia, medita e dedica toda a atenção ao estado e ao progresso da sua alma: é essa a finalidade do silêncio. Ao crescer interiormente, também pode ajudar os que não conseguem entregar-se do mesmo modo à contemplação. Quando comunica a sua experiência, oralmente em ocasiões excepcionais ou por escrito, contribui para o bem espiritual e a salvação dos seus irmãos. Os seus ensinamentos podem chegar a muitas pessoas e passar de geração em geração, como acontece com os escritos de que ainda hoje beneficiamos. Isso também é uma forma de amor cristão.
2. O eremita ajuda os outros não só pelo que comunica, mas também pelo exemplo da sua vida. Quem ouve falar de uma pessoa dedicada a Deus, ou passa junto da sua ermida, pode sentir-se chamado a olhar para dentro de si e a procurar uma vida espiritual mais profunda. O eremita ensina pelo próprio silêncio; a sua vida pode despertar nos outros o desejo de procurar Deus.

Santo Isaac, o Sírio, exalta assim o silêncio: «Se colocarmos de um lado as obras desta vida e, do outro, o silêncio, veremos para que lado pende a balança. Não equiparemos os que fazem prodígios no mundo aos que perseveraram plenamente no silêncio. Amai o silêncio mais do que as pessoas do mundo amam aquilo que procuram. Vale mais libertar-se dos laços do pecado do que libertar escravos do seu cativeiro.»

Também alguns pensadores que não seguiram esta vida reconheceram o valor do silêncio. Os neoplatónicos, reunidos em torno de Plotino, atribuíram grande importância à contemplação, favorecida pelo recolhimento. Um autor espiritual escreveu que, mesmo numa sociedade com costumes e educação muito desenvolvidos, será sempre necessário haver pessoas dedicadas à contemplação, para conservar e transmitir às gerações futuras o espírito de verdade recebido das gerações anteriores. Na Igreja, essas pessoas são os eremitas e os que vivem recolhidos em solidão.

O peregrino: Creio que ninguém louvou tanto o silêncio como São João Clímaco: «O silêncio é mãe da oração, libertação do cativo do pecado, progresso invisível na virtude e subida contínua ao Céu.» O próprio Jesus, mostrando-nos o valor do recolhimento, afastava-se por vezes da pregação pública e retirava-se para lugares solitários, onde rezava e repousava.

Os que se entregam à contemplação silenciosa sustentam a Igreja com a sua oração íntima e contínua. Desde há muito que fiéis devotos, incluindo reis e membros das suas cortes, visitam eremitas para lhes pedir orações, a fim de receberem força e ajuda no caminho da salvação. Também quem vive retirado pode, portanto, servir o próximo e contribuir para o bem de todos ao rezar na solidão.

O professor: Há ainda algo que me custa compreender. É costume, entre os cristãos, pedirmos uns aos outros que rezem por nós, sobretudo quando confiamos na oração de uma pessoa da Igreja. Mas não será isso apenas uma expressão de solidariedade, humildade e amizade? Se Deus, na sua providência, tudo conhece e age segundo a sua vontade, precisará da intercessão humana? Poderão muitas orações mudar os seus desígnios mais do que uma só? E poderá a oração de outra pessoa contribuir realmente para a minha salvação, se cada um responde pelos seus próprios atos?

O monge: Se olharmos apenas para o lado exterior da questão, poderemos pensar assim. Mas a experiência da vida espiritual e a luz da revelação permitem-nos compreendê-la melhor. Começemos por um exemplo e vejamos depois o que diz a Palavra de Deus.

Imaginal um aluno com dificuldades nos estudos. Por falta de aptidão e, sobretudo, por preguiça e distração, não consegue progredir. Desanimado, conta as suas dificuldades a um colega. O amigo propõe-lhe: «Estudemos juntos. Teremos mais ânimo, o trabalho será mais agradável e conseguiremos melhores resultados.» Começam a estudar lado a lado e a partilhar o que vão aprendendo. Com o tempo, o primeiro aluno ganha gosto pelo estudo e torna-se aplicado; o segundo também aprende mais. Ambos beneficiam dessa ajuda mútua. É natural que assim seja: vivemos em relação uns com os outros e, pela convivência, desenvolvemos a inteligência, a vontade e o modo de agir.

Também na vida espiritual nos influenciemos mutuamente. Uma pessoa desanimada pode ganhar coragem junto de outra; quem anda disperso pode aprender a prestar atenção; quem vive afastado da oração pode sentir-se atraído para ela. Assim nos ajudamos a crescer na fé, no fervor e na humildade. Este é o segredo da oração pelos outros e a razão do costume cristão de pedirmos uns aos outros que rezemos.

Não devemos imaginar que a oração agrade a Deus como os pedidos insistentes agradam a um governante terreno. Pela sua própria força, a oração pode purificar e elevar a alma daquele por quem é oferecida, preparando-a para a união com Deus. E, se a oração mútua entre os vivos é tão benéfica, podemos compreender a importância da oração pelos mortos, dados os laços que unem a Igreja na terra à Igreja no Céu.

Até aqui apresentei-vos um raciocínio fundado na experiência humana. Abramos agora a Sagrada Escritura:

1. Jesus Cristo disse ao apóstolo Pedro: «Eu orei por ti, para que a tua fé não desfaleça.» A oração de Cristo fortaleceu Pedro quando a sua fé foi posta à prova.
2. Quando Pedro esteve preso, «a Igreja orava incessantemente por ele». Vemos aqui como a oração dos irmãos o acompanhou numa situação difícil.
3. O apóstolo Tiago dá-nos uma ordem clara: «Confessai uns aos outros os vossos pecados e orai uns pelos outros para serdes curados. A oração fervorosa do justo tem grande poder.»

O exemplo de São Paulo confirma também a necessidade da oração mútua. Um autor espiritual observa que, se até um apóstolo tão santo e sábio pediu essa ajuda, não devemos pensar que nos bastam as nossas próprias orações. Paulo escreveu: «Orai por nós, pois estamos convencidos de ter uma boa consciência e desejamos proceder bem em tudo» (Hb 13,18). Pediu humildemente que os outros unissem as suas orações às dele. Não desprezemos, portanto, a oração de nenhum fiel, por mais humilde que seja. A oração uns pelos outros fortalece a unidade do amor cristão: revela a humildade de quem a pede e anima a fé de quem a oferece.

O professor: As vossas razões parecem-me justas. Gostaria, porém, que nos explicásseis como devemos rezar pelos outros. Se pensarmos neles e nas suas dificuldades, não correremos o risco de nos distrair da presença contínua de Deus? Bastará pedir por eles uma ou duas vezes por dia? Em que consiste, exatamente, esta oração?

O monge: Rezar a Deus por alguém não nos afasta da sua presença: uma oração dirigida a Deus faz-se precisamente diante d'Ele. A força desta oração está na verdadeira compaixão cristã por quem a recebe. Por isso, quando vos lembrardes de uma pessoa, espontaneamente ou num momento reservado para rezar por ela, colocai-a na presença de Deus e dizei:

«Deus misericordioso, faça-se a tua vontade. Tu, que desejas que todos se salvem e cheguem ao conhecimento da verdade, salva e ajuda o teu servo N. Aceita este desejo que te apresento como expressão do amor que nos mandaste ter uns pelos outros.»

Podeis repetir esta oração sempre que sentirdes vontade de o fazer, ou rezá-la com o vosso terço. A minha experiência mostrou-me quanto ela beneficia aqueles por quem é oferecida.

O professor: A vossa explicação, os argumentos que apresentastes e os pensamentos que esta conversa despertou em mim merecem ser guardados com cuidado. Recebei o meu profundo respeito e reconhecimento.

O peregrino e o professor: Chegou a hora de partirmos. Pedimos-vos, do fundo do coração, que rezeis pela nossa viagem e pela nossa amizade.

O starets: Que o Deus da paz, que ressuscitou dos mortos o grande Pastor das ovelhas, Nosso Senhor Jesus Cristo, pelo sangue de uma aliança eterna, vos torne capazes de cumprir a sua vontade em tudo o que é bom. Que Ele realize em nós o que Lhe é agradável, por Jesus Cristo, a quem seja dada glória pelos séculos dos séculos. Ámen (Hb 13,20-21).

FIM